

Julio Cortázar

ALGUÉM QUE  
ANDA POR AÍ



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Julio Cortázar

Alguém que  
anda por aí

Tradução

*Remy Gorga Filho*



# Sumário

Troca de luzes

Ventos alísios

Segunda vez

Você se deitou a teu lado

Em nome de Bobby

Apocalipse de Solentiname

A barca ou Nova visita a Veneza

Reunião com um círculo vermelho

As caras da medalha

Alguém que anda por aí

A noite de Mantequilla

## Troca de luzes

Essas quintas-feiras ao cair a noite quando Lemos me chamava depois do ensaio na Rádio Belgrano e entre dois cinzanos os projetos de novas peças, ter de escutá-los com tanta vontade de sair na rua e esquecer-me do radioteatro por dois ou três séculos, mas Lemos era o autor da moda e me pagava bem para o pouco que eu devia fazer em seus programas, papéis antes secundários e em geral antipáticos. Você tem a voz que convém, dizia Lemos amavelmente, o radiouvinte o ouve e o odeia, não precisa que traia ninguém ou que mate sua mãe com estricnina, você abre a boca e aí logo meia Argentina gostaria de rebentar sua alma a fogo lento.

Não Luciana, exatamente no dia em que o nosso galã Jorge Fuentes no fim de *Rosas da ignomínia* recebia duas cestas de cartas de amor e um cordeirinho branco mandado por uma estancieira romântica das bandas de Tandil, o baixinho Mazza me entregou o primeiro envelope lilás de Luciana. Acostumado ao nada em tantas de suas formas, guardei-o no bolso antes de ir ao café (tínhamos uma semana de descanso depois do sucesso de *Rosas* e o começo de *Pássaro na Tormenta*) e apenas no segundo martini com Juárez Celman e Olive me veio a lembrança a cor do envelope e me dei conta de que não tinha lido a carta; não quis diante deles porque esses chatos procuram assunto e um envelope lilás é uma mina de ouro, esperei chegar ao meu apartamento onde a gata pelo menos não prestava atenção nessas coisas, dei-lhe seu leite e sua ração de festas, conheci Luciana.

Não preciso ver uma foto sua, dizia Luciana, não me importo que *Sintonía y Antena* publiquem fotos de Míguez e Jorge Fuentes, mas nunca as suas, não me importo porque tenho sua voz, e também não me importo que digam que é antipático e vilão, não me importo que seus papéis enganem todo mundo, pelo contrário, porque crio a ilusão de ser só eu quem sabe a verdade: o senhor sofre quando interpreta esses papéis, põe o seu talento, mas eu sinto que não está aí de verdade como Míguez ou Raquelzinha Bailey, é tão diferente do príncipe cruel de *Rosas da Ignomínia*. Achando que odeiam o príncipe odeiam o senhor, as pessoas confundem e já notei com minha tia Poli e outras pessoas no ano passado quando o senhor era Vassilis, o contrabandista assassino. Esta tarde me senti um pouco só e quis lhe dizer isto, talvez não seja a única que lhe disse isto e de alguma maneira desejo-o pelo senhor, que se saiba acompanhado apesar de tudo, mas ao mesmo tempo gostaria de ser a única que sabe ver o outro lado de seus papéis e sua voz, que está certa de conhecê-lo de verdade e de admirá-lo mais que aqueles que tem papéis fáceis. É como com Shakespeare, nunca disse isto a ninguém, mas quando o senhor fez o papel, gostei mais de Yago que de Otelo. Não se sinta obrigado a responder-me, anote meu endereço se realmente quer fazê-lo, mas se não o fizer eu me sentirei igualmente feliz por lhe haver escrito tudo isto.

Caía a noite, a letra era leve e fluida, a gata adormecera depois de brincar com o envelope lilás na almofada do sofá. Desde a irreversível ausência de Bruna não se jantava mais no meu apartamento, as conservas bastavam à gata e a mim; e a mim especialmente o conhaque e o cachimbo. Nos dias de descanso (depois teria que trabalhar o papel de *Pássaro na Tormenta*) reli a carta de Luciana sem intenção de respondê-la porque nesse terreno um ator, mesmo que receba apenas uma carta cada três anos, estimada Luciana, respondi-lhe antes de ir ao cinema na sexta-feira à noite, comovem-me suas palavras e esta não é uma frase de cortesia. Claro que não o era, escrevi como se essa mulher que imaginava antes pequenina e triste e de cabelo castanho com olhos claros estivesse sentada aí e eu lhe dissesse que suas palavras me comoviam. O resto saiu mais convencional porque não achava o que lhe

dizer depois da verdade, tudo se limitava a encher o papel, duas ou três frases de simpatia e gratidão, seu amigo Tito Balcárcel. Mas havia outra verdade no *post-scriptum*: Alegro-me por me haver dado seu endereço, teria sido triste não poder dizer-lhe o que sinto.

A ninguém agrada confessá-lo, quando não se trabalha a gente acaba por se aborrecer um pouco, pelo menos alguém como eu. Quando rapaz tinha muitas aventuras sentimentais, nas horas livres podia recorrer ao espinhel e quase sempre havia pesca, mas depois veio Bruna e isso durou quatro anos, aos trinta e cinco a vida em Buenos Aires começa a desbotar-se e parece que fica menor, pelo menos para alguém que vive só com uma gata e não é grande leitor nem amigo de caminhar muito. Não que me sinta velho, pelo contrário; antes pareceria que são os outros, as coisas mesmas que envelhecem e se deterioram; daí talvez preferir as tardes no apartamento, ensaiar *Pássaro na Tormenta* sozinho com a gata me olhando, vingar-me desses papéis ingratos levando-os à perfeição, fazendo-os meus e não de Lemos, transformando as frases mais simples em um jogo de espelhos que multiplica o perigo e o fascínio do personagem. E assim à hora de ler o papel no rádio tudo estava previsto, cada vírgula e cada inflexão da voz, graduando os caminhos do ódio (outra vez era um desses personagens com alguns aspectos perdoáveis, mas pouco a pouco caindo na infâmia até um epílogo de perseguição à beira de um precipício e salto final para grande contentamento dos radiouvintes). Quando entre dois mates encontrei a carta de Luciana esquecida na estante das revistas e a reli de puro aborrecimento, aconteceu que a vi de novo, sempre fui visual e fabrico facilmente qualquer coisa, de saída Luciana me havia parecido antes pequenina e da minha idade ou por aí, sobretudo com olhos claros e transparentes, e de novo a imaginei, voltei a vê-la assim pensativa antes de me escrever cada frase e depois decidindo-se. De uma coisa estava certo, Luciana não era mulher de rascunhos, certo que havia hesitado antes de me escrever, mas depois, ouvindo-me em *Rosas da Ignomínia*, as frases lhe foram saindo, sentia-se que a carta era espontânea e ao mesmo tempo — talvez pelo papel lilás — dando-me a sensação de um licor que dormiu longamente em seu frasco.

Até sua casa imaginei tão só com entornar os olhos, sua casa devia ser dessas de pátio coberto ou pelo menos varanda com plantas, cada vez que pensava em Luciana via-a no mesmo lugar, a varanda substituindo finalmente o pátio, uma varanda fechada com claraboias de vidros coloridos e biombos que deixavam passar a luz acinzentando-a. Luciana sentada em uma poltrona de vime e me escrevendo o senhor é muito diferente do príncipe cruel de *Rosas da Ignomínia*, levando a lapiseira à boca antes de continuar, ninguém sabe disso porque tem tanto talento que as pessoas o odeiam, o cabelo castanho como que envolto por uma luz de velha fotografia, esse ar cinzento e ao mesmo tempo nítido da varanda fechada, gostaria de ser a única que sabe ver o outro lado de seus papéis e sua voz.

Na véspera do primeiro capítulo de *Pássaro* precisei almoçar com Lemos e os outros, ensaiamos algumas cenas dessas que Lemos chamava de chave e nós de cravo<sup>[1]</sup>, choque de temperamentos e descargas dramáticas, Raquelzinha Bailey muito bem no papel de Josefina, a soberba garota que lentamente eu envolveria em minha consabida teia de maldades para as quais Lemos não tinha limites. Os outros cabiam bem em seus papéis, amaldiçoada diferença entre essa e as dezoito radionovelas que já havíamos apresentado. Se me lembro do ensaio é porque o baixinho Mazza me trouxe a segunda carta de Luciana e dessa vez senti vontade de lê-la em seguida e fui um instante ao banheiro enquanto Angelita e Jorge Fuentes juravam amor eterno em um baile do Gimnasia y Esgrima<sup>[2]</sup>, aqueles cenários de Lemos que desencadeavam o entusiasmo dos *habitués* e davam mais força às identificações psicológicas com os personagens, pelo menos segundo Lemos e Freud.

Aceitei o seu simples, lindo convite para conhecê-la em uma confeitaria de Almagro. Havia o detalhe monótono do reconhecimento, ela de vermelho e eu levando o jornal dobrado em quatro, não podia ser de outro modo e o resto era Luciana me escrevendo de novo na varanda coberta, só com a mãe ou talvez com o pai, desde o princípio havia visto um velho com ela em uma casa para uma família, maior e agora cheia de vazios onde habitava a melancolia da mãe por outra filha morta ou ausente,

porque talvez a morte passara pela casa não fazia muito, e se o senhor não quer ou não pode eu saberei compreender, não me cabe tomar a iniciativa mas também sei — havia-o sublinhado sem ênfase — que alguém como o senhor está por cima de muitas coisas. E acrescentava algo que eu não havia pensado e que me encantou, o senhor não me conhece salvo por essa outra carta, mas faz três anos que vivo sua vida, sinto-o como é de verdade em cada personagem novo, arranco-o do teatro e é sempre o mesmo para mim quando já não tem a anteface do seu papel. (Perdi essa segunda carta, mas as frases eram assim, diziam isto; lembro-me em compensação que guardei a primeira carta em um livro de Moravia que estava lendo, estou certo de que continua lá na biblioteca.)

Se houvesse contado a Lemos teria dado a ele uma ideia para outra peça, óbvio que o encontro se realizava depois de algumas alternativas de suspense e então o rapaz descobria que Luciana era idêntica ao que havia imaginado, prova de como o amor antecipa-se ao amor e o olhar ao olhar, teorias que sempre funcionavam bem na Rádio Belgrano. Luciana, porém, era uma mulher de mais de trinta anos, bem vividos, é verdade, bastante menos miúda que a mulher das cartas na varanda, e com um belo cabelo negro que vivia por conta própria quando ela mexia a cabeça. Do rosto de Luciana eu não tinha feito uma imagem precisa salvo dos olhos claros e da tristeza; os que agora me receberam sorrindo eram marrons e nada tristes sob o cabelo ondulante. Que gostasse de uísque me pareceu simpático, pelo lado do Lemos quase todos os encontros românticos começavam com chá (e com Bruna tinha sido café com leite em um vagão de trem). Não se desculpou pelo convite, e eu que às vezes represento, porque no fundo não acredito muito em nada do que me acontece, me senti muito bem e o uísque desta vez não era falsificado. De fato, passamos muito bem e foi como se nos tivessem apresentado por acaso e sem subentendidos, como começam as boas relações em que ninguém tem nada para exhibir ou dissimular; era lógico que se falasse sobretudo de mim porque eu era o conhecido e ela apenas duas cartas e Luciana, por isso sem parecer vaidoso deixei que me lembrasse em tantas novelas radiofônicas, aquela em que me matavam com torturas, a dos operários sepultados na mina, alguns outros papéis. Pouco a pouco eu ajustava seu rosto e voz, afastando-me a custo das cartas, da varanda fechada e da poltrona de vime; antes de separar-nos fiquei sabendo que vivia em um apartamento térreo muito pequeno e com sua tia Poli, que lá pelos anos trinta tocara piano em Pergaminho. Também Luciana fazia seus ajustes de sempre nessas relações de cabra-cega, quase ao final disse que tinha me imaginado mais alto, cabelo crespo e olhos cinzentos; eu me espantei quanto ao cabelo crespo porque em nenhum dos meus papéis tinha me sentido a mim mesmo com o cabelo crespo, mas talvez sua ideia fosse como uma soma, um amontoado de todas as canalhices e as traições das novelas de Lemos. Comentei isso de brincadeira e Luciana disse que não, via as personagens tal qual Lemos as pintava, mas ao mesmo tempo era capaz de ignorá-las, de maravilhosamente ficar só comigo, minha voz e sabe-se lá por que, uma imagem de alguém mais alto, alguém com o cabelo crespo.

Se Bruna ainda estivesse em minha vida não acredito que me apaixonasse por Luciana; sua ausência era ainda muito presente, um buraco no ar que Luciana começou a encher sem sabê-lo, provavelmente sem esperá-lo. Nela, ao contrário, tudo foi mais rápido, foi passar da minha voz a esse outro Tito Balcárcel de cabelo liso e menos personalidade que os monstros de Lemos; todas essas operações duraram apenas um mês, realizaram-se em dois encontros em cafés, um terceiro no meu apartamento, a gata aceitou o perfume e a pele de Luciana, dormiu em seu colo, não pareceu de acordo com um anoitecer em que de repente sentiu-se sobrar, em que precisou pular miando ao chão. Tia Poli foi viver em Pergaminho com uma irmã, sua missão estava cumprida e Luciana mudou-se para minha casa esta semana; quando a ajudei a preparar suas coisas senti falta da varanda coberta, de luz cinzenta, sabia que não as encontraria e apesar disso havia algo como que uma carência, uma imperfeição. Na tarde da mudança tia Poli me contou docemente a pequena saga da família, a infância de Luciana, o noivo aspirado para sempre por uma oferta de frigoríficos de Chicago, o casamento com um hoteleiro da Primeira Junta e a ruptura seis anos atrás, coisas que eu tinha sabido por Luciana, mas de outra maneira,

como se ela não tivesse falado verdadeiramente de si mesma agora que parecia começar a viver por conta de outro presente, do meu corpo contra o seu, os pratinhos de leite da gata, o cinema a todo momento, o amor.

Lembro-me que foi mais ou menos na época de *Sangue nas Espigas* que pedi a Luciana que clareasse o cabelo. No princípio pareceu-lhe um capricho de ator, se quiser compro uma peruca, disse-me rindo, e a propósito você ficaria tão bem com uma de cabelo crespo, já que o assunto é este. Mas quando insisti uns dias depois, disse bem, afinal dava no mesmo o cabelo negro ou castanho, foi quase como se compreendesse que em mim essa mudança não tinha nada a ver com minhas manias de ator mas com outras coisas, uma varanda coberta, uma poltrona de vime. Não precisei pedir outra vez, gostei que o tivesse feito por mim e o disse muitas vezes enquanto nos amávamos, enquanto me perdia em seu cabelo e seus seios e me deixava escorregar com ela para outro longo sonho boca a boca. (Talvez na manhã seguinte, ou foi antes de sair para as compras, não me lembro bem, arranjei seu cabelo com as duas mãos e o amarrei na nuca, garanti que ficava melhor assim. Ela se olhou no espelho e não disse nada, embora tenha sentido que não estava de acordo e que tinha razão, não era mulher para prender o cabelo, impossível negar que ficava melhor quando o levava solto antes de clareá-lo, mas não lhe disse isso porque gostava de vê-la assim, vê-la melhor que naquela tarde quando tinha entrado pela primeira vez na confeitaria.)

Jamais gostei de me ouvir representando, fazia meu trabalho e pronto, os colegas estranhavam essa falta de vaidade que neles era tão visível; deviam pensar, talvez com razão, que a natureza dos meus papéis não me estimulava muito a lembrá-los, e por isso Lemos me olhou com as sobrancelhas levantadas quando lhe pedi os discos de arquivo de *Rosas da Ignomínia*, me perguntou para que os queria e lhe respondi qualquer coisa, problemas de dicção que me interessava superar ou algo assim. Quando cheguei com o álbum de discos, Luciana também se surpreendeu um pouco porque eu nunca lhe falava do meu trabalho, era ela que sempre me dava suas impressões, me ouvia todas as tardes com a gata no colo. Repeti o que dissera a Lemos, mas em vez de ouvir as gravações em outro quarto, trouxe o toca-discos à sala e pedi a Luciana que ficasse um pouco comigo, eu mesmo preparei o chá e ajetei as luzes para que estivesse cômoda. Por que está mudando de lugar essa luminária, perguntou Luciana, está bem aí. Ficava bem como objeto, jogava, porém, uma luz crua e quente sobre o sofá onde se sentava Luciana, era melhor que só lhe chegasse a penumbra da tarde vinda da janela, uma luz um pouco cinzenta que se misturava em seu cabelo, em suas mãos ocupadas com o chá. Você me mima demais, disse Luciana, tudo para mim e você aí, num canto, nem sequer se senta.

Claro que pus apenas algumas passagens de *Rosas*, o tempo de duas taças de chá e um cigarro. Fazia-me bem olhar Luciana atenta ao drama, às vezes levantando a cabeça quando reconhecia minha voz e sorrindo para mim como se não lhe importasse saber que o miserável cunhado da pobre Carminha começava suas intrigas para ficar com a fortuna dos Pardo, e que a sinistra tarefa continuaria ao longo de muitos episódios até o inevitável triunfo do amor e da justiça segundo Lemos. No meu canto (tinha aceitado uma taça de chá a seu lado, mas depois voltara ao fundo da sala como se dali se ouvisse melhor) eu me sentia bem, reencontrava por um momento algo que me estivera faltando; gostaria que tudo isso se prolongasse, que a luz do anoitecer continuasse parecendo-se a da varanda coberta. Não podia, claro, então parei o toca-discos e saímos juntos à sacada depois que Luciana devolveu a luminária a seu lugar porque realmente ficava mal ali onde eu a pusera. Valeu alguma coisa ouvir-se? perguntou, acariciando-me a mão. Sim, muito, falei de problemas de respiração, de vogais, qualquer coisa que ela aceitava com respeito; a única, coisa que não lhe disse foi que nesse momento perfeito só tinha faltado a poltrona de vime e talvez também que ela houvesse ficado triste, como alguém que olha o vazio antes de continuar o parágrafo de uma carta.

Estávamos chegando ao final de *Sangue nas Espigas*, três semanas mais e me dariam férias. Voltando da rádio encontrava Luciana lendo ou brincando com a gata na poltrona que lhe dera de presente

de aniversário junto com a mesa de vime do conjunto. Não tem nada a ver com este ambiente, dissera Luciana meio divertida, meio perplexa, mas se você gosta, eu também, é um lindo conjunto e tão confortável. Você se sentira melhor nele se tiver de escrever cartas, eu lhe disse. Sim, admitiu Luciana, justamente estou em falta com tia Poli, pobrezinha. Como de tarde havia pouca luz sobre a poltrona (não acredito que tivesse notado que eu mudara a lâmpada da luminária) acabou por colocar a mesinha e a poltrona perto da janela, para costurar ou folhear revistas, e talvez foi nesses dias de outono, ou um pouco depois, que uma tarde fiquei muito tempo a seu lado, beijei-a longamente e lhe disse que nunca a tinha amado tanto como nesse momento, tal como a estava vendo, como gostaria de vê-la sempre. Ela não disse nada, suas mãos andavam pelo meu cabelo despenteando-o, sua cabeça tombou sobre meu ombro e ficou quieta, como que ausente. Por que esperar outra coisa de Luciana, assim ao auge do entardecer? Ela era como os envelopes lilases, como as simples, quase tímidas frases de suas cartas. A partir de agora me custaria imaginar que a tinha conhecido em uma confeitaria, que seu cabelo negro solto tinha se ondulado como um látigo no momento de me cumprimentar, de vencer a primeira confusão do encontro. Na memória do meu amor estava a varanda coberta, a silhueta em uma poltrona de vime distanciando-a da imagem mais alta e vital que de manhã andava pela casa ou brincava com a gata, essa imagem que ao entardecer se transformaria uma e outra vez no que eu tinha querido, no que me fazia amá-la tanto.

Dizer-lhe isto, talvez. Não tive tempo, penso que vacilei porque preferia guardá-la assim, a plenitude era tão grande que não queria pensar em seu vago silêncio, em uma distração que não conhecera nela antes, em uma maneira de me olhar por momentos como se procurasse, algo, uma bofetada de olhar imediatamente devolvida ao próximo, a gata ou a um livro. Também isso fazia parte de minha maneira de preferi-la, era o clima melancólico da varanda coberta, dos envelopes lilases. Sei que em algum despertar na noite alta, ouvindo-a dormir junto de mim, senti que tinha chegado o tempo de dizer-lhe, de torná-la definitivamente minha por uma aceitação total de minha lenta teia enamorada. Não o fiz porque Luciana dormia, porque Luciana estava acordada, porque nessa terça-feira íamos ao cinema, porque procurávamos um carro para as férias, porque a vida vinha em grandes imagens antes e depois dos entardeceres em que a luz cinzenta parecia condensar sua perfeição na pausa da poltrona de vime. Que me falasse tão pouco agora, que às vezes voltasse a me olhar como que procurando alguma coisa perdida, isso tudo retardava em mim a obscura necessidade de lhe confiar a verdade, de lhe explicar afinal o cabelo castanho, a luz da varanda. Não tive tempo, um acaso de horários mudados me levou ao centro em um fim de manhã, eu a vi sair de um hotel, não a reconheci ao reconhecê-la, não compreendi ao compreender que saia apertando o braço de um homem mais alto que eu, um homem que se inclinava um pouco para beijá-la na orelha, para esfregar o seu cabelo crespo contra o cabelo castanho de Luciana.

## Ventos alísios

Sabe-se lá quem tinha pensado, talvez Vera na noite de seu aniversário quando Mauricio insistia em que abrissem outra garrafa de champanhe e entre uma taça e outra dançavam na sala pegajosa de fumaça de charuto e meia-noite, ou talvez Mauricio nesse momento em que *Blues in Thirds* lhes trazia de tão longe a lembrança dos primeiros tempos, dos primeiros discos quando os aniversários eram mais que uma cerimônia compassada e evocativa. Como um jogo, falar enquanto dançavam, cúmplices sorridentes na paulatina modorra do álcool e da fumaça, dizer-se e por que não, uma vez que, afinal de contas, podiam fazê-lo e já seria verão, tinham lido juntos e indiferentes o prospecto da agência de viagens, de repente a ideia, Mauricio ou Vera, telefonar simplesmente, dirigir-se ao aeroporto, experimentar se o jogo valia a pena, essas coisas se fazem logo ou nunca, afinal de contas o que, na pior das hipóteses voltar com a mesma amável ironia que haviam trazido de tantas viagens aborrecidas, mas agora experimentar de outra maneira, jogar o jogo, fazer o balanço, decidir.

Porque desta vez (e aí estava o novo, a ideia que ocorrera a Mauricio, mas que podia bem ter nascido de uma reflexão casual de Vera, vinte anos de vida em comum, a simbiose mental, as frases começadas por um e completadas da outra extremidade da mesa ou do telefone), desta vez podia ser diferente, era só criar as regras, divertir-se desde o grande absurdo de partir em diferentes aviões e chegar como desconhecidos ao hotel, deixar que o acaso os apresentasse no restaurante ou na praia ao cabo de um ou dois dias, misturar-se às novas relações do veraneio, tratar-se cortesmente, aludir a profissões e famílias na roda dos coquetéis, entre tantas outras profissões e outras vidas que buscariam como eles o leve contato das férias. A coincidência do sobrenome não chamaria a atenção de ninguém uma vez que era um sobrenome comum, seria tão divertido graduar o lento conhecimento mútuo, ritmando-o com o dos outros hóspedes, distrair-se com as pessoas cada um por seu lado, favorecer o acaso dos encontros e de quando em quando ver-se a sós e se olhar como agora enquanto dançavam *Blues in Thirds* e por momentos detinham-se para levantar as taças de champanhe, batê-las suavemente sob o exato ritmo da música, cortesões e educados e cansados, e já uma e meia entre tanta fumaça e o perfume que Mauricio quisera sentir essa noite no cabelo de Vera, pensando que podia ter se enganado de perfume, e se Vera arrebitaria um pouco o nariz e concordaria, a difícil e estranha concordância de Vera.

Sempre tinham feito o amor ao final de seus aniversários, esperando com amável displicência, a saída dos últimos amigos, e desta vez quando não havia ninguém, quando não tinham convidado ninguém porque receber os aborrecia mais que estar sozinhos, dançaram até o fim do disco e continuaram abraçados, olhando-se em uma bruma de quase-sonho, deixaram a sala mantendo ainda um ritmo imaginário, distantes e quase felizes e descalços sobre o tapete do quarto, demoraram-se em um lento despir-se a beira da cama, ajudando-se e se atrapalhando e beijos e botões e outra vez o choque com as inevitáveis preferências, a acomodação de cada um a luz da lâmpada que os condenava à repetição de imagens cansadas, de sabidos murmúrios, o lento afundar na modorra insatisfeita depois da repetição das fórmulas que voltavam às palavras e aos corpos como um necessário, quase terno dever.

Era a manhã de domingo e chovia, tomaram café na cama e decidiram seriamente; agora precisavam fazer as regras, estabelecer cada fase da viagem para que não se tomasse uma viagem a mais e sobretudo uma volta a mais. Fixaram-na contando nos dedos: viajariam separadamente, um; ocupariam apartamentos diferentes sem que nada os impedisse de aproveitar o verão, dois; não haveria censuras

nem olhares como os que bem conheciam, três; um encontro sem testemunhas permitiria trocar impressões e saber se valia a pena, quatro; o resto era rotina, voltariam no mesmo avião uma vez que então os outros já não importariam (ou talvez, mas isso seria estudado com vistas ao artigo quarto), cinco. O que aconteceria depois não estava numerado, entrava em uma zona divertida e incerta, soma aleatória na qual tudo podia acontecer e da qual não se devia falar. Os aviões para Nairóbi saíam quintas e sábados, Mauricio seguiu no primeiro depois de um almoço em que comeram salmão por via das dúvidas, trocando brindes e presenteiam-se com talismãs, não se esqueça da quinina, lembre-se que você sempre deixa de levar o creme de barbear e as sandálias.

Divertido chegar a Mombaça, uma hora de táxi e que a levasse ao Trade Winds, a um bangalô na praia com macacos cabriolando nos coqueiros e sorridentes caras africanas, ver de longe Mauricio já dono de casa, conversando na areia com um casal e um velho de costeletas vermelhas. A hora dos coquetéis aproximou-os no terraço aberto sobre o mar, falava-se de caracóis e recifes, Mauricio entrou com uma mulher e dois jovens, em dado momento quis saber de onde vinha Vera e explicou que ele chegava da França e era geólogo. Vera achou correto que Mauricio fosse geólogo e respondeu as perguntas dos outros turistas, a pediatria que a cada momento reclamava dela uns dias de descanso para não cair em depressão, o velho de costeletas vermelhas era um diplomata aposentado, sua esposa se vestia como se tivesse vinte anos, mas isso não lhe ficava de todo mal em um lugar onde quase tudo parecia um filme colorido, garçons e macacos incluídos e até o nome Trade Winds que recordava Conrad e Somerset Maugham, os coquetéis servidos em cocos, as blusas soltas, a praia pela qual se podia passear depois do jantar sob uma lua tão desapietada que as nuvens projetavam suas sombras moventes sobre a areia para espanto de gente esmagada por céus sujos e brumosos.

Os últimos serão os primeiros, pensou Vera quando Mauricio disse que lhe tinham dado um quarto na parte mais moderna do hotel, cômoda, mas sem a graça dos bangalôs na praia. Jogava-se cartas à noite, o dia era um diálogo interminável de sol e sombra, mar e refúgio sob as palmeiras, redescobrir o corpo pálido e cansado a cada chicotada das ondas, ir aos recifes em canoa para mergulhar com máscaras e ver os corais azuis e vermelhos, os peixes inocentemente próximos. Sobre o achado de duas estrelas do mar, uma com pintas vermelhas e a outra cheia de triângulos roxos, muito se falou no segundo dia, salvo se fosse o terceiro, o tempo escorria como o morno mar sobre a pele, Vera nadava com Sandro que tinha surgido entre dois coquetéis e se dizia farto de Verona e de automóveis, o inglês das costeletas vermelhas estava com insolação e o médico viria de Mombaça para vê-lo, as lagostas eram incrivelmente enormes em sua última morada de maionese e rodela de limão, as férias. De Ana só se tinha visto um sorriso distante e um pouco distanciador, na quarta noite veio beber no bar e levou seu copo ao terraço onde os veteranos de três dias a receberam com informações e conselhos, havia ouriços-do-mar perigosos na zona norte, de modo nenhum devia passear de canoa sem chapéu e alguma coisa para cobrir os ombros, o pobre inglês pagava caro por isso e os negros se esqueciam de prevenir os turistas porque para eles, claro, e Ana agradecendo sem ênfase, bebendo devagar seu martini, quase mostrando que viera, para ficar sozinha, de alguma Copenhague ou Estocolmo necessitada de esquecimento. Sem sequer pensá-lo Vera decidiu que Mauricio e Ana, certamente Mauricio e Ana antes de vinte e quatro horas, estava jogando pingue-pongue com Sandro quando os viu caminhar para o mar e deitar-se na areia, Sandro zombara de Ana que lhe parecia pouco comunicativa, as névoas nórdicas, ganhava facilmente as partidas, mas o cavalheiro italiano cedia de quando em quando alguns pontos e Vera compreendia e agradecia em silêncio, vinte e um a dezoito, não estivera tão mal, fazia progressos, questão de dedicar-se.

Em algum momento antes do sonho Mauricio pensou que apesar de tudo estavam passando bem, quase cômico dizer que Vera dormia a cem metros de seu quarto, no invejável bangalô acariciado pelas palmeiras, que sorte você teve, menina. A coincidência juntou-os em uma excursão às ilhas próximas onde se divertiram muito nadando e brincando com os outros; Ana queimara os ombros e Vera lhe deu um creme infalível, você sabe que um médico de crianças acaba por saber tudo sobre cremes, retorno

cuidadoso do inglês protegido por um roupão azul-celeste, à noite o rádio falando de Jomo Kenyatta e dos problemas tribais, alguém sabia muito sobre os Masai<sup>[3]</sup> e os distraiu pelo tempo de muitas doses com lendas e leões, Karen Blixen<sup>[4]</sup> e a autenticidade dos amuletos de pele de elefante, náilon puro e assim era tudo nesses países. Vera não sabia se era quarta ou quinta-feira, quando Sandro, a acompanhou ao bangalô depois de um longo passeio pela praia onde se beijaram como essa praia e essa lua o exigiam, ela o deixou entrar logo que ele pôs uma mão em seu ombro, deixou-se amar toda a noite, ouviu estranhas coisas, aprendeu novidades, dormiu lentamente, saboreando cada minuto do longo silêncio sob um mosquiteiro quase inconcebível. Para Mauricio foi a sesta, depois de um almoço em que seus joelhos tinham encontrado as coxas de Ana, acompanhá-la até seu andar, murmurar um até logo diante da porta, ver como Ana demorava a mão no trinco, entrar com ela, perder-se em um prazer que só os libertou à noite, quando alguns já perguntavam se não estariam doentes e Vera sorria dubiamente entre dois goles, queimando a língua com uma mistura de campari e rum queniano que Sandro batia no bar para espanto de Moto e Nikuku, esses europeus acabariam todos loucos.

O código fixava o sábado às sete, Vera aproveitou um encontro sem testemunhas na praia e mostrou ao longe um palmeiral propício. Abraçaram-se com um velho carinho, rindo como crianças, acatando o artigo quarto, boa gente. Havia uma macia solidão de areia e ramos secos, cigarros e esse bronzeado do quinto ou sexto dia em que os olhos ficam brilhando como novos, em que falar é uma festa. Tudo está indo muito bem, disse Mauricio quase em seguida, e Vera sim, claro que está tudo bem, vê-se por sua cara e seu cabelo, por que no cabelo, porque brilha de outro jeito, é o sal, burra, pode ser, mas o sal prejudica a pilosidade, o riso não os deixava falar, era bom não falar enquanto riam e se olhavam, um último sol deitando-se velozmente, o trópico, olhe bem e verá o raio verde lendário, já experimentei do meu balcão e não vi nada, ah, claro, o senhor tem um balcão, sim senhora, um balcão mas você desfruta de um bangalô para ukeleles e orgias. Tudo corria sem esforço, com outro cigarro, de verdade, e maravilhoso, tem um jeito que. Assim é, se você está dizendo. E a sua, fale. Não gosto que diga a sua, parece uma distribuição de prêmios. É. Bom, mas não assim, não Ana. Oh, que voz tão cheia de açúcar, você diz Ana como se chupasse cada letra. Cada letra não, mas. Porco. E você, então. Em geral não sou eu a que chupa, embora. Eu imaginava, esses italianos todos vêm do *decameron*. Um momento, não estamos em terapia de grupo, Mauricio. Desculpe, não são ciúmes, com que direito. Ah, *good boy*. Então sim? Então sim, perfeito, lentamente, interminavelmente perfeito. Eu o felicito, não gostaria que você se saísse pior que eu. Não sei como você está se saindo mas o artigo quarto manda que. Concordo, mesmo que não seja fácil transformá-lo em palavras, Ana é uma onda, uma estrela do mar. A vermelha ou a roxa? Todas juntas, um rio dourado, os corais rosa. Este homem é um poeta escandinavo. E a senhora uma libertina veneziana. Não é de Veneza, Verona. Dá no mesmo, sempre se pensa em Shakespeare. Você tem razão, não tinha pensado nisso. Enfim, assim vamos, não é verdade? Assim vamos, Maurício, e ainda temos cinco dias. Cinco noites, sobretudo, aproveite-as bem. Acho que sim, ele me prometeu iniciações que chama de artifícios para chegar à realidade. Você os explicará a mim, espero. Com detalhes, imagine, e você me contara de seu rio de ouro e corais azuis. Corais rosa, pequenina. Afinal, está vendo que não estamos perdendo tempo. Isso, não é bom que fiquemos muito tempo no artigo quarto. Outro mergulho antes do uísque? Do uísque, que grosseria, só me dão carpano combinado com genebra e angostura. Oh, desculpe. Não é nada, os refinamentos levam tempo, vamos em busca do raio verde, numa dessas, quem garante?

Sexta-feira, dia de Robinson, alguém se lembrou disso entre duas doses e se falou um pouco de ilhas e naufrágios, houve um breve e violento aguaceiro quente que prateou as palmeiras e trouxe mais tarde um novo rumor de pássaros, as migrações, o velho marinheiro e seu albatroz, era gente que sabia viver, cada uísque vinha com sua ração de folclore, de velhas canções das Hébridas ou de Guadalupe, no fim do dia Vera e Mauricio pensaram a mesma coisa, o hotel merecia seu nome, era a hora dos ventos alísios; para eles, Ana adoadora de esquecidas vertigens, Sandro o fazedor de máquinas sutis, ventos alísios

devolvendo-lhes a outros tempos sem costumes, quando tinham tido também um tempo assim, novidades e deslumbramentos no mar dos lençóis, só que agora, só que agora não é por isso, por isso os alísios que soprariam ainda até terça-feira, exatamente até o final do interregno que era outra vez o passado remoto, uma viagem instantânea às fontes aflorando outra vez, banhando-os de uma delícia presente mas já conhecida, alguma vez conhecida antes dos códigos, de *Blues in Thirds*.

Não falaram disso na hora de se encontrar no Boeing de Nairóbi, enquanto acendiam juntos o primeiro cigarro do retorno. Olhar-se como antes encheu-os de algo para que não havia palavras e que os dois calaram entre goles e histórias do Trade Winds, de alguma maneira era preciso guardar o Trade Winds, os alísios deviam continuar empurrando-os, a boa velha querida navegação à vela voltando para destruir as hélices, para acabar com o sujo lento petróleo de cada dia contaminando as taças de champanhe do aniversário, a esperança de cada noite. Ventos alísios de Ana e Sandro, continuar bebendo-os em pleno rosto enquanto se olhavam entre duas baforadas de fumaça, por que Mauricio agora se Sandro continuava ali, sua pele e seu cabelo e sua voz corrigindo o rosto de Mauricio assim como o rouco riso de Ana em pleno amor inundava esse sorriso que em Vera valia amavelmente como uma ausência. Não havia artigo seis mas podiam inventá-lo sem palavras, era tão natural que em certo momento ele convidasse Ana a beber outro uísque que ela, aceitando-o com uma carícia no rosto, dissesse que sim, dissesse sim, Sandro, seria tão bom tomarmos outro uísque para nos tirar o medo da altura, jogar assim toda a viagem, não havia mais necessidade de códigos para decidir que Sandro se oferecia no aeroporto para acompanhar Ana até sua casa, que Ana aceitaria com o singelo acatamento dos deveres cavalheirescos, que uma vez em casa fosse ela a buscar as chaves na bolsa e a convidar Sandro a tomar outra dose, o fizesse deixar a mala no saguão e lhe mostrasse o caminho da sala, desculpando-se pelas marcas de pó, e o cheiro a fechado, correndo as cortinas e trazendo gelo enquanto Sandro examinava com ar interessado a pilha de discos e a gravura de Friedlander. Passava das onze, beberam as taças da amizade e Ana trouxe uma lata de patê e biscoitos, Sandro ajudou-a a fazer canapés mas não chegaram a prová-los, as mãos e as bocas se buscavam, derrubar-se na cama e despir-se já enlaçados, buscar-se entre cintos e panos, arrancar-se as últimas roupas e descobrir a cama, diminuir as luzes e possuir-se lentamente, buscando e murmurando, sobretudo esperando e murmurando-se a esperança.

Sabe-se lá quando voltaram a bebida e os cigarros, as almofadas para sentar na cama e fumar sob a luz do abajur no chão. Quase não se olhavam, as palavras iam até a parede e retornavam em um lento jogo de bola para cegos, e ela foi a primeira a se perguntar como para si mesma o que seria de Vera e Mauricio depois do Trade Winds, o que seria deles depois do regresso.

— Já terão percebido — disse ele. — Já terão compreendido e depois disso não poderão fazer mais nada.

— Sempre se pode fazer alguma coisa — disse ela —, Vera não ficará assim, bastava vê-la.

— Mauricio também não — disse ele —, mal o conheci mas é evidente. Nenhum dos dois vai deixar as coisas como estão e é quase fácil imaginar o que vão fazer.

— Sim, é fácil, é como ver daqui.

— Não terão dormido, como nós, e agora devem estar falando devagar, sem se olhar. Não terão mais que se dizer, acho que é o Mauricio que vai abrir gaveta e tirar o vidro azul. Assim, está vendo, um vidro azul como este.

— Vera vai contá-las e dividi-las — disse ela. — Sempre se encarregava das coisas práticas, ela o fará muito bem. Dezesseis para cada um, nem mesmo o problema de um numero ímpar.

— Tomarão de duas em duas, com uísque e ao mesmo tempo, sem pressa.

— Um pouco amargas — disse ela.

— Mauricio dirá que não, que são ácidas.

— Sim, pode ser que sejam ácidas. E depois apagarão a luz, não se sabe por que.

— Nunca se sabe por que, mas é verdade que apagarão a luz e se abraçarão. Isso é certo, sei que se abraçarão.

— No escuro — disse ela procurando o interruptor. — Assim, não é?

— Assim — disse ele.

## Segunda vez

Não mais que os esperávamos, cada um tinha seu dia e hora, mas claro, sem pressa, fumando devagar, de quando em quando o negro López vinha com o café e então parávamos de trabalhar e comentávamos as novidades, quase sempre a mesma coisa, a visita do chefe, as mudanças em cima, as performances em San Isidro<sup>[5]</sup>. Eles, claro, não podiam saber que estávamos esperando, o que se chama esperando, essas coisas deviam acontecer sem estardalhaço, ajam com calma, palavra do chefe, a cada momento ele repetia por via das dúvidas, vão piano piano, e depois era fácil, se desse algum galho não cobriam de nós, os responsáveis estavam lá em cima e o chefe era a lei, fiquem calmos, rapazes, se houver problema aqui eu é que dou as caras, a única coisa que peço e que não se enganem de pessoa, primeiro a averiguação para não errar e depois podem agir.

Francamente não davam trabalho, o chefe tinha escolhido escritórios funcionais para que não se amontoassem, e nós os recebíamos um a um, como se deve, com todo o tempo necessário. Para gente educada como nós, cara, o chefe dizia volta e meia e era verdade, tudo sincronizado assim nas IBM, aqui se trabalhava com vaselina, nada de pressa nem de vão em frente. Tínhamos tempo para os cafezinhos e os palpites do domingo, e o chefe era o primeiro a vir buscar as barbas que para isso o magro Bianchetti era propriamente um oráculo. Todos os dias era a mesma coisa, chegávamos com os jornais, o negro López trazia o primeiro café e logo começavam a aparecer para o trâmite. A convocação dizia isso, trâmite que lhe concerne, nós só aí esperando. Agora isso é verdade, mesmo que venha em papel amarelo, uma convocação sempre tem um ar sério; por isso María Elena a olhara muitas vezes em sua casa, o carimbo verde rodeando a assinatura ilegível e as indicações de data e lugar. No ônibus voltou a tirá-la da bolsa e deu corda ao relógio para mais segurança. Convocavam-na a um escritório da Rua Maza, era estranho que ali houvesse um ministério mas sua irmã dissera que estavam instalando escritórios em qualquer parte porquê os ministérios já estavam ficando pequenos, e logo que desceu do ônibus viu que devia ser verdade, o bairro não tinha nada de especial, com casas de três; ou quatro andares e sobretudo muito comércio atacadista, e até algumas árvores das poucas que sobrevivam na zona.

"Pelo menos deve ter uma bandeira", pensou María Elena ao se aproximar da quadra setecentos, pensando bem era como as embaixadas que estavam nos bairros residenciais mas se distinguiam de longe pelo pano colorido em alguma sacada. Embora o número figurasse bem claro na convocação, surpreendeu-a não ver a bandeira nacional e por um momento ficou na esquina (era muito cedo, podia fazer hora) e sem nenhuma razão perguntou na banca de jornais se nessa quadra ficava a Direção.

— Claro que sim — disse o homem —, ali, na metade da quadra, mas por que não espera um pouquinho para me fazer companhia, veja como estou sozinho.

— Na volta — sorriu María Elena caminhando sem pressa e consultando uma vez mais o papel amarelo. Quase não havia tráfego nem gente, um gato diante de um armazém e uma gorda com uma menina que saiam de um saguão. Os poucos carros estavam estacionados na altura da Direção, quase todos com alguém ao volante, lendo jornal ou fumando. A entrada era estreita como todas na quadra, com um saguão de ladrilhos e a escada ao fundo; a placa na porta parecia apenas a de um médico ou um dentista, suja e com um papel colado na parte de baixo para cobrir algumas inscrições. Era estranho que não tivesse elevador, um terceiro andar e precisar subir a pé com esse papel tão sério, carimbo verde, a assinatura e tudo mais.

A porta do terceiro andar estava fechada e não se via nem campainha nem placa. María Elena experimentou o trinco e a porta se abriu sem ruído: a fumaça do fumo chegou-lhe antes dos ladrilhos esverdeados do corredor e os bancos dos dois lados com gente sentada. Não eram muitos, mas com essa fumaça e o corredor tão estreito parecia que se tocavam com os joelhos, as duas anciãs, o careca e o rapaz de gravata verde. Era certo que tinham estado falando para matar o tempo, bem ao abrir a porta María Elena alcançou um final de frase de uma das senhoras, mas como sempre ficaram calados de repente olhando a que chegava por último, e também como sempre e sentindo-se muito boba María Elena ficou vermelha e mal lhe saiu a voz para dizer bom-dia e permanecer de pé ao lado da porta até que o rapaz lhe fez um sinal, mostrando o banco vazio a seu lado justamente quando se sentava, agradecendo, a porta da outra extremidade do corredor se abriu para deixar sair um homem de cabelo vermelho que abriu caminho entre os joelhos dos outros sem se preocupar em pedir licença e o funcionário manteve a porta aberta com um pé até que uma das senhoras se levantou com dificuldade e desculpando-se passou entre María Elena e o careca; a porta da saída e a do escritório se fecharam quase ao mesmo tempo, e os que ficavam começaram de novo a falar, esticando-se um pouco nos bancos que rangiam.

Cada um tinha seu assunto, como sempre, o careca a lentidão dos trâmites, se é assim na primeira vez que é que se pode esperar, me diga, mais de meia hora para, quando muito, o que, só umas quatro perguntas e tchau, pelo menos é o que imagino.

— Não acredite nisso — disse o rapaz da gravata verde —, eu é a segunda vez e garanto que não é tão rápido, até que copiem tudo a máquina e então a gente não se lembra bem de uma data, essas coisas, no final demora bastante.

O careca e a anciã ouviam-no interessados porque para eles era evidentemente a primeira vez, a mesma coisa com María Elena, embora não se sentisse com direito de entrar na conversa. O careca queria saber quanto tempo passava entre a primeira e a segunda convocação, e o rapaz explicou que em seu caso tinha sido coisa de três dias. Mas por que duas convocações? quis perguntar María Elena, e outra vez sentiu que o vermelho lhe subia ao rosto, então esperou que alguém falasse com ela e lhe desse confiança, que a deixasse integrar-se ao grupo, não ser mais a última. A anciã tirara um vidrinho talvez de sais e o cheirava suspirando. Tanta fumaça podia estar incomodando e o rapaz se ofereceu para apagar o cigarro e o careca disse claro, esse corredor era uma vergonha, era melhor apagarem os cigarros se se sentia mal, mas a senhora disse que não, um pouco de cansaço só, passava em seguida, em sua casa o marido e os filhos fumavam o tempo todo, quase não noto. María Elena que também tivera vontade de tirar um cigarro viu que os homens apagavam os seus, que o rapaz o esmagava com a sola do sapato, sempre se fuma demais quando se tem que esperar, na outra vez tinha sido pior porque havia sete ou oito pessoas antes dele, e no fim não se via mais nada no corredor de tanta fumaça.

— A vida é uma sala de espera — disse o careca, pisando no cigarro com muito cuidado e olhando as próprias mãos como se já não soubesse o que fazer com elas, e a anciã suspirou uma concordância, de muitos anos e guardou o vidrinho quando a porta do fundo se abria e a outra senhora saía com esse ar que todos lhe invejaram, o bom-dia quase compadecido ao chegar a porta de saída. Mas então não demorava tanto, pensou María Elena, três pessoas antes dela, calculemos três quartos de hora, claro que em uma dessas o trâmite se fazia mais demorado com alguns, o rapaz já estivera ali uma primeira vez e o dissera. Quando, porém, o careca entrou no escritório, María Elena animou-se a perguntar para ter mais certeza, e o rapaz ficou pensando e depois disse que na primeira vez alguns tinham demorado muito e outros menos, nunca se podia saber. A anciã chamou a atenção para o fato de que a outra senhora tinha saído quase em seguida, mas o senhor de cabelo vermelho tinha demorado uma eternidade.

— Ainda bem que agora somos poucos — disse María Elena —, esses lugares deprimem.

— É preciso encarar essas coisas com filosofia — disse o rapaz —, não se esqueça que precisara voltar, assim é melhor que fique tranquila. Quando vim pela primeira vez não tinha ninguém com quem falar, éramos uma porção, mas não sei, não se comunicavam, e em compensação hoje, desde que cheguei,

o tempo passa depressa porque a gente troca ideias.

María Elena gostou de continuar conversando com o rapaz e a senhora quase não sentiu passar o tempo até que o careca saiu e a senhora se levantou com uma rapidez que os outros não teriam imaginado em sua idade, a coitada queria acabar depressa com os trâmites.

— Bem, agora nós — disse o rapaz. — Não a incomoda se fumo um cigarrinho? Não aguento mais, mas aquela senhora parecia tão perturbada...

— Eu também estou com vontade de fumar.

Aceitou o cigarro que ele lhe oferecia e se disseram os nomes, onde trabalhavam, sentiam-se bem em trocar impressões esquecendo-se do corredor, do silêncio que, por momentos, parecia demasiado, como se as ruas e as pessoas estivessem muito longe. María Elena também tinha morado em Floresta mas quando menina, agora morava em Constitución. Carlos não gostava desse bairro, preferia o oeste, melhor ar, as árvores. Seu ideal teria sido viver em Villa del Parque, quando casar talvez alugue um apartamento por aqueles lados, o futuro sogro tinha prometido ajudá-lo, era uma pessoa com muitas relações e com uma dessas talvez conseguisse algo.

— Eu não sei por que, mas alguma coisa me diz que vou viver toda a minha vida em Constitución — disse María Elena. — Não é tão ruim, apesar de tudo. E se alguma vez...

Viu abrir-se a porta do fundo e olhou quase surpreendida o rapaz que lhe sorria ao se levantar, está vendo como o tempo passou conversando, a senhora despedia-se deles amavelmente, parecia tão contente por ir embora, todo mundo tinha um ar mais jovem e mais ágil ao sair, como se lhes tivessem tirado um peso de cima, o trâmite acabado, uma diligência a menos e lá fora a rua, os cafés onde talvez entrariam para tomar um trago ou um chá e se sentirem realmente do outro lado da sala de espera e dos formulários. Agora o tempo se tornaria mais longo para María Elena sozinha, embora se tudo continuasse assim Carlos sairia logo, mas numa dessas demorava mais que os outros porque era a segunda vez e sabe-se lá que trâmites teria.

Quase não compreendeu no princípio quando viu abrir-se a porta e o funcionário a olhou e fez um gesto com a cabeça para que passasse. Pensou então que era assim mesmo, que Carlos precisaria ficar mais tempo enchendo papéis e que, enquanto isso, se ocupariam dela. Cumprimentou o funcionário e entrou no escritório; mal tinha passado a porta quando outro funcionário lhe mostrou uma cadeira diante de uma escrivaninha negra. Havia vários funcionários no escritório, só homens, mas não viu Carlos. Do outro lado da escrivaninha um funcionário de cara doentia olhava uma planilha; sem levantar os olhos estendeu a mão e María Elena custou a compreender que lhe pedia a convocação, de repente entendeu e a procurou um pouco distraída, murmurando desculpas, tirou duas ou três coisas da bolsa até encontrar o papel amarelo.

— Vá preenchendo isto — disse o funcionário, passando-lhe um formulário. — Com letra de imprensa, bem claro.

Eram as tolices de sempre, nome e sobrenome, idade, sexo, domicílio. Entre duas palavras María Elena sentiu como se algo a incomodasse, algo que não estava de todo claro. Não na planilha, fácil de preencher os vazios: algo fora, algo que faltava ou não estava em seu lugar. Parou de escrever e olhou ao redor, as outras mesas com os funcionários trabalhando ou falando entre si, as paredes sujas com cartazes e fotografias, as duas janelas, a porta por onde entrara, a única porta do escritório. *Profissão*, e ao lado a linha pontilhada; automaticamente preencheu o vazio. A única porta do escritório, mas Carlos não estava ali. *Tempo de serviço*. Com maiúsculas, bem claro.

Quando assinou embaixo, o funcionário olhava-a como se tivesse demorado demais a preencher a planilha. Estudou um momento o papel, não encontrou erros e o guardou em uma carpeta. O resto foram perguntas, algumas inúteis porque ela já as havia respondido na planilha, mas também sobre a família, as mudanças de residência nos últimos anos, os seguros, se viajava com frequência e para onde, se havia tirado passaporte ou pensava tirá-lo. Ninguém parecia preocupar-se muito com as respostas, e de

qualquer modo o funcionário não as anotava. Brusadamente disse a María Elena que podia sair e que voltasse três dias depois às onze; não precisava convocação por escrito, mas que não esquecesse.

— Sim, senhor — disse María Elena levantando-se —, então na quinta-feira às onze.

— Passe bem — disse o funcionário sem olhar para ela.

No corredor não havia ninguém, e percorrê-lo foi, como para todos os outros, um apressar-se, um respirar aliviado, uma vontade de chegar à rua e deixar tudo aquilo para trás. María Elena abriu a porta da saída e, começando a descer as escadas, pensou em Carlos, era estranho que Carlos não tivesse saído como os outros. Era estranho porque o escritório tinha apenas uma porta, claro que às vezes não se repara bem, porque isso não podia ser, o funcionário abrira a porta para que ela entrasse e Carlos não passara por ela, não saíra primeiro como todos os outros, o homem de cabelo vermelho, as senhoras, todos menos Carlos.

O sol estatelava-se contra a calçada, era o ruído e o ar da rua; María Elena deu uns passos e ficou parada ao lado de uma árvore, em um lugar onde não havia carros estacionados. Olhou para a porta da casa, disse a si mesma que esperaria um momento para ver Carlos sair. Não podia ser que Carlos não saísse, todos tinham saído ao terminar o trâmite. Pensou que talvez ele se demorasse porque era o único que viera pela segunda vez; sabe-se lá, talvez fosse isso. Parecia muito estranho não tê-lo visto no escritório embora pudesse haver ali uma porta dissimulada pelos cartazes, algo que não notara, mas assim mesmo era estranho porque todo mundo tinha saído pelo corredor como ela, todos os que tinham vindo pela primeira vez saíram, pelo corredor.

Antes de seguir caminho (esperara um momento, mas não podia mais continuar assim) pensou que precisaria voltar na quinta-feira. Talvez então as coisas mudassem e a fizessem sair pelo outro lado embora não soubesse por onde nem por que. Ela não, claro, mas nós sim sabíamos, nós a estaríamos esperando, a ela e aos outros, fumando devagarinho e conversando enquanto o negro López preparava outro dos tantos cafés da manhã.

## Você se deitou a teu lado

*A G.H., que me contou isto com uma graça que não encontrará aqui.*

Quando o tinha visto nu pela última vez?

Quase não era uma pergunta, você estava saindo da cabine, ajustando o sutiã do biquíni enquanto procurava a silhueta de seu filho que a esperava à beira do mar, e então isso em plena distração, a pergunta mas uma pergunta sem verdadeira vontade de resposta, antes uma carência subitamente assumida: o corpo infantil de Roberto na ducha, a massagem no joelho machucado, imagens que não voltavam desde sabe-se lá quando, em todo caso muitos meses desde a última vez que o tinha visto nu; mais de um ano, o tempo para que Roberto lutasse contra o rubor cada vez que ao falar lhe saia um falsete, o fim da confiança, do refúgio fácil entre seus braços quando algo doía ou incomodava, outro aniversário, os quinze anos, sete meses atrás, e então a porta do banheiro chaveada, o boa-noite com o pijama vestido sozinho no quarto, às vezes mal cedendo ao costume de pular ao pescoço, de violento carinho e úmidos beijos, mamãe, mamãe querida, Denise querida, mamãe ou Denise segundo o humor e a hora, tu o filhote, tu Roberto o filhotinho de Denise, estendido na praia olhando as algas que desenhavam o limite da maré, levantando um pouco a cabeça para olhar você que vinha das cabines, apertando o cigarro entre os lábios como uma afirmação enquanto a olhavas.

Você se estendeu a teu lado e tu te endireitaste para apanhar o maço de cigarros e o isqueiro.

— Não, obrigada, ainda não — disse você tirando os óculos de sol da bolsa que tinhas vigiado enquanto Denise trocava de roupa.

— Queres que vá te buscar um uísque? — perguntaste-lhe.

— Melhor depois de nadar. Vamos agora?

— Sim, vamos — disseste.

— Dá no mesmo, não é verdade? Para ti tudo dá no mesmo nestes dias, Roberto.

— Não sejas boba, Denise.

— Não é uma censura, compreendo que estejas distraído.

— Ufa — disseste, desviando o rosto.

— Por que não veio à praia?

— Quem, Lilian? E eu sei? Ontem à noite não se sentia bem, foi o que me disse.

— Também não vejo os pais dela — disse você varrendo o horizonte com um lento olhar um pouco míope. — Precisamos ver no hotel se há alguém doente.

— Eu vou depois — disseste áspero, cortando o assunto.

Você se levantou e a seguiste a uns passos, esperaste que se atirasse na água para entrar lentamente, nadar longe dela que levantou os braços e te acenou, então nadaste em estilo borboleta e quando fingiste bater nela você o abraçou rindo, dando-lhe tapinhas, o mesmo moleque bruto de sempre, até no mar me machucas os pés. Brincando, escapulindo, acabaram por nadar com lentas braçadas mar afora; na praia apequenada a silhueta repentina de Lilian era uma pulguinha vermelha um pouco perdida.

— Que se lixe — disseste antes que você levantasse um braço chamando-a —, chegou atrasada, pior para ela, nós continuamos aqui, a água está ótima.

— Ontem à noite tu a levaste a caminhar até o cabo e voltaste tarde. Úrsula não ficou zangada com

Lilian?

— Por que se zangaria? Não era tão tarde, Lilian não é um bebê.

— Para ti, não para Úrsula que ainda a vê, com um babador, e nem se fale de José Luis, porque esse não se convencera nunca de que a menininha já tem suas regras no dia certo.

— Oh, tu com as tuas grosserias — disseste orgulhoso e confuso. — Vamos correr até o espigão, Denise, te dou cinco metros de vantagem.

— Fiquemos aqui, e correrás com Lilian que na certa te vence. Foste com ela para a cama ontem?

— O que? Mas tu... ?

— Engoliste água, boboca — disse você agarrando-o pelo queixo e tentando empurrá-lo de costas.

— Era lógico, não é? Tu a levaste de noite pela praia, voltaram tarde, agora Lilian aparece à última hora, cuidado, burro, me bateste outra vez no tornozelo, nem no mar a gente está segura contigo.

Fazendo-se uma prancha que você imitou sem pressa, tu ficaste calado, como que esperando, mas você também esperava e o sol ardia nos seus olhos.

— Eu quis, mamãe — disseste —, mas ela não, ela...

— Quiseste de verdade, ou só com palavras?

— Acho que ela também queria, a gente estava perto do cabo e ali seria fácil porque eu conheço uma gruta que... Mas depois não quis, se assustou... Que vai fazer?

Você pensou que quinze anos e meio eram muito poucos anos, pegou a cabeça dele e beijou-o nos cabelos, enquanto tu protestavas rindo e agora sim, agora realmente esperavas que Denise continuasse te falando disso, que incrivelmente fosse ela que te estava falando disso.

— Se achaste que Lilian queria, o que não fizeram ontem farão hoje ou amanhã. Vocês são dois menininhos e não se amam de verdade, mas isso não tem nenhuma importância, é claro.

— Eu a amo, mamãe, e ela também, tenho certeza.

— Dois menininhos — repetiu você —, e é por isso exatamente que estou te falando, porque se vais para a cama com Lilian esta noite ou amanhã na certa que vão fazer as coisas como uns desajeitados que são.

Olhaste-a entre duas ondas suavezinhas, você quase riu em sua cara porque era evidente que Roberto não entendia, agora estavas como que escandalizado, quase temendo que Denise pretendesse explicar-te o abc, minha mãe, nada menos que isso.

— Estou dizendo que nem tu nem ela terão o menor cuidado, bobinho, e que o resultado deste final de veraneio pode bem ser que Úrsula e José Luis saiam com a filhinha grávida. Entendes agora?

Não disseste nada mas claro que entendeste, vinhas entendendo desde os primeiros beijos com Lilian, tu te interrogaras e depois tinhas pensado na farmácia e ponto final, disso não passavas.

— Talvez me engane, mas pela cara de Lilian acho que não sabe nada de nada, pode ser que em teoria, mas dá no mesmo. Fico contente por ti, se queres, mas já que és um pouco mais velho que ela, cabe a ti tratar disso.

Te viu meter a cara na água, esfregá-la forte, ficar olhando para ela como quem acata chateado. Nadando devagar e de costas, você esperou que se aproximasse de novo para te falar disso mesmo que tu tinhas estado pensando todo o tempo como se estivesse no balcão da farmácia.

— Não é o ideal, eu sei, mas se ela não fez nunca acho difícil falar em pílula, sem considerar que aqui...

— Eu também tinha pensado nisso — disseste com tua voz mais grossa.

— E então o que estás esperando? Compra e fica com elas no bolso, mas presta atenção: não te esqueças, usa.

Tu mergulhaste de repente, puxaste-a de baixo até fazê-la gritar e rir, envolveste-a em um colchão de espuma e de palmadas de onde as palavras te saiam aos pedaços, quebradas por espirros e golpes de água, não te animavas, nunca tinhas comprado isso e não te animavas, não saberias fazê-lo, na farmácia

estava a velha Delcasse, não havia vendedores homens, tu sabes, Denise, como é que vou pedir isso? Não vou poder, tenho vergonha.

Com sete anos tinhas chegado uma tarde da escola com um ar envergonhado, e você que nunca o apressava nesses casos tinhas esperado até que a hora de dormir te enroscaste em seus braços, a anaconda mortal como chamavam o jogo de abraços antes do sonho, e bastara uma simples pergunta para saber que em um dos recreios começara a comichar sua virilha e o cuzinho, que te havias coçado até sair sangue e que sentias medo e vergonha porque pensavas que talvez fosse sarna, que tinhas te contagiado com os cavalos de Dom Melchor. E você, beijando-o entre as lágrimas de medo e confusão que te inundavam o rosto, estendera-o de barriga para baixo, separara suas pernas e depois de olhá-lo muito tinha visto as picaduras de percevejo ou de pulga, coisas da escola, mas não é sarna, frangote, tu te coçaste até sair sangue. Tudo tão simples, álcool e pomada com esses dedos que acariciavam e acalmavam, sentir-te do outro lado da confissão, feliz e confiante, claro que não é nada, bobo, dorme e amanhã pela manhã eu olho de novo. Tempos em que as coisas eram assim, imagens voltando de um passado tão próximo, entre duas ondas e dois risos e a brusca distância decidida pela mudança da voz, o pomo-de-adão, o buço, os ridículos anjos expulsos do paraíso. Era para zombar e você sorriu debaixo da água, coberta por uma onda como se fosse um lençol, era para zombar porque no fundo não havia nenhuma diferença entre vergonha de confessar uma comichão suspeita e de não se sentir o bastante crescido para fazer frente à velha Delcasse. Quando de novo te aproximaste sem olhá-la, nadando como um cachorrinho à volta de seu corpo boiando, você já sabia o que estavas esperando entre ansioso e humilhado, como antes quando tinhas de entregar-te a seus olhos e a suas mãos que te faziam as coisas necessárias e era vergonhoso e doce, era Denise tirando-te uma vez mais uma dor de barriga ou uma cãibra na panturrilha.

— Se é assim irei eu mesma — disse você. — Parece mentira que sejas tão bobo, filhinho.

— Tu? Tu vais?

— Claro, eu, a mamãe do neném. Não há de ser a Lilian, imagino.

— Denise, porra.

— Estou com frio — disse você quase duramente —, agora sim aceito o uísque, mas antes vamos correr até o espigão. Sem vantagem, ganho assim mesmo.

Era como levantar lentamente um papel carbono e ver debaixo a cópia exata do dia seguinte, o almoço com os pais de Lilian e o Senhor Guzzi técnico em caracóis, a sesta longa e quente, o chá, contigo que não aparecias muito mas a essa hora era o ritual, as torradas no terraço, a noite pouco a pouco, você quase tinha pena de te ver assim com o rabo entre as pernas, mas também não queria quebrar o ritual, esse encontro vespertino em qualquer lugar onde estivessem, o chá antes das coisas pessoais. Era óbvio e patético que não soubesses defender-te, pobre Roberto, que fosses ainda o filhotinho passando manteiga e mel, sacudindo o rabo filhotinho turbilhão engolindo torradas entre frases também engolidas pela metade, de novo chá, de novo cigarro.

Raquete de tênis, faces da cor do tomate, bronzeado por todos os lados, Lilian procurando-te para o cinema antes do jantar. Você se alegrou quando saíram, tu estavas realmente perdido e não encontravas teu lugar, era preciso deixar-te sair tranquilo do lado de Lilian, lançados a esse para você incompreensível intercâmbio de monossílabos, risinhos e empurrões da nova onda que nenhuma gramática esclareceria e que era a própria vida rindo-se uma vez mais da gramática. Você se sentia bem assim sozinha, mas de súbito algo como a tristeza, esse silêncio civilizado, esse filme que só eles veriam. Vestiu umas calças e uma blusa que sempre lhe fazia bem vestir, e desceu pelos molhes parando diante das vitrines das lojas e no quiosque, comprando uma revista e cigarros. A farmácia do povoado tinha um anúncio em néon que lembrava um pagode tartamudo, e debaixo dessa incrível coifa verde e vermelha o salãozinho cheirando a ervas medicinais, a velha Delcasse e a empregada jovem, a que de fato te dava

medo embora somente houvesse falado da velha Delcasse. Estavam lá dois clientes enrugados e tagarelas que necessitavam de aspirinas e pílulas para o estômago, que pagavam mas custavam a sair, olhando as vitrines e fazendo durar um minuto um pouco menos aborrecido que os outros em suas casas. Você lhes virou as costas sabendo que o local era tão pequeno que ninguém perderia palavra, e depois de concordar com a velha que o tempo estava uma maravilha, pediu-lhe um frasco de álcool como quem concede um último prazo aos dois clientes que não tinham nada mais a fazer ali, e quando chegou o frasco e os velhos continuavam contemplando as vitrines com alimentos para criança, você baixou o que pode a voz, preciso algo para meu filho que ele não se anima a comprar, sim, exatamente, não sei se vem em caixas mas em todo caso dê-me uma porção, logo ele se arranjava por sua conta. Engraçado, não é?

Agora que o havia dito, você mesma podia responder que sim, que era engraçado e quase jogar o riso na cara da velha Delcasse, sua voz de papagaio empalhado explicando, sob o diploma amarelo entre as vitrines, vem em envelopinhos individuais e também em caixas de doze e vinte e quatro. Um dos clientes permanecera olhando como se não acreditasse e o outro, uma velha metida em uma miopia e uma saia até o chão, retrocedia passo a passo dizendo boa-noite, boa-noite e a empregada mais jovem divertidíssima, boa-noite Senhora de Pardo, a velha Delcasse engolindo por fim a saliva e antes de se virar murmurando enfim, é duro para a senhora, por que não me disse para passar aos fundos da farmácia? E você imaginando-te a ti na mesma situação e sentindo pena de ti porque com certeza não terias te animado a pedir a velha Delcasse que te levasse aos fundos, um homem e essas coisas. Não, disse ou pensou (nunca o soube bem e dava no mesmo), não veio por que devia fazer um segredo ou um drama por uma caixa de preservativos, se a tivesse pedido nos fundos da farmácia, teria me traído, teria sido tua cúmplice, provavelmente dentro de algumas semanas teria de repeti-lo e isso não, Roberto, uma vez passa, agora cada um para o seu lado, realmente não voltarei a te ver nu nunca mais, filhinho, esta foi a última vez, sim, a caixa de doze, senhora.

— A senhora os deixou completamente gelados — disse a empregada jovem que morria de rir pensando nos clientes.

— Eu notei — disse você tirando dinheiro —, mas isso não é coisa que se faça, realmente.

Antes de se vestir para o jantar pôs o pacote sobre a tua cama e quando voltaste do cinema correndo porque já era tarde viste o vulto branco contra o travesseiro e ficaste de todas as cores e o abriste, então Denise, mamãe, deixa-me entrar, mamãe, encontrei o que tu. Decotada, muito jovem em seu vestido branco, ela te recebeu olhando-te pelo espelho, através de algo distante e diferente.

— Sim, e agora arranja-te sozinho, neném, mais não posso fazer por vocês.

Estava acertado há muito tempo que não te chamaria nunca mais de neném, compreendeste que cobrava, que te fazia devolver o dinheiro. Não soubeste em que pé parar, foste a janela, depois te aproximaste de Denise e a pegaste pelos ombros, te grudaste às suas costas beijando-a no pescoço, muitas vezes e úmido e neném, enquanto você acabava de arrumar o cabelo e buscava o perfume. Quando sentiu o calor da lágrima na pele, fez uma volta inteira e te empurrou suavemente para trás, rindo sem que se ouvisse sua voz, um lento riso de cinema mudo.

— Está ficando tarde, bobo, tu sabes que a Úsula não gosta de esperar na mesa. O filme era bom?

Repelir a ideia embora cada vez mais difícil na sonolência, meia-noite e um mosquito aliado ao súcubo para não deixá-la escorregar no sono. Acendendo o abajur, bebeu um longo gole de água, voltou a deitar-se de costas; o calor era insuportável mas na gruta deveria estar fresco, quase à beira do sono você a imaginava com sua areia branca, agora de verdade súcubo inclinado sobre Lilian de costas com os olhos muito abertos e úmidos enquanto tu lhe beijavas os seios e balbuciavas palavras sem sentido, mas naturalmente não tinhas sido capaz de fazer bem as coisas e quando te desses conta seria tarde, o súcubo teria querido intervir sem perturbá-los, simplesmente ajudar para que não fizessem besteira, uma vez

mais o velho costume, conhecer tão bem o teu corpo de bruços, buscando o acesso entre queixas e beijos, voltar a te olhar de perto as coxas e as costas, repetir as fórmulas frente aos tombos e a gripe, solta o corpo, não vai doer, um menino grande não chora por uma injeção de nada, vamos. E outra vez o abajur, a água, continuar lendo a estúpida revista, só dormiria mais tarde, depois que tu voltasses na ponta dos pés e você te ouvisse no banheiro, a borracha apenas estalando, o murmúrio de alguém que fala em sonhos ou que se fala procurando dormir.

A água estava mais fria mas você gostou de sua lambada amarga, nadou até o espigão sem se deter, de lá viu os que chapinhavam na margem, a ti que fumavas ao sol sem muita vontade de entrar. Descansou, e já de volta passou por Lilian que nadava devagar, concentrada no estilo, e que lhe disse um 'olá' que parecia ser a sua máxima concessão aos adultos. Tu, em troca, te levantaste de um pulo e envolveste Denise na toalha, preparaste para ela um lugar do lado bom do vento.

— Não vai te agradar, está gelada.

— Imaginei que sim, estás com pele de galinha. Espera, este isqueiro não funciona, tenho outro aqui. Te trago um nescafé quentinho?

De bruços, as abelhas do sol começando a zumbir sobre a pele, a luva sedosa da areia, uma espécie de interregno. Tu trouxeste o café e lhe perguntaste se voltavam mesmo no domingo ou se preferia ficar mais. Não, para que, já começava a refrescar.

— Melhor — disseste, olhando para longe. — Voltamos e não se fala mais disso, a praia é boa por uns quinze dias, depois chateia.

Esperaste, claro, mas não foi assim, só sua mão veio acariciar teus cabelos, levemente.

— Me diz uma coisa, Denise, não, fique assim, eu..

— Shh, se alguém tem algo a dizer és tu, não me transforme numa aranha mãe.

— Não mamãe, é que...

— Não temos nada para nos dizer, sabes que o fiz por Lilian e não por ti. Já que te sentes um homem, aprende a te governar sozinho agora. Se a garganta do neném está doendo, ele já sabe onde está o remédio.

A mão que te havia acariciado os cabelos escorregou por teu ombro e caiu na areia. Você marcara duramente cada palavra mas a mão tinha sido a invariável mão de Denise, a pomba que afugentava as dores, dispensadora de cosquinhas e carinhos e algodões e água oxigenada. Também isso precisava acabar mais cedo ou mais tarde, soubeste-o como um golpe abafado, o limite extremo devia cair em uma noite ou uma manhã qualquer. Tu tinhas feito os primeiros gestos da distância, fechar-se no banheiro, trocar de roupa sozinho, gastar longas horas na rua, mas era você quem faria chegar o limite extremo em um momento que talvez fosse agora, essa última carícia em tuas costas. Se a garganta do neném está doendo, ele já sabe onde está o remédio.

— Não te preocupes, Denise — disseste obscuramente, a boca quase tapada pela areia —, não te preocupes por Lilian. Não quis, sabes? No fim não quis. Essa menina é muito boba.

Você se levantou, enchendo os olhos de areia com a brusca sacudida. Viste entre lágrimas que sua boca tremia.

— Já te disse que chega, estas me ouvindo? Chega, chega!

— Mamãe...

Mas ela te virou as costas e escondeu o rosto com o chapéu de palha. O íncubo, a insônia, a velha Delcasse, era para rir. O limite extremo, que limite, que extremo? Um dia destes ainda é possível que a porta do banheiro não esteja fechada e você, entre e te surpreenda nu e ensaboado e de súbito confuso. Ou ao contrário, que tu a fiques olhando da porta quando você sair da ducha, como em tantos anos se haviam olhado e brincado enquanto se secavam e se vestiam. Qual era o limite, qual era realmente o limite?

— Olá — disse Lilian, sentando-se entre os dois.

## Em nome de Bobby

Ontem fez oito anos, nós lhe oferecemos uma linda festa e Bobby ficou contente com o trem de corda, a bola de futebol e o bolo com velinhas. Minha irmã tinha tido medo de que justamente nesses dias viesse da escola com notas ruins, o que não aconteceu, melhorou em aritmética e em leitura e não havia motivo para não lhe dar os brinquedos, pelo contrário. Dissemos a ele que convidasse seus amigos e trouxe o Beto e a Joaquina; veio também o Mario Panzani mas ficou pouco porque o pai estava doente. Minha irmã os deixou brincar no pátio até a noite e Bobby estreou a bola, embora nós duas tivéssemos medo de que estragassem as plantas com o entusiasmo. Quando chegou a hora da laranjada e do bolo com velinhas cantamos em coro o parabéns e rimos muito porque todo mundo estava contente, sobretudo Bobby e minha irmã; eu, claro, não deixei de vigiar Bobby e me parecia estar perdendo tempo, vigiando o quê se não havia o que vigiar; mas assim mesmo vigiando Bobby quando ele estava distraído, procurando esse olhar que minha irmã não parece perceber e que me faz tanto mal.

Nesse dia só a olhou assim uma vez, justamente quando minha irmã acendia as velinhas, apenas um segundo antes de baixar os olhos e dizer como o menino bem educado que é: "Muito bonito o bolo, mamãe" e Joaquina concordou, e Mario Panzani também. Eu tinha posto a faca grande para que Bobby cortasse o bolo e nesse momento sobretudo vigiei-o da outra ponta da mesa, mas Bobby estava tão contente com o bolo que mal olhou assim para minha irmã e se concentrou na tarefa de cortar as fatias bem iguaizinhas e reparti-las. "Para você a primeira, mamãe", disse Bobby, dando-lhe uma fatia, e depois a Joaquina e a mim, porque primeiro as damas. Em seguida foram ao pátio para continuar brincando menos Mario Panzani porque o pai estava doente, mas antes Bobby disse de novo a minha irmã que o bolo estava muito bom, e veio correndo e me pulou ao pescoço para me dar um de seus beijos úmidos. "Que trenzinho lindo, tia", e a noite subiu no meu colo para me confiar o grande segredo: "Agora tenho oito anos, sabe, tia?"

Nos deitamos bastante tarde, mas era sábado e Bobby podia preguiçar como nós até dia alto. Fui a última a ir para a cama e antes tratei de arrumar a sala de jantar e por as cadeiras em seu lugar, as crianças haviam brincado de batalha naval e outros jogos que sempre deixam a casa de pernas para o ar. Guardei a faca grande e antes de deitar vi que minha irmã já dormia como uma santa; fui ao quartinho de Bobby e olhei-o, estava de braços como gostava de ficar desde pequenino, já tinha atirado os lençóis ao chão e estava com uma perna fora da cama, mas dormia bem, com o rosto enterrado no travesseiro. Se eu tivesse tido um filho também o teria deixado dormir assim, mas para que pensar nessas coisas. Me deitei e não quis ler, talvez tenha feito mal porque o sono não vinha e acontecia a mesma coisa de sempre a essa hora em que se perde a vontade e as ideias pulam de todos os lados e parecem verdadeiras, tudo o que se pensa de repente é verdadeiro e quase sempre horrível e não há maneira de afastar nem rezando. Bebi água com açúcar e esperei contando a partir de trezentos, de trás para diante que é mais difícil e faz vir o sono; bem quando já estava para dormir me veio a dúvida sobre se havia guardado a faca ou se ainda estava na mesa. Era bobagem porque arrumara cada coisa e me lembrava de ter posto a faca na gaveta de baixo do aparador, mas dava no mesmo. Me levantei é claro, estava ali na gaveta misturada aos outros talheres de trinchar. Não sei por que tive vontade de guardá-la em meu quarto, até a tirei por um momento mas era demais, me olhei no espelho e fiz uma careta. Isso também não me agradou àquela hora, e então me servi um copinho de aniz, embora fosse uma imprudência com meu fígado, e o tomei aos golinhos na

cama para ir procurando o sono; ouvia-se minha irmã roncar e Bobby como sempre falava ou se queixava.

Quando já dormia tudo voltou de repente, a primeira vez que Bobby havia perguntado a minha irmã por que era má com ele e minha irmã que é uma santa, todos dizem isso, ficara olhando-o como se fosse uma brincadeira e até tinha rido, mas eu que estava ali preparando o mate me lembro que Bobby não riu, pelo contrário estava aflito e queria saber, nessa época devia ter sete anos e sempre fazia perguntas estranhas como todas as crianças, lembro do dia em que me perguntou por que as árvores eram diferentes de nós e eu de minha parte lhe perguntei por que é Bobby disse: "Mas tia, elas se cobrem no verão e se descobrem no inverno" e eu fiquei com a boca aberta porque realmente, esse menino; todos são assim, mas enfim. E agora minha irmã o olhava surpresa, ela nunca tinha sido má com ele, disse-lhe, apenas severa às vezes quando se comportava mal ou estava doente e devia fazer-lhe coisas que não gostava, também as mães de Joaquina e Mario Panzani eram severas com seus filhos quando precisavam, mas Bobby continuava olhando-a triste e afinal explicou que não era de dia, que ela era má de noite quando ele estava dormindo e nós duas ficamos surpreendidas e acho que fui eu quem começou a lhe explicar que ninguém tem culpa do que acontece nos sonhos, era um pesadelo e pronto, não precisava se preocupar. Naquele dia Bobby não insistiu, aceitava sempre as nossas explicações e não era um menino difícil, mas uns dias depois amanheceu chorando aos gritos e quando cheguei a sua cama me abraçou e não quis falar, só chorava e chorava, outro pesadelo com certeza, até que ao meio-dia lembrou-se de repente na mesa e tornou a perguntar a minha irmã por que quando ele estava dormindo ela era tão má com ele. Desta vez minha irmã levou a sério, disse-lhe que já era bastante grande para ainda não distinguir as coisas e que se continuava insistindo com isso avisaria o Doutor Kaplan porque talvez tivesse lombrigas ou apendicite e precisava fazer alguma coisa. Senti que Bobby ia chorar e me apressei a explicar-lhe de novo os pesadelos, tinha de entender que ninguém o amava tanto como sua mamãe, nem mesmo eu que o amava tanto, e Bobby ouvia muito sério, secando uma lágrima, e disse que sim, que ele sabia, desceu da cadeira para beijar minha irmã que não sabia o que fazer, e depois ficou pensativo olhando o ar, e a tarde fui buscá-lo no pátio e lhe pedi que contasse a mim que era sua tia, a mim podia confiar tudo como a sua mamãe, e se não queria dizer a ela que o dissesse a mim. Sentia que não queria falar, custava-lhe muito mas por fim disse que de noite tudo era diferente, falou de uns panos pretos, que não podia soltar as mãos nem os pés, qualquer um tem pesadelos assim mas era uma pena que Bobby os tivesse justamente com minha irmã que tantos sacrifícios fizera por ele, disse-o a ele e o repeti e ele sim, estava de acordo, claro que sim.

Exatamente depois disso minha irmã teve uma pleurisia e a mim coube cuidar de tudo, Bobby não me dava trabalho porque mesmo pequeno como era arranjava-se quase sozinho, lembro que ia ver minha irmã e ficava ao lado da cama sem falar, esperando que ela sorrisse para ele ou acariciasse o seu cabelo, e depois ia brincar caladinho no pátio ou ler na sala; nem sequer tive necessidade de lhe dizer que não tocasse piano nesses dias, tanto que gostava. A primeira vez que o vi triste expliquei que sua mamãe já estava melhor e que no outro dia se levantaria um pouco para tomar sol. Bobby fez um gesto estranho e me olhou de lado; não sei, a ideia me veio de repente e lhe perguntei se estava de novo com pesadelos. Pôs-se a chorar muito baixinho, escondendo o rosto, depois disse que sim, e perguntou por que sua mãe era assim com ele; dessa vez percebi que tinha medo, quando baixei suas mãos para lhe secar o rosto vi seu medo e me custou fingir indiferença e de novo explicar-lhe que eram apenas sonhos. "Não diga nada a ela", eu lhe pedi, "ainda está fraca e vai se impressionar." Bobby concordou calado, tinha tanta confiança em mim; mais tarde, porém, cheguei a pensar que o tomara ao pé da letra porque nem mesmo quando minha irmã convalescia ele lhe falou outra vez disso, eu adivinhava algumas manhãs quando o via sair de seu quarto com essa expressão distante, e também porque ficava todo tempo comigo, rondando na cozinha. Uma ou duas vezes não resisti e lhe falei no pátio ou quando o lavava, e era sempre a mesma coisa, fazendo um esforço para não chorar, engolindo as palavras, por que sua mãe era assim com ele de noite, e mais do que isso não podia, chorava muito. Eu não queria que minha irmã soubesse pois se

agravara a pleurisia e talvez a afetasse muito, expliquei de novo a Bobby que compreendia muito bem, mas a mim, em compensação, podia contar qualquer coisa, logo veria quando crescesse um pouco, pois deixaria de ter pesadelos; era melhor não comer tanto pão à noite, eu perguntaria ao Doutor Kaplan se não lhe faria bem um laxante para dormir sem sonhos ruins. Não lhe perguntei nada, claro, era difícil falar de uma coisa assim ao Doutor Kaplan que tinha grande clientela e não podia perder tempo. Não sei se fiz bem mas Bobby pouco a pouco deixou de me preocupar tanto, às vezes eu o via com esse ar um pouco perdido nas alturas e pensava que talvez de novo e então esperava que ele viesse me contar, mas Bobby começava a desenhar ou ia à escola sem me dizer nada e voltava contente e cada dia mais forte e sadio e com as melhores notas.

A última vez foi quando da onda de calor de fevereiro, minha irmã já estava curada e levávamos a vida de sempre. Não sei se notava, eu não queria lhe dizer nada porque a conheço e sei que é sensível demais, sobretudo quando se trata de Bobby, eu me lembro bem de quando Bobby era pequenino e minha irmã ainda estava sob o golpe do divórcio e essas coisas, como lhe custava suportar o choro de Bobby ou alguma travessura e eu precisava levá-lo ao pátio e esperar que tudo se acalmasse, para isso é que servimos as tias. Penso, porém, que minha irmã não notava que às vezes Bobby se levantava como quem volta de uma longa viagem, com um ar distante que durava até o café com leite, e quando ficávamos sozinhas eu sempre esperava que ela dissesse alguma coisa, mas não; eu achava que não era bom recordar-lhe algo que devia fazê-la sofrer, antes imaginava que algum dia Bobby voltaria a lhe perguntar por que era tão má com ele, mas Bobby devia pensar também que não tinha direito a uma coisa assim, talvez se lembrasse do meu pedido e pensasse que nunca deveria falar disso a minha irmã. Por momentos tinha a ideia de que era eu que estava inventando, certa de que Bobby já não sonhava nada ruim com sua mãe; ele o teria dito a mim em seguida para se consolar; depois, porém, eu o via com essa carinha de algumas manhãs e voltava a me preocupar. Ainda bem que minha irmã não percebia nada, nem sequer na primeira vez que Bobby a olhou assim, eu estava passando roupa e ele, da porta da copa, olhou minha irmã e não sei como se pode explicar uma coisa assim, só que o ferro quase furou a camisola azul, tirei-a bem a tempo e Bobby ainda estava olhando assim para minha irmã que preparava a massa para fazer empadas. Quando perguntei o que procurava, para lhe dizer alguma coisa, ele se assustou e respondeu que nada, fazia calor demais lá fora para jogar bola. Não sei em que tom eu lhe fiz a pergunta, mas ele repetiu a explicação como querendo me convencer e foi desenhar na sala. Minha irmã disse que Bobby estava muito sujo e que lhe daria um banho nessa mesma tarde, tão grande e ainda se esquecia de lavar as orelhas e os pés. Afinal fui eu quem o lavou porque minha irmã ainda ficava cansada às tardes, e enquanto o ensaboava na banheira e ele brincava com o pato de plástico que jamais quis abandonar, me animei a lhe perguntar se dormia melhor nesses dias.

— Mais ou menos — disse, depois de um momento dedicado a fazer o pato nadar.

— Como mais ou menos? Sonha ou não sonha com coisas feias?

— Na outra noite sim — disse Bobby, submergindo o pato e o mantendo sob a água.

— Contou à mamãe?

— Não, a ela não. A ela...

Não me deu tempo para nada, ensaboado e tudo atirou-se sobre mim e me abraçou chorando, tremendo, me molhando toda enquanto eu tentava afastá-lo e seu corpo escorregava entre meus dedos até que ele mesmo se deixou cair sentado na banheira e escondeu o rosto com as mãos, chorando aos gritos. Minha irmã veio correndo e pensou que Bobby tinha escorregado e se machucara, mas ele disse não com a cabeça, parou de chorar com um esforço que lhe enrugava o rosto, e se levantou na banheira para que víssemos que nada lhe tinha acontecido, negando-se a falar, nu e ensaboado e tão só em seu pranto contido que nem minha irmã nem eu podíamos acalmá-lo embora viéssemos com toalhas e carinhos e promessas.

Depois disso procurei sempre dar confiança a Bobby sem que ele percebesse que queria fazê-lo falar,

mas as semanas foram se passando e ele nunca quis me dizer nada; agora, quando adivinhava algo em meu rosto, saía sem demora ou me abraçava para pedir caramelos ou licença para ir à esquina com Joaquina e Mario Panzani. Não pedia nada a minha irmã, mas era muito atencioso com ela, que no fundo continuava com a saúde muito abalada e já não se preocupava tanto em atendê-lo porque eu chegava sempre primeiro e Bobby aceitava de mim qualquer coisa, até o desagradável quando era necessário, de maneira que minha irmã não chegava a perceber isso que eu tinha visto logo, essa maneira de olhá-la assim por instantes, de parar na porta antes de entrar olhando-a até que eu percebia e ele baixava depressa os olhos ou saía correndo ou dava uma cambalhota. Aquilo da faca foi casualidade, eu estava trocando o papel do aparador da copa e tirara todos os talheres; não notei que Bobby tinha entrado até que me voltei para cortar outra tira de papel e o vi olhando para a faca grande. Distraiu-se em seguida ou quis que eu não percebesse, mas eu, essa maneira de olhar, já conhecia e não sei, é bobagem pensar coisas assim, mas senti como que um frio, quase um vento gelado nessa copa tão aquecida. Não fui capaz de lhe dizer nada mas à noite pensei que Bobby tinha deixado de perguntar a minha irmã por que era ruim com ele, só às vezes ele a olhava como tinha olhado para a faca grande, esse olhar diferente. Devia ser por acaso, claro, mas não gostei quando na outra semana voltei a ver nele a mesma cara enquanto eu estava justamente cortando pão com a faca grande e minha irmã lhe explicava que já era tempo de aprender a engraxar sozinho seus sapatos. "Sim, mamãe", disse Bobby, com a atenção presa no que eu estava fazendo com o pão, acompanhando com os olhos cada movimento da faca e se balançando um pouco na cadeira quase como se ele mesmo estivesse cortando o pão; talvez pensasse nos sapatos e se mexia como se os engraxasse; com certeza minha irmã imaginou isso porque Bobby era tão obediente e tão bonzinho.

À noite pensei se não teria de falar a minha irmã, mas o que lhe dizer se nada acontecia e Bobby tirava as melhores notas da turma e essas coisas, só que eu não podia dormir porque de repente tudo se juntava de novo, era como uma massa que se espessava e então o medo, impossível saber de quê, Bobby e minha irmã já estavam dormindo e de quando em quando eu os ouvia se mexendo ou suspirando, dormiam tão bem, muito melhor que eu aí pensando a noite toda. E, claro, afinal, procurei Bobby no jardim depois que o vi olhar outra vez assim para minha irmã; pedi que me ajudasse a transplantar uma aroeira e falamos de um montão de coisas e ele me contou que Joaquina tinha uma irmã que estava noiva.

— Naturalmente, já é grande — eu lhe disse. — Olhe, vá buscar a faca grande da cozinha para cortar estas rafias.

Saiu correndo como sempre, porque ninguém era tão serviçal comigo, então fiquei olhando a casa para vê-lo voltar, pensando que na verdade deveria ter lhe perguntado pelos sonhos antes de pedir a faca, só para ficar tranquila. Quando voltou caminhando muito devagar, como quem se coça no clima da sesta para durar mais, vi que tinha escolhido uma das facas curtas embora eu tivesse deixado a maior bem a vista porque queria estar certa de que a veria mal abrisse a gaveta do aparador.

— Esta não serve — disse a ele. Custava-me falar, era uma estupidez com alguém tão pequeno e inocente quanto Bobby, mas nem sequer conseguia olhar em seus olhos. Só senti o empurrão quando se atirou em meus braços soltando a faca e se apertou contra mim, apertou-se muito contra mim soluçando. Acredito que nesse momento vi o que devia ser o seu último pesadelo, não poderia lhe perguntar mas penso que vi o que ele tinha sonhado na última vez antes de parar com os pesadelos e então olhar assim para minha irmã, olhar assim a faca grande.

## Apocalipse de Solentiname

Os *ticos* são sempre assim, quietinhos mas cheios de surpresas, a gente chega em São José da Costa Rica e aí estão esperando Carmen Naranjo e Samuel Rovinski e Sergio Ramírez (que é da Nicarágua e não *tico* mas que diferença no fundo se dá no mesmo, que diferença há que eu seja argentino embora por gentileza deveria dizer *tino*, e os outros *nicas* ou *ticos*). Fazia um desses calores e, o que era pior, tudo começava em seguida, entrevista à imprensa com as coisas de sempre, por que não vive em sua pátria, que houve com *Blow-Up* que era tão diferente de seu conto, você acha que o escritor tem de estar engajado? A essa altura já sei que me farão a última entrevista nas portas do inferno e não tenho dúvida de que farão as mesmas perguntas, e se por acaso for *chez* São Pedro a coisa não vai mudar, você não acha que lá embaixo escrevia hermético demais para o povo?

Depois o Hotel Europa e essa ducha que coroa as viagens com um longo monólogo de sabão e silêncio. Só que às sete, quando já era hora de caminhar por São José e ver se era simples e igualzinho como me tinham dito, uma mão me puxou pelo paletó e atrás estava Ernesto Cardenal e que abraço, poeta, que bom que estivesse aí depois do encontro em Roma, de tantos encontros sobre o papel ao longo dos anos. Sempre me surpreende, sempre me comove que alguém como Ernesto venha me ver e me procurar, você dirá que ardo de falsa modéstia, mas diga logo, velho, os cães ladram, a caravana passa, serei sempre um aficcionado, alguém que de baixo ama muito a alguns que um dia acontece que também o amam são coisas que estão acima de mim, melhor que passemos a outra linha.

A outra linha era que Ernesto sabia que eu chegava a Costa Rica e olhe só, viera voando de sua ilha porque o passarinho que lhe leva as notícias o informara que os *ticos* planejavam para mim uma viagem a Solentiname e ele achou irresistível a ideia de vir me buscar, com o que, dois dias depois, Sergio e Óscar e Ernesto e eu abarrotávamos a facilmente abarrotável capacidade de um Piper Aztec, cujo nome será sempre um enigma para mim, mas que voava entre soluços e borborigmos detestáveis enquanto o loiro piloto sintonizava uns calipsos de oposição e parecia completamente indiferente à minha noção de que o asteca nos levava direto à pirâmide do sacrifício. Não foi assim, como se pôde ver, descemos em Los Chiles e daí um jipe igualmente cambaleante nos pôs na fazenda do poeta José Coronel Urteche, que faria bem a muita gente ler e em cuja casa descansamos, falando de tantos outros amigos poetas, de Roque Dalton e Gertrude Stein e de Carlos Martínez Rivas até que Luis Coronel chegou e fomos para a Nicarágua em seu jipe e sua *panga*<sup>[6]</sup> de sobressaltadas velocidades. Antes, porém, tiramos fotografias de lembrança com uma dessas máquinas que fazem sair na hora um papelzinho azul que pouco a pouco e maravilhosamente e *polaroid* vai se enchendo de imagens paulatinas, primeiro ectoplasmas inquietantes e pouco a pouco um nariz, um cabelo crespo, o sorriso de Ernesto com sua barba nazarena, Dona María e Dom José destacando-se com o terraço ao fundo. Todos achavam isso muito normal porque já estavam habituados a servir-se dessa máquina, mas eu não, para mim, ver sair do nada, do quadrado azul do nada esses rostos e esses sorrisos de despedida me enchia de espanto e lhes disse isso, lembro-me de ter perguntado a Óscar o que aconteceria se alguma vez, depois de uma foto de família, o papelzinho azul do nada começasse a se encher com Napoleão a cavalo, e a gargalhada de Dom José Coronel, que tudo ouvia como sempre, o jipe, vamos logo para o lago.

Chegamos a Solentiname entrada a noite, lá esperavam Teresa e William e um poeta gringo e os outros rapazes da comunidade; fomos dormir quase em seguida, antes, porém, vi as pinturas em um canto,

Ernesto falava com sua gente e tirava de uma bolsa as provisões e presentes que trazia de São José, alguém dormia em uma rede e eu vi as pinturas em um canto, comecei a olhá-las. Não me lembro quem foi que me explicou que eram trabalhos dos camponeses da zona, este é do Vicente, este é da Ramona, alguns assinados e outros não, mas todos tão belos, uma vez mais a visão primeira do mundo, o puro olhar de quem descreve o seu arredor como um canto de louvor: vaquinhas anãs em prados de amapola, a choça de açúcar de onde vai saindo gente como formiga, o cavalo de olhos verdes em um fundo de canaviais, o batismo em uma igreja que não acredita na perspectiva e sobe ou cai sobre si mesma, o lago com botezinhos feito sapatos e em último plano um peixe enorme que ri com lábios de cor turquesa. Ernesto, então, veio explicar-me que a venda das pinturas ajudava a levar a vida, pela manhã me mostraria trabalhos em madeira e pedra dos camponeses e também, suas próprias esculturas; sentíamos muito sono mas eu continuei espiando os quadrinhos amontoados em um canto, separando a grande confusão de telas com as vaquinhas e as flores e essa mãe com dois filhos nos joelhos, um de branco e o outro de vermelho, sob um céu tão cheio de estrelas que a única nuvem ficava como que humilhada em um ângulo, apertando-se contra a moldura do quadro, escapando da tela de puro medo.

Era domingo o outro dia e missa das onze, a missa de Solentiname, na qual os camponeses e Ernesto e os amigos de visita comentam juntos trechos do evangelho que nesse dia era o da prisão de Cristo no horto, um tema que a gente de Solentiname tratava como se falasse de si mesma, da ameaça de que lhes sobreviesse, à noite ou em pleno dia, essa vida de permanente intranquilidade das ilhas e da terra firme e de toda Nicarágua e não somente de toda Nicarágua senão de quase toda América Latina, vida rodeada de medo e morte, vida da Guatemala e vida de El Salvador, vida da Argentina e da Bolívia, vida do Chile e de Santo Domingo, vida do Paraguai, vida do Brasil e da Colômbia.

Logo depois tivemos de pensar em voltar e foi então que pensei de novo nos quadros, fui à sala da comunidade e comecei a olhá-los à luz delirante do meio-dia, as cores mais vivas, os acrílicos ou os óleos confrontando-se, eram cavalinhos e girassóis e festas nos campos e simétricos palmeirais. Lembrei-me que tinha um filme colorido na máquina e sai ao terraço com uma braçada de quadros; Sergio que chegava ajudou-me e mantemos de pé na boa luz, e de um em um eu os fui fotografando com cuidado, para que cada quadro ocupasse inteiramente o visor. São assim os acasos: me sobravam tantas fotografias quanto quadros, nenhum deixou de ser fotografado, e quando Ernesto chegou para nos dizer que a *panga* estava pronta contei-lhe o que tinha feito e ele riu, ladrão de quadros, contrabandista de imagens. Sim, disse-lhe, eu os levo todos, lá os projetarei em minha tela e serão, maiores e mais brilhantes que estes, dane-se.

Voltei a São José, estive em Havana e andei por aí fazendo coisas, de volta à Paris com um cansaço cheio de saudade, Claudine quietinha, esperando-me em Orly, outra vez a vida de relógio no pulso e *merci monsieur, bonjour madame*, os comitês, os cinemas, o vinho tinto e Claudine, os quartetos de Mozart e Claudine. Entre tanta coisa que as gordas malas tinham cuspidido sobre a cama e o tapete, revistas, recortes, lenços e livros de poetas centro-americanos, os tubos de plástico cinzento com os rolos de filme, tanta coisa ao longo dos meses, a sequência da Escola Lenin de Havana, as ruas de Trinidad, os perfis do vulcão Irazú e seu depósito de água fervente e verde, onde Samuel e eu e Sarinha tínhamos imaginado patos assados flutuando entre gases de fumaça de enxofre. Claudine levou os rolos para revelar, uma tarde andando pelo Quartier Latin eu me lembrei e como tinha a nota no bolso os recolhi, eram oito, pensei logo nos quadrinhos de Solentiname e em casa procurei nas caixas e fui olhando o primeiro diapositivo de cada série, me lembrava que antes dos quadrinhos fotografara a missa de Ernesto, umas crianças brincando entre as palmeiras iguaizinhas às pinturas, crianças e palmeiras e vacas sobre um fundo violentamente azul de céu e de lago apenas um pouco mais verde, ou talvez ao contrário, já não sabia direito. Pus no aparelho a caixa das crianças e da missa, sabia que depois começavam as pinturas até o final do rolo.

Anoitecia e eu estava sozinho, Claudine viria ao sair do trabalho para ouvir música e ficar comigo;

preparei a tela e um rum com muito gelo, o projetor com seu carregador pronto e seu botão de telecomando; não preciso correr as cortinas, a noite serviçal já estava ali acendendo as lâmpadas e o perfume do rum; era bom pensar que tudo voltaria a acontecer pouco a pouco, depois dos quadrinhos de Solentiname começaria a passar as caixas com as imagens cubanas, mas por que os quadrinhos primeiro, por que a deformação profissional, a arte antes que a vida, mas por que não, disse a outra a esta em seu eterno indesarmável diálogo fraterno e rancoroso, por que não olhar primeiro as pinturas de Solentiname se também são a vida, se tudo é a mesma coisa?

Passaram as imagens da missa, ruins por erros de exposição, as crianças, em compensação, brincavam em plena luz e dentes muito brancos. Apertava sem vontade o botão, teria ficado tanto tempo olhando cada uma daquelas imagens pegajosas de lembranças, pequeno mundo frágil de Solentiname cercado de água e de esbirros assim como estava cercado o rapaz que olhei sem compreender, eu tinha apertado o botão e o rapaz estava ali em um segundo plano claríssimo, uma cara larga e limpa, cheia de incrédula surpresa, enquanto seu corpo se dobrava para a frente, o buraco nítido no meio da testa, o revólver do oficial marcando ainda a trajetória da bala, dos lados, os outros, com as metralhadoras, um fundo confuso de casas e árvores.

Pense-se o que se quiser, isso sempre chega antes de nós mesmo e nos deixa muito para trás; estupidamente me disse que tinha havido engano na ótica, que me deram imagens de outro cliente, mas então a missa, as crianças brincando no campo, e então? Minha mão também não obedecia quando apertou o botão, e foi um salitral interminável ao meio-dia com dois ou três telheiros de chapas enferrujadas, gente amontoada a esquerda olhando os corpos estendidos de costas, os braços abertos contra um céu nu e cinzento; era preciso prestar muita atenção para distinguir no fundo o grupo fardado de costas e se afastando, o jipe que esperava no alto de uma ladeira.

Sei que continuei; para enfrentar isso que resistia a toda prudência a única coisa possível era continuar apertando o botão, olhando a esquina de Corrientes e San Martín e o carro negro com os quatro sujeitos apontando para a calçada onde alguém corria com uma camisa branca e sandálias, duas mulheres querendo se refugiar atrás de um caminhão estacionado, alguém olhando de frente, uma cara de incredulidade horrorizada, levando a mão ao queixo como que para se tocar e se sentir ainda vivo, e de repente o aposento quase às escuras, uma luz suja caindo da alta janela gradeada, a mesa com a moça nua e de costas, o cabelo desabado até o chão, a sombra de costas enfiando nela um cabo entre as pernas abertas, os dois sujeitos de frente conversando, uma gravata azul e um pulôver verde. Nunca soube se continuava apertando ou não o botão, vi uma clareira de selva, uma cabana com teto de palha e árvores em primeiro plano, contra o tronco da mais próxima um rapaz magro olhando para a esquerda onde um grupo confuso, cinco ou seis muito juntos, apontava com fuzis e revólveres; o rapaz de cara larga e uma mecha caindo-lhe na testa morena olhava-os, uma mão levantada, a outra talvez no bolso da calça, era como se estivesse lhes dizendo algo sem pressa, quase displicentemente, e embora a fotografia fosse ruim eu senti e soube e vi que o rapaz era Roque Dalton, e então sim, apertei o botão como se com isso pudesse salvá-lo da infâmia dessa morte e pude ver um carro que voava em pedaços em pleno centro de uma cidade que podia ser Buenos Aires ou São Paulo, continuei apertando e apertando entre rajadas de caras ensanguentadas e pedaços de corpos e correrias de mulheres e crianças por uma ladeira boliviana ou guatemalteca, de súbito a tela se encheu de mercúrio, e de nada e também de Claudine que entrava silenciosa derramando sua sombra na tela antes de se inclinar e me beijar no cabelo e perguntar se eram lindas, se estava contente com as fotografias, se queria mostrar a ela.

Acionei o carregador e voltei a colocá-lo em zero, uma pessoa não sabe como nem por que faz as coisas quando ultrapassou um limite que também desconhece. Sem olhar para ela, porque teria compreendido ou simplesmente tido medo disso que devia ser a minha cara, sem lhe explicar nada porque tudo era um só no da garganta as unhas dos pés, me levantei e devagar sentei-a em minha poltrona e algo devo ter dito, que buscaria uma bebida para ela e que olhasse, que olhasse enquanto ia lhe buscar

uma bebida. No banheiro, acho que vomitei, ou só chorei e depois vomitei ou não fiz nada e apenas fiquei sentado na beira da banheira deixando o tempo passar até que pude ir a cozinha e preparar para Claudine sua bebida preferida, enchê-la de gelo e então sentir o silêncio, perceber que Claudine não gritava nem vinha correndo para me interrogar, o silêncio nada mais e, por momentos, o bolero açucarado que se filtrava do apartamento ao lado. Não sei quanto demorei para percorrer o caminho da cozinha à sala, ver a parte traseira da tela bem quando ela chegava ao final da série e a peça ficava tomada pelo reflexo do mercúrio instantâneo e depois a penumbra, Claudine apagando o projetor e soltando-se na poltrona para beber e me sorrir devagarinho, feliz e gata e tão contente.

— Como ficaram bonitas aquelas do peixe que ri e da mãe com os dois filhos e as vaquinhas no campo; espere, e aquela outra do batismo na igreja, me diga quem os pintou, não se vê as assinaturas.

Sentado no chão, sem olhar para ela, procurei meu copo e o bebi de um gole. Não lhe diria nada, que lhe podia dizer agora, me lembro, porém, que pensei vagamente em lhe perguntar uma idiotice qualquer, perguntar-lhe se em algum momento não tinha visto uma fotografia de Napoleão a cavalo. Mas não lhe perguntei, claro.

*São José, Havana, abril de 1976*

## A barca ou Nova visita a Veneza

*Desde jovem me tentou a ideia de reescrever textos literários que tinham me impressionado mas cuja elaboração me parecia inferior às suas possibilidades internas; acho que alguns contos de Horacio Quiroga levaram essa tentação a um limite que se resolveu, como era preferível, em silêncio e abandono. O que teria tentado fazer por amor só podia ser considerado como um insolente pedantismo; aceitei lamentar sozinho que certos textos me pareciam inferiores ao que algo neles e em mim tinha exigido inutilmente.*

*O acaso e um pacote de velhos papéis me dão hoje uma abertura análoga a esse desejo não realizado, mas neste caso a tentação é legítima pois se trata de um texto meu, um longo conto intitulado A Barca. Na última página do rascunho encontro esta nota "Que ruim! Escrevi-o em Veneza em 1954; eu o releio dez anos depois, e me agrada, e é tão ruim".*

*O texto e a anotação estavam esquecidos; doze anos mais se somaram aos dez primeiros, e ao reler agora estas páginas concordo com minha nota, só que gostaria de saber melhor por que o conto me parecia e me parece ruim, e por que gostava e gosto.*

*O que se segue é uma tentativa de mostrar a mim mesmo que o texto de A Barca está mal escrito porque é falso, porque passa ao largo de uma verdade que não fui capaz de apreender e que agora me parece evidente. Reescrevê-lo seria fatigante e, de alguma maneira pouco clara, desleal, quase como se fosse o conto de outro autor e eu caísse no pedantismo que assinalei no começo. Posso, em troca, deixá-lo como nasceu, e mostrar ao mesmo tempo o que agora consigo ver nele. É então que Dora entra em cena.*

*Se Dora tivesse pensado em Pirandello, desde o princípio teria vindo procurar o autor para reprovar-lhe sua ignorância ou sua persistente hipocrisia. Mas sou eu quem vai agora até ela para que finalmente ponha as cartas na mesa. Dora não podia saber quem é o autor do conto, e suas críticas se dirigem somente ao que nele acontece visto de dentro, lá onde ela existe; mas que esse acontecer seja um texto e ela uma personagem do que escreve não mudam em nada seu direito igualmente textual de se rebelar frente a uma crônica que julga insuficiente ou insidiosa.*

*Assim, a voz de Dora interrompe hoje de quando em quando o texto original que, exceto as correções de puro detalhe e a eliminação de breves passagens repetitivas, é o mesmo que escrevi à mão na *Pensione dei Dogi*<sup>[7]</sup> em 1954. O leitor encontrará nele tudo o que me parece ruim como literatura e a Dora ruim como conteúdo, e que talvez, uma vez mais, seja o efeito recíproco de uma mesma causa.*

O turismo brinca com seus adeptos, insere-os em uma temporalidade enganosa, faz com que na França saia de um bolso o resto de moedas inglesas, que na Holanda se procure em vão um sabor que só Poitiers dá. Para Valentina o pequeno bar romano da Via Quattro Fontane se reduzia a Adriano, ao sabor de um cálice de martini suave e a cara de Adriano que lhe pedira desculpas por empurrá-la contra o balcão. Quase não se lembrava se Dora estava com ela nessa manhã, certamente sim porque juntas estavam 'fazendo' Roma, organizando uma camaradagem começada tolamente como tantas em Cook e American Express.

*Claro que eu estava. Desde o começo finge não me ver, reduzir-me a comparsa às vezes cômoda,*

*às vezes problemática.*

De qualquer modo aquele bar perto da Piazza Barberini era Adriano, outro viajante, outro desocupado circulando como circula todo turista nas cidades, fantasma entre homens que vão e vem do trabalho, tem famílias, falam um mesmo idioma e sabem o que está acontecendo nesse momento e não na arqueologia do Guia Azul.

De Adriano apagavam-se em seguida os olhos, o cabelo, a roupa; sobrava só a boca grande e sensível, os lábios que tremiam um pouco depois de ter falado, enquanto escutava. "Escuta com a boca", tinha pensado Valentina quando do primeiro diálogo nasceu um convite para beber o famoso coquetel do bar, que Adriano recomendava e que Beppo, agitando-o em um cabrileio de lata, proclamava ser a joia de Roma, o Tirreno metido no cálice com todos os seus tritões e hipocampos. Nesse dia Dora e Valentina acharam Adriano simpático;

*Hum.*

não parecia turista (ele se considerava um viajante e acentuava sorrindo o reparo) e o diálogo de meio-dia foi um encanto mais de Roma em abril. Dora esqueceu-o em seguida

*Falso. Distinguir entre savoir faire e simplicidade. Ninguém como eu (ou Valentina, claro) podia esquecer assim tão de repente alguém, como Adriano; acontece, porém, que sou inteligente e desde o início senti que meu ritmo não era o seu. Falo de amizade, não de outra coisa porque nisso nem sequer se podia falar de ritmos. E uma vez que nada era possível, para que perder tempo?*

ocupadíssima em visitar o Laterano, San Clemente, tudo em uma tarde porque partia dois dias depois, Cook acabava de lhes vender um complicado itinerário; por seu lado Valentina achou o pretexto de umas compras para voltar na manhã seguinte ao bar do Beppo. Quando viu Adriano, que morava em um hotel vizinho, nenhum dos dois fingiu surpresa. Adriano ia a Florença uma semana depois e discutiram itinerários, câmbio, hotéis, guias. Valentina acreditava nos *pullmans* Adriano era pró-trem; foram debater o problema em uma *trattoria* da Suburra onde se comia peixe em um ambiente pitoresco para os que lá só iam uma vez.

Dos guias passaram às informações pessoais, Adriano soube do divórcio de Valentina em Montevideu e ela de sua vida familiar em uma fazenda perto de Osorno. Compararam impressões de Londres, Paris, Nápoles. Valentina olhou uma vez e outra a boca de Adriano, olhava-a de frente nesse momento em que o garfo leva a comida aos lábios que se separam para recebê-la, quando não se deve olhar. E ele o sabia e apertava na boca o pedaço de polvo frito como se fosse uma língua de mulher, como se já estivesse beijando Valentina.

*Falso por omissão: Valentina não olhava assim para Adriano, mas a toda pessoa que a atraía; comigo o fizera mal nos conhecemos no balcão do American Express, e sei que me perguntei se não seria como eu; essa maneira de me cravar os olhos sempre um pouco dilatados... Quase em seguida soube que não, pessoalmente eu não me incomodaria de me familiarizar com ela como parte da no man's land da viagem, mas quando decidimos compartilhar o hotel sabia que havia outra coisa, que esse olhar vinha de algo que podia ser medo ou necessidade de esquecimento. Palavras exageradas a essa altura de simples risos, xampu e felicidade turística; mas depois... Em todo caso Adriano tomou por gentileza o que também teria recebido um barman amável ou uma vendedora de bolsas. Dito isso de passagem, há também aí um plágio avant la lettre de uma famosa cena de Tom Jones no cinema.*

Beijou-a nessa tarde, em seu hotel da Via Nazionale, depois que Valentina telefonou a Dora para lhe dizer que não iria com ela às Termas de Caracalla.

*Desperdiçar assim uma chamada!*

Adriano pedira vinho gelado, e em seu quarto havia revistas inglesas e um janelão para o céu do oeste. Só a cama era incomoda por ser muito estreita, mas os homens como Adriano fazem quase sempre o amor em camas estreitas, e Valentina guardava más recordações do leito matrimonial para não ficar contente com a mudança.

Se Dora suspeitava de algo, calou-se.

*Falso: já o sabia. Exato: que me calei.*

Valentina lhe disse naquela noite que se encontrara casualmente com Adriano, e que talvez o encontrassem de novo em Florença; quando três dias depois elas o viram sair de Orsanmichele, Dora pareceu a mais contente dos três.

*Em casos assim é preciso fazer-se de boba para que não tomem a gente por boba.*

Inesperadamente Adriano achava a separação exasperante. De repente compreendia que lhe faltava Valentina, que não lhe havia bastado a promessa do reencontro, das horas que passariam juntos. Sentia ciúme de Dora, mal o disfarçava enquanto ela — mais feia, mais vulgar — lhe repetia coisas lidas atentamente no guia do Touring Club Italiano.

*Nunca usei os guias do Touring Club Italiano porque são incompreensíveis; o Michelin em francês chega que sobra. Passons sur le reste.*

Quando se encontraram no hotel de Adriano, ao entardecer, Valentina mediu a diferença entre esse encontro e o primeiro em Roma; as precauções tinham sido tomadas agora, a cama era perfeita e, sobre uma mesa curiosamente incrustada, esperava-a uma caixinha embrulhada em papel azul e dentro um admirável camafeu florentino que ela — muito mais tarde, quando bebiam sentados junto a janela — prendeu no peito com o gesto fácil, quase familiar de quem gira uma chave na cotidiana fechadura.

*Não posso saber quais eram os gestos de Valentina nesse momento, mas em todo caso nunca poderiam ser simples; tudo nela era nó, elo e açoite. De noite, de minha cama olhava-a dar voltas antes de se deitar pegando e largando mais de uma vez um vidro de perfume, um tubo de pastilhas, indo à janela como se escutasse ruídos insólitos; ou mais tarde, enquanto dormia, essa maneira de soluçar no meio de um sonho, despertando-me bruscamente, fazendo-me passar para sua cama, oferecer-lhe um copo de água, acariciar-lhe a testa até que voltava a dormir mais calma. E seus desafios nessa primeira noite em Roma quando veio sentar-se a meu lado, você não me conhece, Dora, não tem ideia do que tenho dentro de mim, este vazio cheio de espelhos mostrando-me uma rua de Punta del Este, um menino que chora porque não estou lá. Simples, seus gestos? Para mim, pelo menos, tinham me mostrado desde o princípio que nada devia esperar dela no plano afetivo, além da camaradagem. Custa-me imaginar que Adriano, por mais masculinamente cego que estivesse, não suspeitasse que Valentina estava beijando o nada em sua boca, que antes e depois do amor Valentina continuaria chorando em sonhos.*

Até então não havia se apaixonado por suas amantes; algo nele o levava a possuí-las cedo demais para criar uma aura, a necessária zona de mistério e desejo, para organizar a caçada mental que alguma vez poderia chamar-se amor. Com Valentina tinha sido igual, mas nos dias de separação, nesses últimos entardeceres de Roma e a viagem a Florença, algo diferente acontecera em Adriano. Sem surpresa, sem humildade, quase sem admiração, viu-a surgir na penumbra dourada de Orsanmichele brotando do tabernáculo de Orcagna como se uma das inúmeras figurinhas de pedra se desgarrasse do monumento para vir a seu encontro. Talvez só então tenha compreendido que estava se apaixonando por ela. Ou talvez depois, no hotel, quando Valentina chorara abraçada a ele, sem lhe dar razões, deixando-se levar

como uma menina que se abandona a uma necessidade longamente contida e encontra um alívio misturado com vingança, com reprovação.

No imediato e exterior Valentina chorava pela precariedade do encontro. Adriano seguiria seu caminho uns dias mais tarde; não voltariam a se encontrar porque o episódio entrava em um comum calendário de férias, um marco de hotéis e coquetéis e frases rituais. Só os corpos saíam saciados, como sempre, por um momento teriam a satisfação do cachorro que acaba de mastigar e se deita ao sol com um grunhido de contentamento. Em si o encontro era perfeito, corpos feitos para apertar-se, enlaçar-se, retardar ou provocar o prazer. Mas quando olhava para Adriano sentado a beira da cama (e ele a olhava com sua boca de lábios grossos) Valentina sentia que o rito acabava de se cumprir sem um conteúdo real, que os instrumentos da paixão estavam ociosos, que o espírito não os habitava. Tudo isso lhe tinha sido suportável e também favorável em outros lances do momento, e entretanto desta vez queria reter Adriano, demorar o momento de se vestir e sair, esses gestos que de alguma maneira anunciavam já uma despedida.

*Aqui se quis dizer algo sem dizê-lo, sem entender sendo um rumor incerto. Também a mim Valentina tinha olhado assim enquanto tomávamos banho e nos vestíamos em Roma, antes de Adriano; também eu tinha sentido que essas rupturas na rotina faziam mal a ela, jogavam-na para o futuro. Na primeira vez cometi o erro de insinuá-lo de aproximar-me e acariciar-lhe o cabelo e lhe propor que pedíssemos bebidas e ficássemos olhando o entardecer. Sua resposta foi seca, não viera do Uruguai para viver em um hotel. Pensei simplesmente que continuava desconfiando de mim, que atribuía um sentimento preciso a esse esboço de carícia, assim como eu tinha entendido mal seu primeiro olhar na agência de viagens. Valentina olhava, sem saber exatamente por quê; éramos os outros quem cedíamos a esse interrogar obscuro que tinha algo de acosso, mas um acosso que não nos dizia respeito.*

Dora os esperava em um dos Cafés da Signoria, acabava de descobrir Donatello como o explicou com exagerada ênfase, como se o entusiasmo lhe servisse de cobertor de viagem e a ajudasse, a esconder alguma irritação.

— Claro que iremos ver as estátuas — disse Valentina —, esta tarde, porém, não podemos ir, há muito sol para ir aos museus.

— Não vão estar tanto tempo aqui para sacrificar todo esse sol.

Adriano fez um gesto vago, esperou pelas palavras de Valentina. Era-lhe difícil saber o que Dora representava para Valentina, se a viagem das duas já estava definida e não admitiria mudanças. Dora voltava a Donatello, multiplicava as inúteis referências que se fazem às obras em sua ausência; Valentina olhava a torre da Signoria, procurava os cigarros mecanicamente.

*Acho que aconteceu exatamente assim é que pela primeira vez Adriano sofreu de verdade, temeu que eu representasse a viagem sagrada, a cultura como dever, as reservas de trens e hotéis. Mas se alguém lhe tivesse perguntado pela outra solução possível, só teria podido pensar em algo parecido junto a Valentina, sem um fim determinado.*

No outro dia foram aos Uffizi. Como que se furtando a necessidade de uma decisão, Valentina aferrava-se obstinadamente à presença de Dora para não deixar qualquer abertura a Adriano. Só em um fugaz momento, quando Dora se atrasara olhando um retrato, pôde ele falar-lhe de perto.

— Virá esta tarde?

— Sim — disse Valentina sem olhá-lo —, às quatro.

— Gosto muito de você — murmurou Adriano, roçando-lhe o ombro com dedos tímidos. — Valentina, gosto muito você.

Entrava um grupo de turistas norte-americanos precedidos pela voz anasalada do guia. Foram

separados por caras inexpressivamente ávidas, falsamente interessadas na pintura que esqueceriam uma hora depois entre *spaghetti* e vinho dos Castelli Romani. Também Dora vinha folheando seu guia, perdida porque os números do catálogo não coincidiam com os quadros pendurados.

*De propósito, naturalmente. Deixá-los falar, marcar encontro, fartar-se. Não ele, já sabia disso, mas ela. Nem fartar-se, antes voltar ao perpétuo impulso da fuga que talvez a devolveria à minha maneira de acompanhá-la sem chateações, simplesmente esperando a seu lado embora isto não servisse de nada.*

— Gosto muito de você — repetia Adriano nessa tarde inclinando-se sobre Valentina que descansava de costas. — Você sabe, não é? Não está nas palavras, não tem nada a ver com dizê-lo, com lhe dar nomes. Diga que o sente, que não o explica mas que o sente agora que...

Afundou a cara entre seus seios, beijando-a longamente como se bebesse a febre que latejava na pele de Valentina, que acariciava o cabelo com um gesto distante, distraído.

*D'Annunzio viveu em Veneza, não? A menos que fossem os dialogistas de Hollywood...*

— Sim, você me ama — disse ela. — Mas é como se você também tivesse medo de algo, não de me amar mas... Não medo, talvez, quem sabe ansiedade. Você se preocupa com o que virá agora.

— Não sei o que acontecerá, não tenho a menor ideia. Como ter medo de tanto vazio? Meu medo é você, e um medo concreto, aqui e agora. Você não me ama como eu a você, Valentina, ou me ama de outra maneira, limitada ou contida, sabe-se lá por que razões.

Valentina ouvia-o fechando os olhos. Devagar, coincidindo com o que ele acabava de dizer, entrevia algo atrás, algo que a princípio não era senão um oco, uma inquietação. Sentia-se muito feliz nesse momento para tolerar que a menor falha se imiscuísse nessa hora perfeita e pura em que ambos tinham se amado sem outro pensamento que o de não querer pensar. Mas também não podia impedir-se de entender as palavras de Adriano. Media de pronto a fragilidade dessa situação turística sob um teto emprestado, entre lençóis estranhos, ameaçados por guias ferroviários, itinerários que levavam a vidas diferentes, a razões desconhecidas e provavelmente antagônicas como sempre.

— Não me ama como eu a você — repetiu Adriano, rancoroso. — Sirvo a você, sirvo como uma faca ou um garçom, nada mais.

— Por favor — disse Valentina. — *Je t'en prie.*

Tão difícil perceber por que já não eram felizes a tão poucos momentos de algo que tinha sido como a felicidade.

— Sei muito bem que terei de voltar — disse Valentina sem retirar os dedos do rosto ansioso de Adriano. — Meu filho, meu trabalho, tantas obrigações. Meu filho é muito pequeno, muito indefeso.

— Também eu tenho de voltar — disse Adriano desviando os olhos. — Eu também tenho trabalho, mil coisas.

— Está vendo.

— Não, não estou. Como quer que veja? Se me obriga a considerar isto como um episódio de viagem, você o liquida, esmaga-o como a um inseto. Amo você, Valentina. Querer é mais que recordar ou preparar-se para recordar.

— Não é a mim que você deve dizer isto. Não, não é a mim. Tenho medo do tempo, o tempo é a morte, seu horrível disfarce. Não percebe que nos amamos contra o tempo, que ao tempo precisamos negar?

— Sim — disse Adriano, deixando-se cair de costas junto a ela —, e acontece que você vai embora depois de amanhã para Bolonha, e eu um dia depois para Lucca.

— Cale-se.

— Por quê? Seu tempo e o do Cook, embora pretenda enchê-lo de metafísica. O meu, em troca, quem

decide e a minha vontade, o meu prazer, os horários de trem que prefiro ou recuso.

— Está vendo — murmurou Valentina. — Está vendo que temos de nos render às evidências. Que é que se pode fazer?

— Vir comigo. Deixe sua famosa excursão, deixe Dora que fala do que não sabe. Vamos juntos.

*Refere-se a meus arrebatamentos pictóricos, não vamos discutir se tem razão. Em todo caso os dois se falam com grandes espelhos à frente, um perfeito diálogo de best-seller para encher duas páginas com nada em particular. Que sim, que não, que o tempo... Tudo era muito claro para mim, Valentina piuma al vento, a neura e a deprê, e dupla dose de valium à noite, o velho, velho quadro de nossa jovem época. Uma aposta comigo mesma (neste momento, lembro-me bem): entre dois males, Valentina escolheria o menor, eu. Comigo nenhum problema (se me escolhia); no fim da viagem adeus querida, foi tão doce e tão bonito, adeus, adeus. Em troca Adriano... Nós as duas tínhamos sentido o mesmo: com a boca de Adriano não se brincava. Esses lábios... (Pensar que ela lhes permitia que conhecessem cada pedaço de sua pele; há coisas que me superam, claro que é uma questão de libido, we know we know we know).*

E apesar disso era mais fácil beijá-lo, ceder a sua força, escorregar maciamente sob a onda do corpo a que a abraçava; era mais fácil entregar-se que negar-lhe esse assentimento que ele, perdido outra vez no prazer, já esquecia.

Valentina foi a primeira a se levantar. A água da ducha açoitou-a longamente. Vestindo um roupão, voltou ao quarto onde Adriano continuava na cama, meio levantado e sorrindo-lhe como de um sarcófago etrusco, fumando devagar.

— Quero ver anoitecer do balcão.

Às margens do Arno, o hotel recebia as últimas luzes. As lâmpadas ainda não tinham se acendido no Ponte Vecchio, e o rio era uma faixa violeta com franjas mais claras, sobrevoado por pequenos morcegos que caçavam invisíveis insetos; mais acima chilreavam as tesouras das andorinhas. Valentina recostou-se na cadeira de balanço, ia respirando um ar frio. Envolvia-a uma doce fadiga, teria podido dormir; talvez tenha dormido uns instantes. Mas nesse interregno de abandono continuava pensando em Adriano e o tempo, as palavras monótonas voltavam como estribilhos de uma canção tola, o tempo é a morte, um disfarce da morte, o tempo é a morte. Olhava o céu, as andorinhas que jogavam seus límpidos jogos, chilreando instantaneamente como se trincassem a louça azul-profunda do crepúsculo. Também Adriano era a morte.

*Curioso. De repente toca-se fundo a partir de tanta falsa premissa. Talvez seja sempre assim (pensar nisto outro dia, em outros contextos). Assusta que seres tão distantes de sua própria verdade (Valentina mais que Adriano, é claro) combinem por momentos; claro que não percebem e é melhor assim, o que se segue comprova-o. (Quero dizer que é melhor para mim, bem considerado.)*

Levantou-se, tensa. Também Adriano era a morte. Ela tinha pensado nisso? Também era a morte. Não tinha o menor sentido, misturara palavras como em um refrão infantil, e resultava esse absurdo. Voltou a se deitar, relaxando, e olhou outra vez as andorinhas. Talvez não fosse tão absurdo; de qualquer modo ter pensado isso valia apenas como uma metáfora pois renunciar a Adriano mataria algo nela e a arrancaria de uma parte momentânea de si mesma, deixando-a a sós com uma Valentina diferente, Valentina sem Adriano, sem o amor de Adriano, se era amor esse balbucio de tão poucos dias, se nela mesma era amor essa entrega furiosa a um corpo que a afogava e a devolvia exausta ao abandono do entardecer. Então sim, então visto assim Adriano era a morte. Tudo o que se possui é a morte porque anuncia a despossessão, organiza o vazio por vir. Refrões infantis, tiruliru-liru-lá, mas ela não podia renunciar a seu itinerário, ficar com Adriano. Cúmplice da morte, então, deixaria que ele fosse para

Lucca só porque era inevitável a curto ou longo prazo, lá na distância Buenos Aires e seu filho eram como as andorinhas sobre o Arno, chilreando fracamente, reclamando no anoitecer que crescia como um vinho negro.

— Ficarei — murmurou Valentina. — Amo-o, amo-o. Ficarei e o levarei comigo um dia.

Sabia bem que não seria assim, que Adriano não mudaria sua vida por ela, Osorno por Buenos Aires.

*Como podia sabê-lo? Tudo aponta na direção contrária; é Valentina que jamais trocará Buenos Aires por Osorno, sua vida instalada, suas rotinas riopratenses. No fundo não creio que ela pensasse isso que a fazem pensar; também é verdade que a covardia tende a projetar nos outros a própria responsabilidade, etcétera.*

Sentiu-se como que suspensa no ar, quase estranha a seu corpo, era só medo e algo parecido a aflição. Via um bando de andorinhas que se juntara sobre o meio do rio, voando em grandes círculos. Uma das andorinhas afastou-se das outras, perdendo altura, aproximando-se. Quando parecia que se elevaria outra vez, algo falhou na máquina maravilhosa. Como um escuro pedaço de chumbo, girando sobre si mesma, precipitou-se diagonalmente e caiu com um golpe surdo aos pés de Valentina no balcão.

Adriano ouviu o grito e veio correndo. Valentina cobria o rosto e tremia horripelantemente, refugiada no outro extremo do balcão. Adriano viu a andorinha morta e a empurrou com o pé. A andorinha caiu na rua.

— Venha, entre — disse ele, pegando Valentina pelos ombros. — Não foi nada, já passou. Você se assustou, querida.

Valentina muda; quando ele, porém, afastou as mãos e viu seu rosto, teve medo. Não fazia mais que copiar o medo dela, talvez o medo último da andorinha desmoronando fulminada em um ar que de repente, esquivo e cruel, tinha deixado de sustentá-la.

Dora gostava de conversar antes de dormir e passou meia hora com notícias sobre Fiésole e a Piazzale Michelangelo. Valentina escutava-a distante, perdida em um rumor interno que não podia confundir com uma meditação. A andorinha estava morta, tinha morrido em pleno voo. Um aviso, uma intimação. Como em um semi-sonho estranhamente lúcido, Adriano e a andorinha começaram a se confundir nela, transformando-se em um desejo quase feroz de fuga, de libertação. Não se sentia culpada de nada mas sentia a culpa em si, a andorinha como uma culpa batendo surdamente a seus pés.

Em poucas palavras disse a Dora que mudaria de planos, que seguiria diretamente para Veneza.

— Você me encontrara lá de qualquer modo. Não faço mais que me antecipar uns dias, na verdade prefiro ficar sozinha uns dias.

Dora não pareceu muito surpreendida. Pena que Valentina perdesse Ravenna, Ferrara. De qualquer modo compreendia que preferisse ir diretamente e sozinha a Veneza; melhor ver bem uma cidade que mal duas ou três... Valentina não a escutava mais, perdida em sua fuga mental, na corrida que devia distanciá-la do presente, de um balcão sobre o Arno.

*Aqui quase sempre se acerta partindo do erro, é irônico e divertido. Aceito que não estava muito surpresa e que observei o lip service necessário para tranquilizar Valentina. O que não se sabe é que a minha falta de surpresa tinha outras fontes, a voz e o rosto de Valentina contando-me o episódio do balcão, tão desproporcionado, salvo se o sentisse como ela o sentia, um presságio fora de toda lógica e por isso irresistível. E também uma deliciosa, cruel suspeita de que Valentina estava confundindo as razões de seu medo, confundindo-me com Adriano. Sua cortês distância essa noite, sua rápida ação de assear-se e se deitar sem me dar a menor oportunidade de repartir o espelho do banheiro, os ritos da ducha, le temps d'un sein nu entre deux chemises. Adriano, sim, digamos que sim, que Adriano. Mas por que essa maneira de se deitar dando-me as costas, cobrindo o rosto com um braço para sugerir que eu apagasse a luz o quanto antes, que a*

*deixasse dormir sem mais palavras, sem sequer um leve beijo de boa-noite entre amigas de viagem?*

Pensou melhor no trem, mas o medo continuava. De que estava fugindo? Não era fácil aceitar as soluções da prudência, elogiar-se por ter rompido o laço a tempo. Permanecia o enigma do medo como se Adriano, o pobre Adriano, fosse o diabo, como se a tentação de apaixonar-se de verdade por ele fosse o balcão aberto sobre o vazio, o convite ao salto irreprimível.

Valentina pensou vagamente que estava fugindo de si mesma mais que de Adriano. Até a rapidez com que se entregara em Roma provava sua resistência a toda seriedade, a todo reinício fundamental. O fundamental tinha ficado do outro lado do mar, feito em pedacinhos para sempre, e agora era o tempo da aventura sem amarras, como já outras antes e durante a viagem, a aceitação de circunstâncias sem uma análise moral nem lógica, a companhia episódica de Dora como resultado de um balcão em uma agência de viagens. Adriano em outro balcão, o tempo de um coquetel ou uma cidade, momentos e prazeres tão confusos como o mobiliário dos quartos dos hotéis que vão ficando para trás.

*Companhia episódica, sim. Mas quero crer que há mais que isso em uma referência que pelo menos me equipara a Adriano como dois lados de um triângulo no qual o terceiro é um balcão.*

E apesar disso, Adriano em Florença ousara fazer exigências de possuidor, não mais do amante fugitivo de Roma; pior, exigindo reciprocidade, esperando-a e apressando-a. Talvez o medo nascesse disso, não era senão um sujo e mesquinho medo das complicações mundanas, Buenos Aires/Osorno, as pessoas, os filhos, a realidade instalando-se tão diferente no calendário da vida compartilhada. E talvez não: atrás, sempre, outra coisa, incapturável como uma andorinha no voo. Algo que de repente tivesse podido precipitar-se sobre ela, um corpo morto golpeando-a.

*Hum. Por que se dava mal com os homens? Enquanto pensa como a fizeram pensar, há como que a imagem de algo encurralado, sitiado: a verdade profunda, cercada pelas mentiras de um conformismo irrenunciável. Pobrezinha, pobrezinha.*

Os primeiros dias em Veneza foram cinzentos e quase frios, mas no terceiro explodiu o — sol desde cedo e o calor veio em seguida, derramando-se com os turistas que saíam entusiasmados dos hotéis e enchiam a Piazza San Marco e a Merceria em uma alegre desordem de cores e de línguas.

Valentina gostou de se deixar levar pela compassada serpente que subia a Merceria rumo ao Rialto. A cada volta, a Ponte dei Baretieri, San Salvatore, o escuro recinto postal da Fondamenta dei Tedeschi, recebiam-na com essa calma impessoal de Veneza para com seus turistas, tão diferente da convulsa expectativa de Nápoles ou o amplo entregar-se dos panoramas de Roma. Recolhida, sempre secreta, Veneza brincava mais uma vez de esconder seu verdadeiro rosto, sorrindo impessoalmente à espera de que no dia e hora propícios sua vontade de se mostrar de verdade ao bom viajante a recompensasse de sua fidelidade. Do Rialto, Valentina olhou as maravilhas do Grande Canal e assustou-se com a distância, inesperada entre ela e esse luxo de águas e gôndolas. Penetrou nas ruelas que de *campo* em *campo* a levavam a igrejas e museus, deu nos molhes de onde se podia ver as fachadas dos grandes palácios corroídos por um tempo cinzento e verde. Via tudo, admirava tudo, sabendo entretanto que suas reações eram convencionais e quase forçadas, como o elogio repetido às fotografias que nos vão mostrando nos álbuns de família. Algo — sangue, ansiedade, ou somente vontade de viver — parecia ter ficado para trás. Valentina odiou de repente a lembrança de Adriano que tinha cometido o erro de se apaixonar por ela. Sua ausência o fazia ainda mais odioso porque sua falta era das que só se castigam ou se perdoam em pessoa. Veneza

*A opção já tomada, faz-se Valentina pensar como bem se quiser, mas outras opções são possíveis se se considerar que ela optou por ir sozinha a Veneza. Termos exagerados como ódio e*

*repugnância aplicam-se de verdade a Adriano? Mera troca de prisma, e não é em Adriano que Valentina pensa enquanto vaga por Veneza. Por isso minha galante infidelidade florentina era necessária, tinha de continuar projetando Adriano no centro de uma ação que talvez assim, talvez até o fim da viagem, me devolvesse a esse começo no qual eu tinha esperado como ainda era capaz de esperar.*

dava-se como um admirável cenário sem os atores, sem o alento da participação. Melhor assim, mas também muito pior; andar pelas ruelas, demorar-se nas pequenas pontes que cobrem como uma pálpebra o sono dos canais, começava a parecer um pesadelo. Despertar, despertar-se por qualquer meio, mas Valentina sentia que só algo que se parecesse a um açoite poderia despertá-la. Aceitou a oferta de um gondoleiro que propunha levá-la até San Marco através dos canais interiores; sentada no velho assento de almofadas vermelhas sentiu como Veneza começava a mover-se delicadamente, a passar por ela que a olhava como um olho parado, cravado obstinadamente em si mesmo.

— Ca d'Oro — disse o gondoleiro rompendo um longo silêncio, e com a mão mostrou-lhe a fachada do palácio. Depois, entrando pelo Rio di San Felice, a gôndola sumiu em um labirinto escuro e silencioso, cheirando a mofo. Valentina admirava como todo turista a impecável destreza do remador, sua maneira de calcular as curvas e evitar os obstáculos sentia-o às suas costas, invisível mas vivo, afundando o remo quase sem ruído, trocando às vezes uma breve frase em dialeto com alguém na margem. Quase não o tinha olhado ao subir, pareceu-lhe como a maioria dos gondoleiros, altos e esbeltos, o corpo apertado em justas calças pretas, a jaqueta vagamente espanhola, o chapéu de palha amarela com uma faixa vermelha. Lembrava-se melhor de sua voz, doce sem ser vulgar, oferecendo: *Gondola, signorina, gondola, gondola*. Ela aceitara o preço e o itinerário, distraidamente, mas agora quando o homem chamou sua atenção para o Ca d'Oro e precisou voltar-se para vê-lo, notou a força de seus traços, o nariz quase arrogante e os olhos pequenos e astutos. Mistura de soberba e de cálculo, também presente no vigor sem exagero do torso e a relativa pequenez da cabeça, com algo de víbora no entroncamento do pescoço, talvez nos movimentos impostos pelo remar cadenciado.

Olhando outra vez para a proa, Valentina viu chegar uma pequena ponte. Antes já pensara que seria delicioso o instante de passar por debaixo das pontes, perdendo-se um momento em sua concavidade ressumando a mofo, imaginando os caminhantes no alto, mas agora viu chegar a ponte com uma vaga angústia como se fosse a gigantesca tampa de uma arca que se fecharia sobre ela. Obrigou-se a conservar os olhos abertos no breve trânsito, mas sofreu, e quando a estreita lasca de céu brilhante surgiu novamente sobre ela, fez um gesto confuso de agradecimento. O gondoleiro estava lhe mostrando outro palácio, desses que só concordam em se deixar ver dos canais interiores e que os transeuntes não suspeitam uma vez que só veem as portas de serviço, iguais a tantas outras. Valentina gostaria de comentar, interessar-se pela simples informação que lhe dava o gondoleiro; de repente precisava estar perto de alguém vivo e estranho ao mesmo tempo, confundir-se em um diálogo que a distanciasse dessa ausência, desse nada que lhe arruinava o dia e as coisas. Levantando-se foi sentar-se em um estreito travessão mais a proa. A gôndola oscilou por um momento

*Se a ausência era Adriano, não vejo analogia entre a conduta precedente de Valentina e esta angst que lhe estraga um passeio na gôndola, além do mais nada barato. Nunca saberei como tinham sido suas noites venezianas no hotel, o quarto sem palavras nem histórias da jornada; talvez a ausência de Adriano ganhasse peso em Valentina, mas uma vez mais como a máscara de outra distância, de outra carência que ela não queria ou não podia olhar cara a cara. (Wishful thinking, talvez; mas, e a celebérrima intuição feminina? Na noite em que tomamos um sorvete e minha mão se apoiou na sua, e nos olhamos... Por que não completei a carícia que o acaso começava? De alguma forma tudo ficou como que suspenso no ar, entre nós, e os passeios na gôndola são, é sabido, exumadores de semi-sonhos, de nostalgias e de contos arrependidos.)*

mas o remador não pareceu assustar-se com a conduta de sua passageira. E quando ela lhe perguntou sorrindo o que tinha dito, ele repetiu suas informações com mais detalhes, satisfeito com o interesse que despertava.

— O que há do outro lado da ilha? — quis saber Valentina em seu italiano elementar.

— Do outro lado, *signorina*? Na Fondamenta Nuove?

— Se este é seu nome... quero dizer do outro lado, onde os turistas não vão.

— Sim, a Fondamenta Nuove — disse o gondoleiro, que agora remava muito lentamente. — Bem, dali saem os barcos para Burano e Torcello.

— Ainda não fui a essas ilhas.

— É muito interessante, *signorina*. As fábricas de rendas. Mas este lado não é tão interessante, porque a Fondamenta Nuove...

— Gosto de conhecer lugares que não sejam turísticos — disse Valentina repetindo aplicadamente o desejo de todos os turistas. — O que há mais na Fondamenta Nuove?

— Em frente está o cemitério — disse o gondoleiro. — Não é interessante.

— É uma ilha?

— Sim, frente a Fondamenta Nuove. Olhe, *signorina*, *ecco Santi Giovanni e Paolo. Bella chiesa, bellissima... Ecco il Colleone, capolavoro dal Verrocchio...*

"Turista", pensou Valentina. "Eles e nós, uns para explicar e outros para acreditar que entendemos. Enfim, olhemos sua igreja, olhemos seu monumento, *molto interessante, vero.*"

*Quanto artifício barato, depois de tudo. Faz-se Valentina falar e pensar quando se trata de bobagens; o outro, silêncio ou atribuições quase sempre dirigidas na má direção. Por que não escutamos o que Valentina pôde murmurar antes de dormir, por que não sabemos mais de seu corpo na solidão, de seu olhar ao abrir a janela do hotel cada manhã.*

A gôndola atracou na Riva degli Schiavoni, na altura da *piazzetta* cheia de passeadores. Valentina estava com fome e se aborrecia por antecipação pensando que comeria sozinha. O gondoleiro ajudou-a a desembarcar, recebeu com um sorriso brilhante o pagamento e a gorjeta.

— Se a *signorina* quiser passear de novo, eu estou sempre lá — mostrava um atracadouro distante, marcado por quatro pértigas com farolzinhos. — Meu nome é Dino — acrescentou, tocando na faixa do chapéu.

— Obrigada — disse Valentina. Ia afastar-se, mergulhar na maré humana entre gritos e fotografias. Ali ficaria, às suas costas, o único ser vivente com quem tinha trocado algumas palavras.

— Dino.

— *Signorina*?

— Dino... onde e que se pode comer bem?

O gondoleiro riu francamente, mas olhava para Valentina como se compreendesse ao mesmo tempo que a pergunta não era uma simples tolice de turista.

— A *signorina* conhece os *ristoranti* sobre o Canal? — perguntou um pouco ao acaso, tateando.

— Sim — disse Valentina que não os conhecia. — Quero um lugar tranquilo, sem muita gente.

— Sem muita gente... como a *signorina*? — disse grosseiramente o homem.

Valentina sorriu divertida. Dino não era bobo, pelo menos.

— Sem turistas, sim. Um lugar como...

"Lá onde você e seus amigos comem", pensava, mas não disse. Sentiu que o homem apoiava os dedos em seu cotovelo, sorrindo, e a convidava a subir na gôndola. Deixou-se levar, quase intimidada, mas a sombra dos aborrecimentos apagou-se de repente como que arrastada pelo gesto de Dino a cravar a pá do remo no fundo da lagoa e impulsionar a gôndola com um gesto solto no qual mal se percebia o esforço.

Impossível recordar a rota. Tinham passado sob a Ponte dei Sospiri, mas depois tudo era confuso. Valentina fechava os olhos de quando em quando e se deixava levar por outras vagas imagens que desfilavam paralelamente ao que renunciava a ver. O sol do meio-dia levantava nos canais um vapor fedorento, e tudo se repetia, os gritos a distância os sinais combinados nas curvas. Havia pouca gente nas ruas e nas pontes dessa zona, Veneza já estava almoçando. Dino remava com força e acabou metendo a gôndola em um canal estreito e reto, no fundo do qual se entrevia o cinza verdoso da lagoa. Valentina pensou que a Fondamenta Nuove devia estar lá, na margem oposta, o lugar que não era interessante. Ia voltar-se e perguntar quando sentiu que a barca se detinha junto a uns degraus musgosos. Dino assobiou longamente, e uma janela no segundo andar se abriu sem ruído.

— É minha irmã — disse. — Moramos aqui. Quer comer conosco, *signorina*?

O sim de Valentina antecipou-se a sua surpresa, a sua quase irritação. O desembarço do homem era dos que não admitiam meias medidas; Valentina podia ter se negado com a mesma força com que acabava de aceitar. Dino ajudou-a a subir os degraus e deixou-a esperando enquanto amarrava a gôndola. Ela o ouvia cantarolar em dialeto com uma voz um pouco abafada. Sentiu uma presença as suas costas e se voltou; uma mulher de idade indefinida, mal vestida de rosa velho, aparecia na porta. Dino disse-lhe umas rápidas frases ininteligíveis.

— A *signorina* é muito gentil — acrescentou em toscano. — Deixe-a passar, Rosa.

*E ela vai entrar, claro. Qualquer coisa desde que continue fugindo, continue se enganando. Life, lie; não era uma personagem de O'Neill que mostrava como a vida e a mentira estão separadas apenas por uma única, inocente letra?*

Comeram em uma peça de teto baixo, o que surpreendeu Valentina já habituada aos grandes espaços italianos. A mesa de madeira negra tinha lugar para seis pessoas. Dino, que trocara a camisa sem com isso abafar o odor de transpiração, sentava-se a frente de Valentina. Rosa estava a sua esquerda. À direita o gato favorito, que os ajudou com sua digna beleza a romper o gelo do primeiro, momento. Tinha pasta *asciutta*, uma grande garrafa de vinho e peixe. Valentina achou tudo excelente, e estava quase contente com o que sua amortecida reflexão continuava considerando uma loucura.

— A *signorina* tem bom apetite — disse Rosa, que quase não falava. — Coma um pouco de queijo.

— Sim, obrigada.

Dino comia avidamente, olhando mais para o prato do que para Valentina, mas ela teve a impressão de que a observava de alguma maneira, sem lhe fazer perguntas; nem sequer tinha perguntado por sua nacionalidade, ao contrário de todos os italianos. Mais cedo ou mais, tarde, pensou Valentina, uma situação tão absurda quanto esta tem de estourar. O que se diriam quando o último bocado fosse consumido? Esse momento terrível de uma sobremesa entre desconhecidos. Acariciou o gato, deu-lhe um pedacinho de queijo para provar. Dino ria agora, seu gato só comia peixe.

— Faz muito tempo que é gondoleiro? — perguntou Valentina, procurando uma saída.

— Cinco anos, *signorina*.

— Gosta?

— *Non si sta male*.

— De qualquer modo não parece um trabalho muito duro.

— Não... este não é.

"Então faz outras coisas" pensou ela. Rosa servia-lhe vinho outra vez, e embora se negasse a beber mais, os irmãos insistiram sorrindo e encheram os copos. "O gato não bebe", disse Dino olhando-a nos olhos pela primeira vez há bastante tempo. Os três riram.

Rosa saiu e voltou com um prato de morangos. Depois Dino aceitou um Camel e disse que o fumo italiano era ruim. Fumava atirado para trás, os olhos quase fechados, o suor correndo-lhe pelo pescoço tenso e bronzeado.

— Meu hotel fica muito longe daqui? — perguntou Valentina. — Não quero incomodá-los mais.

"Na verdade eu deveria pagar este almoço", pensava, debatendo o problema e sem saber como resolvê-lo. Deu o nome do hotel, e Dino disse que a levaria. Fazia pouco que Rosa saíra da sala. O gato, deitado a um canto, adormecia no calor da sesta. Cheirava a canal, a casa velha.

— Bem, vocês foram muito amáveis — disse Valentina, empurrando a tosca cadeira e se levantando. — Pena que não sei dizer isto em bom italiano... De qualquer modo você me compreende.

— Oh, claro — disse Dino sem se mexer.

— Gostaria de cumprimentar sua irmã, e...

— Oh, Rosa. Já deve ter ido embora. Sempre vai a esta hora.

Valentina lembrou-se do breve diálogo incompreensível na metade do almoço. Tinha sido a única vez em que falaram em dialeto, e Dino lhe havia pedido desculpas. Sem saber por que, pensou que a partida de Rosa nascera desse diálogo, e sentiu um pouco de medo e também de vergonha por ter medo.

Então Dino se levantou. Só aí viu como era alto. Seus olhos miúdos fitavam a porta, a única. A porta dava para um quarto (os irmãos tinham se desculpado ao fazê-la passar por ali a caminho da sala). Valentina levantou seu chapéu de palha e a bolsa. "Tem um cabelo bonito", pensou sem palavras. Sentia-se intranquila e ao mesmo tempo segura, conquistada. Era melhor que o amargo vazio de toda aquela manhã; agora tinha algo, enfrentava confiadamente alguém.

— Sinto muito — disse —, gostaria de cumprimentar sua irmã. Obrigada por tudo.

Estendeu a mão, e ele a estreitou sem apertar, soltando-a em seguida. Valentina sentiu que a vaga inquietação se dissipava ante aquele gesto rústico, cheio de timidez. Caminhou para a porta, seguida por Dino. Entrou no quarto, mal distinguindo os móveis na penumbra. Não estava a direita a porta de saída para o corredor? Ouviu as suas costas que Dino acabava de fechar a porta da sala. Agora o quarto parecia muito mais escuro. Com um gesto involuntário voltou-se para esperar que ele se adiantasse. Um banho de suor envolveu-a um segundo antes que os braços de Dino a apertassem brutalmente. Fechou os olhos, resistindo fracamente. Se pudesse o teria matado no ato, batendo até quebrar-lhe a cara, arrebentar-lhe a boca que a beijava na garganta enquanto uma mão corria por seu corpo contraído. Tentou soltar-se, e caiu bruscamente para trás, na sombra de uma cama. Dino deixou-se escorregar sobre ela, travando-lhe as pernas, beijando-a em plena boca com lábios úmidos de vinho. Valentina voltou a fechar os olhos. "Se pelo menos ele tivesse tomado banho", pensou, deixando de resistir. Por um momento Dino ainda a manteve prisioneira, espantado com esse abandono. Depois, murmurando e beijando-a, levantou-se sobre ela e procurou com dedos desajeitados o fecho da blusa.

*Perfeito, Valentina. Como ensina a sagesse anglo-saxônica que evitou muitas mortes por estrangulamento, a única coisa que cabia nessa circunstância era o inteligente relax and enjoy it.*

Às quatro, com o sol ainda alto, a gôndola atracou diante de San Marco. Como na primeira vez, Dino ofereceu o antebraço para que Valentina se apoiasse e ficou a espera, olhando-a nos olhos.

— *Arrivederci* — disse Valentina e começou a andar.

— Hoje a noite estarei lá — disse Dino apontando o atracadouro. — Às dez.

Valentina foi diretamente ao hotel e pediu um banho quente. Nada podia ser mais importante que isso, tirar o cheiro de Dino, a contaminação desse suor, dessa saliva que a mancharam. Com um gemido de prazer escorregou na banheira fumegante, e por um longo tempo foi incapaz de estender a mão para o tablete de sabonete verde. Depois, aplicadamente, ao ritmo de seu pensamento que voltava pouco a pouco, começou a se lavar.

A lembrança não era penosa. Tudo o que havia tido de sórdido como preparação parecia apagar-se frente a coisa mesma. Tinham-na enganado, atraído a uma estúpida armadilha, mas era muito inteligente para não compreender que ela mesma havia tecido a rede. Nesse confuso emaranhado de lembranças repugnava-a sobretudo Rosa, a figura evasiva da cúmplice que agora, a luz do ocorrido, era difícil

acreditar ser irmã de Dino. Sua escrava, ou melhor, sua amante complacente por necessidade, para conservá-lo ainda um pouco.

Estirou-se na banheira, dolorida. Dino comportara-se como o que era, reclamando raivoso o seu prazer sem nenhuma consideração. Possuía-a como um animal, repetidamente, exigindo-lhe torpezas que não teriam sido como foram se ele tivesse tido um mínimo de gentileza. Mas Valentina não o lamentava, nem lamentava o cheiro de coisa velha da cama revolta, a respiração de cachorro de Dino, a vaga tentativa de reconciliação posterior (porque Dino tinha medo, media as possíveis consequências do abuso com uma estrangeira). Na realidade não lamentava nada que não fosse a falta de graça da aventura. E talvez nem isso lamentasse, pois a brutalidade estivera ali como o alho nas comidas populares, requisito indispensável e saboroso.

Divertia-a, um pouco histericamente

*Mas não, nenhuma histeria. Só eu podia ver a expressão de Valentina na noite em que lhe contei a história de minha colega Nancy no Marrocos, uma situação equivalente mas muito mais torpe, com o seu violador islâmico defraudado ao saber que ela estava em pleno período menstrual obrigando-a, então, a bofetadas e chicotadas a ceder-lhe a outra via. (Não encontrei o que procurava ao lhe contar isso, mas vi nela um olhos assim de loba, um instante antes de afastar o tema e procurar, como sempre, o pretexto do cansaço e do sono.) Talvez se Adriano tivesse procedido como Dino, sem o alho e o suor, hábil e belo. Talvez se eu, em vez de deixá-la entregar-se ao sono...*

pensar que Dino, enquanto com mãos absurdamente desajeitadas tentava ajudá-la a vestir-se, pretendera ternuras de amante, muito grotescas para que ele mesmo acreditasse nelas. O convite, por exemplo, ao despedi-la em San Marco, era ridículo. Imaginar que ela podia voltar a sua casa, entregar-se de sangue-frio... Não lhe causava a menor inquietação, estava certa de que Dino era um homem excelente a seu modo, que não, tinha sonhado o roubo a violação, o que teria sido fácil, e até admitia no que acontecera um certo tom normal, mais lógico que em seu encontro com Adriano.

*Viu, Dora, viu, burra?*

O terrível era perceber até que ponto Dino estava longe dela, sem a menor possibilidade de comunicação. Com o último gesto do prazer começava o silêncio, a perturbação, a comédia ridícula. Era uma vantagem, no final das contas; de Dino não precisava fugir como de Adriano. Nenhum perigo de se apaixonar; nem sequer ele se apaixonaria, naturalmente. Que liberdade! Com toda a sua sujeira, a aventura não a desagradara, sobretudo depois que se ensaboou.

À hora do jantar Dora chegou de Padua, fervilhando de notícias sobre Giotto e Altichiero. Achou Valentina muito bem e disse que Adriano falara vagamente em desistir da viagem a Lucca, depois, porém, o perdera de vista. "Eu diria que está apaixonado por você", falou de passagem, com seu riso de soslaio. Veneza a encantava, Veneza da qual ainda não tinha visto nada, e se jactava de deduzir maravilhas da cidade apenas pelo comportamento dos garçons e dos *fachini*. "Tudo tão fino, tão fino", repetia saboreando seus camarões.

*Com perdão da palavra, nunca na minha puta vida disse uma frase semelhante. Que tipo de desconhecida vingança há nisto? Ou bem (sim, começo a adivinhar, a acreditar) tudo nasce de um subconsciente que fez Valentina nascer também, que, a desconhecendo na superfície e equivocando-se todo o tempo sobre suas atitudes e suas razões, sem saber acertar em águas profundas, lá onde Valentina não esqueceu Roma, o balcão da agência, a concordância em dividir um quarto e uma viagem. Nesses brilhos que nascem como um peixe abissal para mostrar-se um segundo sobre as águas, eu sou deliberadamente deformada e ofendida, eu me transformo no que*

*me fazem dizer.*

Falou-se de *Venice by night*, mas Dora estava esgotada pelas belas-artes e retomou ao hotel depois de duas voltas a praça. Valentina cumpriu o ritual de beber um porto no Florian e esperou que dessem dez horas. Misturada às pessoas que tomavam sorvetes e tiravam fotografias com *flash*, observou o embarcadouro. Havia só duas gôndolas com os faróis acesos desse lado. Dino estava nos molhes, junto a uma pértiga. Esperava.

"Realmente acredita que eu vá", pensou quase surpreendida. Um casal com jeito de ingleses aproximava-se do gondoleiro. Valentina viu que ele tirava o chapéu e oferecia a gôndola. Embarcaram quase em seguida; o farolete tremia na noite da lagoa.

Vagamente inquieta, Valentina voltou ao hotel.

A luz da manhã lavou-a dos maus sonhos, sem lhe tirar, porém, a sensação de náusea, a opressão na boca do estômago. Dora a esperava no salão para o café, e Valentina servia-se de chá quando um garçom veio a mesa.

— Lá fora está o gondoleiro da *signorina*.

— Gondoleiro? Não pedi nenhuma gôndola.

— O homem descreveu a *signorina*.

Dora olhava-a curiosa, e Valentina sentiu-se bruscamente nua. Esforçou-se para beber um gole de chá e se levantou depois de vacilar um pouco. Divertida, Dora pensou que seria engraçado olhar a cena da janela. Viu o gondoleiro, Valentina que ia a seu encontro, o cumprimento envergonhado mas decidido do homem. Valentina falava quase sem gestos, mas ela a viu levantar uma mão como que pedindo — claro que não podia ser — algo que o outro se negava a dar. Depois foi ele quem falou a agitando os braços italiana. Valentina parecia esperar que fosse embora, mas o outro insistia, e Dora ficou o tempo suficiente para ver que ela, afinal, consultava o relógio de pulso e fazia um gesto de assentimento.

— Tinha esquecido completamente — explicou ao voltar —, mas um gondoleiro não esquece seus clientes. Você não vai sair?

— Sim, claro — disse Dora. — Eles são mesmo tão bonitos como os do cinema?

— Todos eles, imagino — disse Valentina sem sorrir. A ousadia de Dino deixara-a tão estupefata que custava a se dominar. Por um momento a ideia de que Dora lhe proporia juntar-se ao passeio inquietou-a; tão lógico e tão Dora. "Mas essa seria precisamente a solução", pensou. "Por mais grosseiro que seja não se animara a fazer um escândalo. É um histérico, a gente pode ver, mas não é burro."

Dora não disse nada, embora sorrisse com uma amabilidade que a Valentina pareceu vagamente repugnante. Sem saber por que, não lhe propôs o passeio juntas. Era extraordinário como nessas semanas fazia todas as coisas importantes sem saber por que.

*Tu parles, ma fille. O que parecia inacreditável concentrou-se em simples evidência tão logo me deixaram fora do passeiozinho. Claro que isso não podia ter importância, apenas um parêntese de consolo barato e forte e sem o menor risco futuro. Era, entretanto, o recurso em baixo nível da mesma comprovação: Adriano ou um gondoleiro, e eu uma vez mais a outsider. Tudo isso valia outra xícara de chá e perguntar-se se ainda não restava algo por fazer para aperfeiçoar a pequena relojoaria que já tinha posto em marcha — oh, com toda inocência — antes de deixar Florença.*

Dino levou-a pelo Grande Canal para além do Rialto, escolhendo amavelmente o percurso mais extenso. À altura do Palácio Valmarana entraram pelo Rio dei Santi Apostoli e Valentina, olhando teimosa para a frente, viu chegar outra vez, uma após outra, as pequenas pontes negras formigantes. Custava-lhe convencer-se de que estava de novo nessa gôndola, apoiando as costas no vetusto almofadão vermelho. Um fio de água corria pelo fundo; água do canal, água de Veneza os famosos carnavais. O Dogo se casava com o mar. Os famosos palácios e carnavais de Veneza. *Vim buscá-la porque a senhora*

*não foi me procurar ontem a noite. Quero levá-la na gôndola.* O Dogo se casava com o mar. Com uma frescura perfeita. Frescura. E agora a estava levando na gôndola, fazendo de vez em quando um gesto entre melancólico e estranho antes de entrar em um canal interior. Ao longe, ainda muito ao longe, Valentina avistou a franja aberta e verde. Outra vez a Fondamenta Nuove. Era previsível, os quatro degraus mofados, reconhecia o lugar. Agora ele assobiaria e Rosa apareceria à janela.

*Lírico e óbvio. Faltam os papéis de Aspern, o Barão Corvo e Tazio, o belo Tazio e a peste chamada telefônica, a um falta também uma certa hotel perto do Teatro La Fenice, embora não seja culpa de ninguém (quero dizer a ausência do detalhe, não a chamada telefônica).*

Dino, porém, encostava a gôndola em silêncio e esperava. Valentina voltou-se pela primeira vez desde que embarcara e olhou-o. Dino sorria maravilhosamente. Tinha dentes belíssimos, com um pouco de dentifício ficariam perfeitos.

"Estou perdida", pensou Valentina, e pulou par o primeiro degrau sem se apoiar no antebraço que ele lhe oferecia.

*Pensou-o de verdade? Precisava ter cuidado com as metáforas, as figuras elocutivas ou seja lá como se chamem. Também isso veio de baixo; se eu tivesse sabido naquele momento, talvez não tivesse... Mas tampouco a mim era dado entrar no que está para além do tempo.*

Quando desceu para jantar, Dora a esperava com a notícia de que (embora não estivesse absolutamente certa) tinha visto Adriano entre os turistas da Piazza.

— Muito de longe, em uma esquina, sabe? Acho que era ele por esse temo claro um pouco justo que usa. Talvez tenha chegado esta tarde... Perseguindo você, imagino.

— Oh, vamos.

— Por que não? Este não era o seu itinerário.

— Mas você nem está certa de que seja ele — disse Valentina com hostilidade. A notícia não a chocara muito, mas punha a andar a lamentável maquinaria das ideias. "Outra vez isso", pensou. "Outra vez." Encontrar-se-ia com ele, era certo, em Veneza se vive como dentro de uma garrafa, todo mundo acaba por se reconhecer na Piazza ou no Rialto. Fugir de novo, mas por quê? Estava farta de fugir do nada, de não saber do que fugia e se realmente estava fugindo ou fazia o mesmo que as pombas ali ao alcance de seus olhos, as pombas fingiam furtar-se ao assalto envaidecido dos machos e finalmente consentiam suavemente, em um cinzento alvoroço de penas.

— Vamos tomar café no Florian — propôs Dora. — Talvez o encontremos, ele é muito bacana.

Viram-no quase em seguida, estava de costas para a praça sob os arcos do mercado, distraído na contemplação de uns horrendos cristais de Murano. Quando o cumprimento de Dora o fez voltar-se, sua surpresa era tão mínima, tão educada, que Valentina sentiu-se aliviada. Nada de teatro, pelo menos. Adriano cumprimentou Dora com sua cortesia distante, e apertou a mão de Valentina.

— Puxa, então é verdade que o mundo é pequeno. Ninguém escapa ao Guia Azul, mais dia menos dia.

— Não com a gente.

— Nem aos sorvetes de Veneza. Posso convidá-las?

Quase imediatamente Dora mudou de assunto. Tinha em seu haver duas ou três cidades mais que eles, e naturalmente procurava esmagá-los com o relatório de tudo o que tinham perdido. Valentina teria preferido que seus assuntos não acabassem nunca ou que Adriano se decidisse finalmente a olhar para ela de frente, a lhe dirigir a pior das censuras, os olhos que se cravam no rosto com algo que é sempre mais que uma acusação ou uma censura. Ele, porém, tomava sorvete ou fumava com a cabeça um pouco inclinada — sua bela cabeça sul-americana —, atento a cada palavra de Dora. Só Valentina podia medir o leve tremor dos dedos que apertavam o cigarro.

*Eu também, minha querida, eu também. E não me agradava nada porque essa calma escondia algo que até agora não tinha me parecido tão violento, aquela mola tensa como à espera do gatilho que o libertaria. Muito diferente de seu tom quase glacial e matter of fact no telefone. No momento eu ficava fora do jogo, nada podia fazer para que as coisas acontecessem como esperava. Prevenir Valentina... Mas era mostrar-lhe tudo, voltar à Roma das noites em que ela havia escorregado, distanciando-se, deixando-me livre a ducha e o sabonete, deitando-se de costas para mim, murmurando que tinha tanto sono, que já estava quase dormindo.*

A conversa andou, veio o cortejo de museus e pequenos infortúnios turísticos, mais sorvete e cigarro. Falou-se de percorrer a cidade juntos na manhã seguinte.

— Talvez — disse Adriano — atrapalhemos Valentina, que prefere andar só.

— Por que me inclui? — riu Dora. — Valentina e eu nos entendemos à força de não nos entender. Ela não divide a sua gôndola com ninguém e eu tenho uns canaizinhos que são somente meus. Experimente entender-se assim com ela.

— Sempre é possível experimentar — disse Adriano. — Enfim, de qualquer forma, passarei pelo hotel às dez e meia, e vocês já terão decidido ou decidirão.

Quando subiam (tinham quartos no mesmo andar), Valentina apoiou a mão no braço de Dora.

*Foi a última vez que você me tocou. Assim, como sempre, de leve.*

— Quero lhe pedir um favor.

— Claro.

— Deixe-me sair sozinha com Adriano amanhã pela manhã. Uma vez só.

Dora procurava a chave que deixara cair no fundo da bolsa. Demorou-se a encontrá-la

— Custaria muito explicar agora por quê — acrescentou Valentina —, mas você me fará um favor.

— Sim, certamente — disse Dora abrindo sua porta. — Também ele você não quer dividir.

— Também ele? Se pensa...

— Oh, e só uma brincadeira. Durma bem.

*Agora não importa mais, quando, porém, fechei a porta teria enfiado as unhas na minha cara. Não, agora já não tem mais importância nenhuma, mas se Valentina tivesse juntado as pontas... Esse "também ele" era o fio da meada; ela não percebeu o todo, deixou-o escapar na confusão em que estava vivendo. Melhor para mim, sem dúvida, mas talvez... Enfim, realmente agora não importa mais; às vezes basta um valium.*

Valentina esperou-o no lobby e Adriano não se lembrou sequer de perguntar por Dora; como em Florença ou Roma, não parecia muito sensível a sua presença. Caminharam pela Rua Orsolo, olhando apenas o pequeno lago interior onde dormiam as gôndolas a noite, e tomaram a direção do Rialto. Valentina seguia um pouco a frente, vestida de claro. Não tinham trocado mais que duas ou três frases rituais mas ao entrar em uma ruazinha (já estavam perdidos, nenhum dos dois olhava o seu mapa), Adriano adiantou-se e a tomou pelo braço.

— É cruel demais, sabe? É um pouco sacana o que você fez.

— Sim, eu sei. Eu emprego palavras piores.

— Partir assim, egoisticamente. Só porque uma andorinha morre no balcão. Histericamente.

— Reconhece — perguntou Valentina — que a razão, se foi essa, era poética?

— Valentina...

— Ah, chega — disse ela. — Vamos a um lugar tranquilo e falemos tudo de uma vez.

— Vamos ao meu hotel.

— Não, ao seu hotel não.

— A um café, então.

— Estão cheios de turistas, você sabe. Um lugar tranquilo, que não seja interessante... — Vacilou porque a frase lhe trazia um nome. — Vamos a Fundamenta Nuove.

— Que é isso?

— Na outra margem, ao norte. Você tem um mapa? Por aqui, é isto. Vamos.

Bem mais além do Teatro Malibrán, ruelas sem comércio, fileiras de portas sempre fechadas, algum menino malvestido brincando a sua frente, chegaram a Rua do Fumo e viram de muito perto o brilho da lagoa. Desembocava bruscamente, saindo da penumbra cinzenta, em uma costa deslumbrante de sol, povoada de operários e vendedores ambulantes. Alguns cafés de mau aspecto colavam-se como espumas as casinhas flutuantes de onde saiam os *vaporetto*s para Burano e o cemitério. Valentina vira o cemitério em seguida, lembrava-se das explicações de Dino. A pequena ilha, seu paralelogramo rodeado, até onde se conseguia ver, por uma muralha avermelhada. As copas das árvores funerárias destacavam-se como um negro festim. Via-se com toda clareza o molhe de desembarque, mas nesse momento a ilha parecia não conter mais que os mortos; nem uma barca, ninguém nos degraus de mármore do molhe. Tudo ardia secamente sob o sol das onze.

Indecisa, Valentina começou a andar para a direita. Adriano a seguia lentamente, quase sem olhar ao redor. Atravessaram uma ponte sobre um dos canais interiores que se comunicava com a lagoa. O calor se fazia sentir, suas moscas invisíveis na cara. Vinha outra ponte de pedra branca, e Valentina parou no alto do arco, apoiando-se no muro, olhando para o interior da cidade. Se em algum lugar devia falar, que fosse nesse tão neutro, tão pouco interessante, com o cemitério as costas e o canal que penetrava profundamente em Veneza, separando margens sem graça, quase desertas.

— Fui embora — disse Valentina — porque isso não tinha sentido. Deixe-me falar. Fui porque de qualquer maneira um dos dois precisava ir, e você está dificultando as coisas, sabe muito bem que um dos dois precisava ir. Que diferença há, que não seja a de tempo? Uma semana antes, uma semana depois...

— Para você não há diferença — disse Adriano. — Para você é exatamente a mesma coisa.

— Se pudesse lhe explicar... Mas vamos ficar nas palavras. Por que me seguiu? Como se explica isto?

*Se fez tais perguntas, consola-me pelo menos saber que o me imagina envolvida com a presença de Adriano em Veneza. Por trás, claro, a amargura de sempre: essa tendência a me ignorar, a nem sequer suspeitar que havia uma terceira mão embaralhando as cartas.*

— Já sei que não tem nenhum sentido — disse Adriano. — É assim, nada mais.

— Não devia ter vindo.

— E você não devia ter partido assim, me abandonando como...

— Não use as grandes palavras, por favor. Como pode chamar de abandono o que não é senão o normal, afinal de contas? A volta ao normal, se prefere.

— Tudo e tão normal para você — disse ele com raiva. Tremiam-lhe os lábios, apertou as mãos no muro para acalmar-se com o contato branco e indiferente da pedra.

Valentina olhava o fundo do canal, vendo avançar uma gôndola maior que as comuns, ainda imprecisa a distância. Temia encontrar os olhos de Adriano e seu único desejo era que ele fosse embora, que a cobrisse de insultos se necessário, mas que depois fosse embora. Adriano, porém, continuava ali na perfeita voluptuosidade de seu sofrimento, prolongando o que acreditavam ser uma explicação e não passava de dois monólogos.

— É um absurdo — murmurou finalmente Valentina, sem deixar de olhar a gôndola que se aproximava pouco a pouco. — Por que tenho de ser como você? Não estava bem claro que eu não queria vê-lo mais?

— No fundo você me ama — disse Adriano grotescamente. — Não pode ser que não me ame.

— Por que não pode ser?

— Porque você é diferente de tantas outras. Não se entregou como uma qualquer, como uma histérica que não sabe o que fazer em uma viagem.

— Você supõe que eu me entreguei, mas eu poderia dizer que foi você quem se entregou. As velhas ideias sobre as mulheres, quando...

*Etcétera.*

Mas não ganhamos nada com isto, Adriano, tudo e tão inútil. Ou você me deixa sozinha hoje mesmo, agora mesmo, ou vou me embora de Veneza.

— Seguirei você — disse ele, quase com petulância.

— Seremos dois ridículos. Não seria melhor que...

Cada palavra desse falar sem sentido tornava-se penosa até a náusea. Fachada de diálogo, mão de tinta sob a qual se estancava algo inútil e corrompido como as águas do canal. À metade da pergunta Valentina começava a perceber que a gôndola era diferente das outras. Mais estreita, como uma barça, com quatro remadores de pé sobre os travessões onde algo parecia levantar-se como um catafalco negro e dourado. Mas era um catafalco, e os remadores estavam de preto, sem os alegres chapéus de palha. A barca tinha chegado ao molhe junto ao qual corria um edifício pesado e moribundo. Diante de uma construção que parecia uma capela havia um embarcadouro. "O hospital", pensou. "A capela do hospital." Saía gente, um homem levando coroas de flores que jogou distraidamente na barca da morte. Outros já apareciam com o ataúde, e começou a manobra do embarque. O próprio Adriano parecia absorvido pelo claro horror disso que estava ocorrendo sob o sol da manhã, na Veneza que não era interessante, onde os turistas não deviam ir. Valentina ouviu-o murmurar, ou talvez fosse um soluço contido. Mas não podia afastar os olhos da barca, dos quatro remadores que esperavam com os remos cravados para que os outros pudessem colocar o féretro no nicho de cortinas negras. Na proa via-se um vulto brilhante em vez do adorno denteado e familiar das gôndolas. Parecia um enorme mocho de prata, uma carranca com algo de vivo, mas quando avançou pelo canal (a família, do morto estava no molhe, e dois rapazes amparavam uma anciã) viu-se que o mocho era uma esfera e uma cruz prateadas, a única coisa clara e brilhante em toda a barca. Avançava para eles, passaria sob a ponte, exatamente sob seus pés. Bastaria um salto para cair sobre a proa, sobre o ataúde. A ponte parecia mover-se velozmente até a barca ("Então, não virá comigo?") tão fixamente Valentina olhava a gôndola que os remadores moviam lentamente.

— Não, não irei. Deixe-me só, deixe-me em paz.

Não podia dizer outra coisa entre tantas que teria podido dizer ou calar, agora que sentia o tremor do braço de Adriano contra o seu, ouvia-o repetir a pergunta e respirar com esforço, ofegante. Mas também não podia olhar outra coisa senão a barca cada vez mais perto da ponte. Passaria sob a ponte, quase contra eles, sairia pelo outro lado para a lagoa aberta, que atravessaria como um lento peixe negro até a ilha dos mortos, levando outro ataúde, amontoando outro morto no povoado silencioso por trás das muralhas vermelhas.

Quase não a surpreendeu ver que um dos remadores era Dino,

*Terá sido verdade, não se está abusando de um acaso gratuito demais? Agora é impossível saber, como também é impossível saber por que Adriano lhe reprovava a aventura barata. Penso que o fez, que esse diálogo de puro nada que prolonga a cena não foi o real, o que nascia de outros fatos e levava a algo que sem ele parece inconcebível por extremado, por horrível. Vá se saber, talvez ele tenha calado o que sabia para não me delatar; sim, mas que importância teria sua delação se quase em seguida... Valentina, Valentina, Valentina, o prazer de que você me censurasse, de que me insultasse, de que estivesse aqui me injuriando, de que fosse gritando comigo, o consolo de ver*

*você, Valentina, de sentir suas bofetadas, sua saliva em minha cara... (Um comprimido inteiro, desta vez. Agora mesmo, filhinha.)*

o mais alto, na popa, e que Dino a vira e vira Adriano a seu lado, e que deixara de remar para olhá-la, levantando até ela os olhinhos astutos cheios de interrogação e provavelmente ("Não insista, por favor") de raiva ciumenta. A gôndola estava a poucos metros, via-se cada um dos seus pregos de cabeça prateada, cada flor e as modestas ferragens do ataúde ("Você está me machucando, deixe-me"). Sentiu no cotovelo a pressão insuportável dos dedos de Adriano e fechou por um segundo os olhos pensando que bateria nela. A barca pareceu fugir de sob seus pés, e a cara de Dino (assombrada, sobretudo, era cômico pensar que o pobre imbecil também tinha alimentado ilusões) deslizou vertiginosamente, perdeu-se sob a ponte. "Ali vou eu", conseguiu dizer Valentina, ali ia ela naquele ataúde, mais além de Dino, mais além dessa mão que apertava brutalmente o seu braço. Sentiu que Adriano fazia um movimento para tirar alguma coisa, talvez os cigarros com o gesto daquele que procura ganhar tempo, prolongá-lo a todo custo. Os cigarros ou o que fosse, que importância tinha isso agora se ela ia embarcada na gôndola negra, a caminho de sua ilha sem medo, finalmente aceitando a andorinha.

## Reunião com um círculo vermelho

*A Borges*<sup>[8]</sup>

A mim me parece, Jacobo, que nessa noite você devia estar com muito frio, e que a chuva teimosa de Wiesbaden a ele se acrescentou para convencê-lo a entrar no Zagreb. Talvez o apetite tenha sido a razão dominante, você trabalhara todo o dia e já era tempo de jantar em algum lugar tranquilo e silencioso; se ao Zagreb faltavam outras qualidades, reunia em todo caso essas duas e você, penso que encolhendo os ombros como se não se importasse muito, decidiu jantar aí. Em todo caso sobravam mesas na penumbra do salão vagamente balcânico, e foi uma boa coisa poder pendurar o impermeável ensopado no velho cabide e buscar esse canto onde a vela verde da mesa removia suavemente as sombras e deixava entrever antigos talheres e uma taça muito alta onde a luz se refugiava como um pássaro.

Primeiro foi essa sensação de sempre em um restaurante vazio, algo entre embaraço e alívio; por seu aspecto não devia ser ruim, mas a ausência de clientes a essa hora dava que pensar. Em uma cidade estranha essas meditações não duram muito, que é que se sabe de costumes e horários, o que importa é o calor, o cardápio em que se propõem surpresas ou reencontros, a diminuta mulher de grandes olhos e cabelo negro que chegou como do nada, desenhando-se de repente junto à toalha branca, um leve sorriso fixo à espera. Pensou que talvez fosse muito tarde dentro da rotina da cidade mas quase não teve tempo de levantar um olhar de interrogação turística; uma pequena e pálida mão depositava um guardanapo e punha em ordem o saleiro fora de lugar. Como era lógico você escolheu espetinhos de carne com cebola e pimentão vermelho, e um vinho espesso e fragrante que nada tinha de ocidental; como a mim em outros tempos, agradava-lhe fugir da comida do hotel onde o temor ao demasiado típico ou picante se transforma em insipidez, e inclusive pediu o pão negro que talvez não combinava com os espetinhos mas que a mulher trouxe imediatamente. Só então, fumando o primeiro cigarro, olhou com algum detalhe o enclave transilvânico que o protegia da chuva e de uma cidade alemã não excessivamente interessante. O silêncio, as ausências e a vaga luz dos castiçais eram já quase seus amigos, em todo caso o distanciavam do resto e o deixavam maravilhosamente só com seu cigarro e seu cansaço.

A mão que vertia o vinho na alta taça estava coberta de pelos, e a você custou um sobressaltado segundo romper a absurda cadeia lógica e compreender que a mulher pálida não estava mais a seu lado e que no lugar dela um garçom moreno e silencioso convidava-o a provar o vinho com um gesto em que a só parecia haver uma espera automática. É raro que alguém ache o vinho ruim, e o garçom acabou de encher a taça como se a interrupção não fosse senão uma mínima parte da cerimônia. Quase ao mesmo tempo, outro garçom curiosamente parecido com o primeiro (os trajes típicos, as costeletas negras padronizavam-nos) pôs na mesa a bandeja fumegante e retirou com um rápido gesto a carne dos espetinhos. As escassas palavras necessárias tinham sido trocadas no mau alemão previsível do comensal e de quem o servia; novamente o cercava a calma na penumbra da sala e do cansaço, mas agora se ouvia com mais força o bater da chuva na rua. Também isso cessou quase em seguida e você, virando-se apenas, compreendeu que a porta de entrada abrira-se para dar passagem a outro comensal, uma mulher que devia ser míope não só pela espessura das lentes de seus óculos mas pela segurança insensata com que avançou entre as mesas até sentar-se no canto oposto da sala, mal iluminado por uma ou duas velas que tremeram a sua passagem e misturaram sua figura imprecisa com os móveis e as paredes e o

pesado cortinado vermelho do fundo, ali onde o restaurante parecia comparar-se ao resto de uma casa imprevisível.

Enquanto comia, divertiu-o vagamente que a turista inglesa (não podia ser outra coisa com esse impermeável e uma presunção de blusa entre o sulferino e o tomate) se concentrasse com toda sua miopia em um cardápio que devia esconder-se totalmente dela, e que a mulher dos grandes olhos negros ficasse no terceiro ângulo da sala, onde havia um balcão com espelhos e cestos de flores secas, esperando que a turista acabasse de não entender para se aproximar. Os garçons colocaram-se atrás do balcão, dos lados da mulher, e esperavam também com os braços cruzados, tão parecidos entre eles que o reflexo de suas costas no espelho envelhecido tinha algo de falso, como uma quadruplicação difícil ou enganosa. Todos eles olhavam a turista inglesa que não parecia perceber a passagem do tempo e continuava com a cara grudada no cardápio. Houve ainda uma espera enquanto você pegava outro cigarro, e a mulher acabou por se aproximar de sua mesa e perguntar se desejava uma sopa, talvez queijo de ovelha à grega, avançava nas perguntas a cada cortês negativa, os queijos eram muito bons, mas então talvez algum doce regional. Você só queria um café à turca porque o prato fora abundante e começava a ter sono. A mulher pareceu indecisa, talvez lhe dando a oportunidade de mudar de opinião, decidindo-se a pedir a bandeja de queijos, e quando não o fez repetiu mecanicamente café à turca e você disse sim, café à turca, e a mulher teve como que uma respiração curta e rápida, levantou a mão na direção dos garçons e caminhou até a mesa da turista inglesa.

O café demorou a chegar, ao contrário do rápido princípio do jantar, e você teve tempo de fumar outro cigarro e terminar lentamente a garrafa de vinho, enquanto se divertia vendo a turista inglesa passear um olhar de grossas lentes por toda a sala, sem se deter especialmente em nada. Havia nela algo de lento ou tímido, custou-lhe um bom tempo de vagos movimentos até que se decidiu a tirar o impermeável brilhante de chuva e pendurá-lo, no cabide mais próximo; claro que ao sentar-se de novo deve ter molhado o traseiro, mas isso não parecia preocupá-la enquanto terminava sua indecisa observação da sala e ficava muito quieta olhando a toalha. Os garçons voltaram a ocupar seus postos atrás do balcão, e a mulher aguardava junto à janelinha da cozinha; os três olhavam a turista inglesa, olhavam como que esperando algo, que chamasse para completar o pedido ou talvez modificá-lo ou ir embora, olhavam de uma maneira que a você pareceu demasiadamente intensa, em todo caso justificada. De você tinham deixado de se ocupar, os dois garçons estavam outra vez de braços cruzados, e a mulher, mesmo com a cabeça um pouco baixa e os longos cabelos lassos que lhe tapavam os olhos, era talvez quem mais fixamente a olhava, o que a você pareceu desagradável e descortês embora a pobre toupeira míope nada pudesse perceber agora que revolvía em sua bolsa e tirava algo que não se podia ver na penumbra mas que se identificou com o ruído que a toupeira fez ao assoar-se. Um dos garçons levou-lhe o prato (parecia *gush*) e voltou imediatamente a seu posto de sentinela; a dupla mania de cruzar os braços logo que terminavam seu trabalho teria sido divertida mas de alguma maneira não o era, nem tampouco que a mulher se colocasse no ângulo mais afastado do balcão e daí acompanhasse com uma atenção concentrada a operação de beber café que você concluía com toda a lentidão que exigiam sua boa qualidade e perfume. Bruscamente o centro de atenção parecia haver mudado, porque também os dois garçons olhavam você beber o café, e antes que o terminasse a mulher aproximou-se para perguntar se queria outro, e você aceitou quase perplexo porque em tudo isso, que não era nada, havia algo que lhe escapava e que gostaria de entender melhor. A turista inglesa, por exemplo, por que de repente os garçons pareciam ter tanta pressa em que acabasse de comer e fosse embora, e lhe tiravam o prato com o último bocado e lhe jogavam o cardápio aberto contra o rosto e um deles saía com o prato vazio enquanto o outro esperava como que apressando-a a que se decidisse.

Você, como acontece tantas vezes, não teria podido precisar o momento em que acreditou entender; também no xadrez e no amor há esses instantes em que a névoa se levanta e então e realizam os lances ou os atos que um segundo antes teriam sido inconcebíveis. Sem uma ideia articulável sentiu o perigo, disse

a si mesmo que por mais arrasada que a turista inglesa estivesse em seu jantar era necessário permanecer ali fumando e bebendo até que a toupeira indefesa decidisse enfiar-se em sua bolha de plástico e saísse. Como sempre gostara do esporte e do absurdo, achou divertido tomar algo que o estômago estava longe de pedir; fez um sinal e pediu outro café e uma taça de *barack*<sup>[9]</sup>, o aconselhável para a ocasião. Restavam-lhe três cigarros, pensou que bastariam até que a turista inglesa escolhesse uma sobremesa balcânica; naturalmente não tomaria café, era coisa que se via em seus óculos e na blusa; também não pediria chá porque há coisas que não se fazem fora da pátria. Com um pouco de sorte pagaria a conta e sairia em quinze minutos.

Serviram-lhe o café mas não o *barack*, a mulher pôs os olhos para fora, do mato de cabelos para adotar uma expressão que convinha a demora; estavam procurando uma nova garrafa na adega, o senhor teria a bondade de esperar uns poucos minutos. A voz articulava claramente as palavras embora fossem mal pronunciadas, e você notou que a mulher permanecia atenta à outra mesa onde um dos garçons apresentava a conta com um gesto automático, estendendo o braço e ficando imóvel numa perfeita descortesia respeitosa. Como se afinal compreendesse, a turista começou a remexer em sua bolsa, tudo era devagar nela, provavelmente encontrava um pente ou um espelho em vez do dinheiro que finalmente deve ter aparecido a superfície porque o garçom se afastou bruscamente da mesa no momento em que a mulher chegava à sua, Jacobo, com a taça de *barack*. Você também não soube muito bem por que pediu simultaneamente a conta, agora que estava certo que a turista sairia antes e que podia a vontade dedicar-se a saborear o *barack* e fumar o último cigarro. Talvez a ideia de ficar novamente só na sala, o que lhe fora tão agradável à chegada e agora era diferente, coisas como a dupla imagem dos garçons atrás do balcão e a mulher que parecia vacilar ante o pedido, como se fosse uma insolência apressar-se desse modo, e logo lhe dava as costas e voltava ao balcão até fechar uma vez mais o trio e a espera. Acima de tudo, devia ser deprimente trabalhar em um restaurante tão vazio, tão distante da luz e do ar puro; essa gente começava a murchar, sua palidez e seus gestos mecânicos eram a única resposta possível a repetição de tantas noites intermináveis. A turista apalpava o seu impermeável, voltava à mesa como se pensasse haver esquecido alguma coisa, olhava debaixo da cadeira, e então você se levantou lentamente, incapaz de permanecer um segundo mais, na metade do caminho encontrou-se com um dos garçons que lhe estendeu a bandejinha de prata onde você pôs uma nota sem olhar a conta. O golpe de vento coincidiu com o gesto do garçom procurando troco nos bolsos do casaco vermelho, mas você sabia que a turista acabava de abrir a porta e não esperou mais, levantou a mão em uma despedida que alcançava o garçom e os que continuavam olhando-o do balcão, e calculando exatamente a distância recolheu ao passar seu impermeável e saiu à rua, onde já não chovia. Só ali respirou de verdade, como se até então e sem perceber houvesse contido a respiração; só ali teve verdadeiramente medo e alívio ao mesmo tempo.

A turista estava a poucos passos, caminhando lentamente em direção a seu hotel e você a seguiu com o vago receio de que bruscamente se lembrasse de haver esquecido alguma outra coisa e pensasse voltar ao restaurante. Não se tratava mais de compreender nada, tudo era um simples corpo, uma evidência sem razões: salvara-a e precisava assegurar-se de que não voltaria, de que a desajeitada toupeira metida em sua úmida bolha chegaria com total inconsciência feliz ao abrigo do hotel, a um quarto onde ninguém a olharia como a tinham olhado.

Quando passou a esquina, e embora já não tivesse mais razões para apressar-se, perguntou a si mesmo se não seria melhor segui-la de perto para ter a certeza de que não daria volta ao primeiro quarteirão com sua errática torpeza míope; apressou-se a chegar a esquina e viu o beco mal iluminado e vazio: os dois longos muros de pedra mostravam apenas um portão a distância, onde a turista não tinha podido chegar; só, um sapo estimulado pela chuva atravessava pulando de uma calçada a outra.

Por um momento foi a raiva, como podia essa estúpida... Depois apoiou-se em um dos muros e esperou, mas era quase como se esperasse a si mesmo, a algo que devia abrir-se e funcionar no mais fundo para que tudo isso ganhasse sentido. O sapo encontrara um buraco ao pé do muro e esperava

também, talvez algum inseto que se abrigava no buraco ou uma passagem para entrar em um jardim. Nunca soube quanto tempo ficara ali nem por que voltou à rua do restaurante. As vitrines estavam apagadas mas a estreita porta continuava entreaberta; quase não estranhou o fato de que a mulher estivesse ali como que o esperando sem surpresa.

— Pensamos que voltaria — disse. — Está vendo que não tinha razão para ir tão cedo.

Abriu um pouco mais a porta e se pôs de lado; agora teria sido tão fácil voltar-lhe as costas e ir embora sem sequer responder, mas a rua com os muros e o sapo era como um desmentido a tudo o que havia imaginado, a tudo o que havia acreditado ser uma obrigação inexplicável. De algum modo dava no mesmo entrar ou ir embora, ainda que sentindo a crispação que atirava para trás; entrou antes de chegar a uma decisão nesse nível em que nada havia sido decidido essa noite, e ouviu o ranger da porta e da fechadura as suas costas. Os dois garçons estavam muito perto, e só umas poucas velas ainda iluminavam a sala.

— Venha — disse a voz da mulher de algum canto —, tudo está preparado.

Sua própria voz lhe soou distante, algo que viesse do outro lado do espelho do balcão.

— Não compreendo — conseguiu dizer —, ela estava lá e de repente...

Um dos dois garçons riu, apenas um começo de riso frio.

— Oh, ela é assim — disse a mulher, aproximando-se de frente. — Fez o possível para evitá-lo, sempre o tenta, a coitada. Mas não tem força, só podem fazer algumas coisas e sempre as fazem mal, e tão diferente de como a gente os imagina.

Sentiu os dois garçons a seu lado, o roçar de seus casacos contra o impermeável.

— Quase nos dá pena — disse a mulher —, esta já é a segunda vez que vem e precisa ir embora porque nada lhe sai bem. Nunca lhe saiu nada bem, é só vê-la.

— Mas ela...

— Jenny — disse a mulher. — É a única coisa que pudemos saber dela quando a conhecemos, conseguiu dizer que se chamava Jenny, a menos que estivesse falando de outra, depois apenas gritos, é absurdo que gritem tanto.

Você os olhou sem falar, sabendo que até olhá-los era inútil, e tive tanta pena de você, Jacobo, como podia eu saber que você ia pensar o que pensou de mim e que tentaria me proteger, eu que estava ali para isso, para conseguir que o deixassem ir embora. Havia uma distância muito grande, impossibilidades demais entre eu e você; havíamos jogado o mesmo jogo mas você ainda estava vivo e não havia maneira de fazer você compreender. A partir de agora seria diferente se você o quisesse, a partir de agora seríamos dois para vir nas noites de chuva, talvez assim acabasse melhor, ou pelo menos seria isso, seríamos dois nas noites de chuva.

## As caras da medalha

*Àquela que um dia o lera, então tarde como sempre.*

Os escritórios do CERN davam para um corredor sombrio, e Javier gostava de sair de sua sala, fumar um cigarro por ali, indo e vindo, imaginando Mireille atrás da porta da esquerda. Era a quarta vez em três anos que ia trabalhar como temporário em Genebra, e a cada regresso Mireille cumprimentava-o cordialmente, convidava-o a tomar chá às cinco com outros dois engenheiros, uma secretaria e um datilógrafo poeta e iugoslavo. Agradava-nos o pequeno ritual porque não era diário e portanto automático; a cada três ou quatro dias, quando nos encontrávamos em um elevador ou no corredor, Mireille convidava-o a reunir-se com seus colegas na hora do chá que improvisavam sobre sua mesa. Talvez Javier lhe parecesse simpático porque não dissimulava seu aborrecimento e sua vontade de terminar o contrato e voltar a Londres. Era difícil saber por que o contratavam, em todo caso os colegas de Mireille surpreendiam-se com o seu desprezo pelo trabalho e a suave música do transistor japonês que acompanhava seus cálculos e seus desenhos. Nada então parecia aproximar-nos. Mireille ficava horas a fio em sua mesa de trabalho e era inútil que Javier tentasse cálculos absurdos para vê-la sair depois de trinta e três idas e vindas pelo corredor; mas se houvesse saído, teriam trocado apenas duas ou três frases desimportantes sem que Mireille sequer imaginasse que ele andava de um lado a outro com a esperança de vê-la sair; assim como ele andava por brincadeira, para ver se antes da trigésima terceira Mireille ou uma vez mais fracasso. Quase não nos conhecíamos no CERN, quase ninguém se conhece de verdade, a obrigação de coexistir tantas horas por semana fabrica teias de aranha de amizade ou inimizade que qualquer vento de férias ou interrupção de contrato manda ao inferno. Disso brincamos durante essas duas semanas que se repetiam a cada ano, mas para Javier o retorno a Londres era também Eileen e uma lenta, inexorável degradação de algo que alguma vez tivera a graça do desejo e do prazer, Eileen gata trepada em um barrilete, dançarina de agulhão sobre o tédio e a rotina. Com ela havia vivido um safári em plena cidade, Eileen acompanhara-o a caçar antílopes em Picadilly Circus, acender fogueiras de bivaque em Hampstead Heath, tudo se acelerara como nos filmes mudos até uma corrida de amor na Dinamarca, ou havia sido na Romênia, logo as diferenças já conhecidas e negadas, as cartas que mudam de posição no baralho e modificam as sortes, Eileen preferindo o cinema aos concertos ou vice-versa, Javier indo sozinho procurar discos porque Eileen tinha de lavar os cabelos, ela que só lavava quando realmente não havia outra coisa a fazer, protestando contra a higiene e por favor enxágue meu rosto porque estou com xampu nos olhos. O primeiro contrato do CERN chegara quando nada mais restava por dizer exceto que o apartamento de Earl's Court continuava ali com as rotinas matinais, o amor como a sopa ou o *Times*, como a tia Rosa e seu aniversário na fazenda de Bath, as contas do gás. Tudo isso que já era um obscuro vazio, um presente passado de contraditórias lembranças, enchia o ir e vir de Javier pelo corredor dos escritórios, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, talvez antes de trinta a porta de Mireille e alô, Mireille que iria fazer xixi ou conferir um dado com o estatístico inglês de costeletas brancas, Mireille morena e calada, blusa fechada no pescoço onde algo devia bater devagar, um passarinho da vida sem demasiados altos e baixos, uma mãe distante, algum amor infeliz e sem sequelas, Mireille um pouco solteirona, um pouco funcionária mas às vezes assobiando um tema de Mahler no elevador, vestida sem capricho, quase sempre em tons escuros ou terninhos, uma idade muito evidente,

uma discricção muito formal.

Só um de nós dois escreve isto mas é a mesma coisa, e como se o escrevêssemos juntos embora já nunca mais estaremos juntos, Mireille continuará em sua casinha das cercanias genebrinas, Javier viajará pelo mundo e voltará a seu apartamento de Londres com a obstinação da mosca que pousa cem vezes em um braço, em Eileen. Nós o escrevemos assim como uma medalha e ao mesmo tempo seu verso e seu reverso que não se encontrarão jamais, que só se viram alguma vez no duplo jogo de espelhos da vida. Nunca poderemos saber de verdade qual dos dois e mais sensível a esta maneira de não estar que para ele e para ela tem o outro. Cada um de seu lado, Mireille chora às vezes enquanto ouve um determinado quinteto de Brahms, sozinha ao entardecer em seu salão de vigas escuras e moveis rústicos, a que por momentos chega o perfume das rosas do jardim. Javier não sabe chorar, suas lágrimas preferem condensar-se em pesadelos que o despertam brutalmente junto a Eileen, dos quais se despoja bebendo conhaque e escrevendo textos que não contem forçosamente os pesadelos embora às vezes sim, às vezes ele os transforme em inúteis palavras e por um instante é o amo, o que decide, o que será dito ou o que deslizará pouco a pouco para o falso esquecimento de um novo dia.

À nossa maneira os dois sabemos que houve um erro, um engano evitável mas que nenhum foi capaz de evitar. Estamos certos de não nos haveremos julgado nunca, simplesmente aceitamos que as coisas eram assim é que não se podia fazer mais do que fizemos. Não sei se pensamos então em coisas como o orgulho, a renúncia, a decepção, se somente Mireille ou somente Javier pensaram nelas enquanto o outro as aceitava como algo fatal, submetendo-se a um sistema que os cercava e os submetia; agora é muito fácil dizer que tudo pode ter dependido de uma rebeldia instantânea, de acender a luz ao lado da cama quando Mireille não queria, de reter Javier a seu lado toda a noite quando ele já procurava suas roupas para voltar a se vestir; e fácil demais jogar a culpa na fraqueza, na impossibilidade de ser brutal ou obstinado ou generoso. Entre seres mais simples ou mais ignorantes isso não teria acontecido assim, talvez uma bofetada ou um insulto houvessem contido a benevolência e o bom caminho que o decoro cortesmente nos vetou. Nosso respeito vinha de uma maneira de viver que não nos aproximou como as caras da medalha; nós a aceitamos cada qual de seu lado, Mireille em um silêncio de distância e renúncia, Javier murmurando-lhe sua esperança já ridícula, calando-se afinal na metade de uma frase, na metade de uma última carta. E depois de tudo só nos restava, resta-nos a lúgubre tarefa de continuar sendo dignos, de continuar vivendo com a vã esperança de que o esquecimento não nos esqueça demais.

Um meio-dia nos encontramos na casa de Mireille, quase como por obrigação ela o havia convidado a almoçar com outros colegas, não podia deixá-lo de lado quando Gabriela e Tom haviam mencionado o almoço enquanto tornavam o chá em seu escritório, e Javier tinha pensado que era triste que Mireille o convidasse por uma simples obrigação social mas comprara uma garrafa de Jack Daniel's e conhecera a cabana nas cercanias de Genebra, o pequeno roseiral e a churrasqueira onde Tom oficiava entre coquetéis e um disco dos Beatles que não era de Mireille, que certamente não estava na austera discoteca de Mireille mas que Gabriela pusera a girar porque para ela e Tom e metade do CERN o ar era irrespirável sem essa música. Não falamos muito, em algum momento Mireille levou-o pelo roseiral e ele lhe perguntou se gostava de Genebra e ela lhe respondeu com apenas olhá-lo e encolher os ombros, viu-a lidar com pratos e copos, ou viu-a dizer um palavrão por causa de uma faísca na mão, os fragmentos se iam juntando e foi talvez então que a desejou pela primeira vez, a mecha de cabelos atravessando-lhe a testa morena, os *blue jeans* marcando-lhe a cintura, a voz um pouco grave que devia saber cantar *Lieder*, dizer coisas importantes como um simples murmúrio musgoso. Voltou a Londres no fim de semana e Eileen estava em Helsinque, um papel sobre a mesa informava-o de um trabalho bem pago, três semanas, ficava um frango na geladeira, beijos.

Na vez seguinte o CERN agitava-se em uma conferência de alto nível, Javier precisou trabalhar de verdade e Mireille pareceu ter pena quando ele lhe contou melancolicamente entre o quinto andar e o

térreo; propôs-lhe irem a um concerto de piano, foram, concordaram quanto a Schubert mas não quanto a Bartok, beberam em um barzinho quase deserto, ela tinha um velho carro inglês e o deixou em seu hotel, ele lhe trouxera um disco de madrigais e gostou de saber que não o conhecia, que não seria necessário trocá-lo. Domingo e campo, a transferência de uma tarde quase excessivamente suíça, deixamos o carro em uma aldeia e andamos pelos trigais, em dado momento Javier contou sobre Eileen, só por contar, sem uma necessidade definida, e Mireille o escutou calada, poupou-lhe a compaixão e os comentários que não obstante ele teria querido de um modo ou de outro porque esperava dela algo que começasse a se parecer ao que sentia, seu desejo de beijá-la docemente, de apoiá-la contra o tronco de uma árvore e conhecer seus lábios, toda a sua boca. Quase não falamos de nós na volta, abandonamo-nos pelos caminhos que propunham seus temas a cada curva, as sebes, as vacas, um céu de nuvens prateadas, o cartão postal do bom domingo. Quando, porém, descemos correndo uma costa entre paliçadas, Javier sentiu a mão de Mireille perto da sua e a apertou e continuaram correndo como se se impulsionssem mutuamente, e já no carro Mireille convidou-o a tomar chá em sua cabana, agradava-lhe chamá-la cabana porque não era uma cabana mas tinha tanto de cabana, e ouvir discos. Foi uma parada no tempo, uma linha que para de repente no ritmo do desenho antes de recomeçar em outra parte do papel, buscando nova direção.

Fizemos nessa tarde um balanço muito claro: Mahler sim, Brahms sim, a idade média em conjunto sim, jazz não (Mireille), jazz sim (Javier). Do resto não falamos, restavam por explorar o renascimento, o barroco, Pierre Boulez, John Cage (mas Mireille não Cage, isso era certo embora não houvessem falado dele, e provavelmente Boulez músico não, mas maestro sim, esses importantes matizes). Três dias depois fomos a um concerto, jantamos na cidade velha, havia um postal de Eileen e uma carta da mãe de Mireille mas não falamos delas, tudo era ainda Brahms e um vinho branco de que Brahms teria gostado porque estávamos certos de que o vinho branco devia ter agradado a Brahms. Mireille deixou-o no hotel e se beijaram nas faces, talvez não tão rápido como quando nas faces, mas nas faces. Nessa noite Javier respondeu o postal de Eileen, e Mireille regou suas rosas sob a lua, não por romantismo porque nada tinha de romântica, senão porque o sono tardava.

Faltava a política, salvo comentários isolados que mostravam pouco a pouco nossas diferenças parciais. Talvez não tivéssemos querido enfrentá-la, talvez covardemente; o chá no escritório precipitou as coisas, o datilógrafo poeta atacou duramente os israelenses, Gabriela achou-os maravilhosos, Mireille disse apenas que estavam em seu direito, ora, Javier sorriu-lhe sem ironia e observou que exatamente o mesmo se podia dizer dos palestinos. Tom inclinava-se por um acordo internacional com os boinas azuis e o resto da opereta, o restante foi chá e previsões sobre a semana de trabalho. Algum dia falaríamos seriamente de tudo isso, agora só gostávamos de nos olhar e nos sentir bem, dizer-nos que em pouco tempo teríamos um espetáculo Beethoven no Victoria Hall; dele falamos na cabana, Javier trouxera conhaque e um brinquedo absurdo que segundo ele devia agradar muitíssimo a Mireille mas que ela achou sumamente bobo embora assim mesmo o tenha posto em uma estante depois de lhe dar corda e amavelmente contemplar suas contorções. Essa tarde foi Bach, foi o violoncelo de Rostropovich e uma luz que descia pouco a pouco como o conhaque nas bolhas das taças. Nada podia ser mais nosso que esse acordo de silêncio, jamais havíamos necessitado levantar um dedo ou calar um comentário; só depois, com o gesto de trocar o disco, entravam as primeiras palavras. Javier disse-as olhando para o chão, perguntou simplesmente se alguma vez lhe seria dado saber dela o que ela já sabia dele, sua Londres e sua Eileen.

Sim, claro que podia saber mas não, em todo caso não agora. Alguma vez, de quando jovem, nada a contar exceto que, bem, havia dias em que tudo pesava tanto. Na penumbra Javier sentiu que as palavras lhe chegavam como que molhadas, um instantâneo ceder mas já secando os olhos com o avesso da manga sem lhe dar tempo para perguntar mais ou para lhe pedir perdão. Confusamente rodeou-a com um braço, procurou seu rosto que não o repelia mas que estava como que em outra parte, em outro tempo. Quis

beijá-la e ela esquivou-se murmurando uma suave desculpa, outro pouco de conhaque, não devia se importar, não precisava insistir.

Tudo se mistura pouco a pouco, não nos lembraríamos com detalhes do antes ou do depois dessas semanas, a ordem dos passeios ou dos concertos, os encontros nos museus. Quem sabe Mireille teria podido ordenar melhor as sequências, Javier não fazia mais que abrir seu jogo, a volta a Londres que se aproximava, Eileen, os concertos, descobrir por uma simples frase a religião de Mireille, sua fé e seus valores fundamentais, isso que nele não era mais que esperança de um presente quase sempre adiado. Em um café, depois de brigarmos rindo para saber quem pagaria a conta, olhamo-nos como velhos amigos, inesperadamente camaradas, nos dissemos palavrões privados de sentido, garras de ossos brincando. Quando voltamos a ouvir música na cabana havia entre nós outra maneira de falar, outra familiaridade na mão que empurrava uma cintura para franquear a porta, o direito de Javier de buscar por sua conta um copo ou pedir que Telemann não, primeiro Lotte Lehman e muito, muito gelo no uísque. Tudo estava como que sutilmente transformado, Javier sentia-o e algo o perturbou sem saber o que, um haver chegado antes de chegar, um senhorio que ninguém lhe dera. Nunca nos olhávamos na hora da música, bastava estar ali no velho sofá de couro e que anoitecesse e Lotte Lehman. Quando ele buscou sua boca e seus dedos roçaram a curva de seus seios, Mireille manteve-se imóvel e se deixou beijar e respondeu a seu beijo e cedeu durante um segundo sua língua e sua saliva, mas sempre sem se mexer, sem responder a seu gesto de levantá-la do sofá, calando enquanto ele balbuciava o pedido, chamava-a a tudo o que estava esperando no primeiro degrau da escada, a noite inteira para eles.

Também ele esperou, pensando compreender, pediu-lhe perdão mas antes, ainda com a boca muito perto de seu rosto, perguntou-lhe por que, perguntou-lhe se era virgem, e Mireille negou baixando a cabeça, sorrindo um pouco como se perguntar isso fosse bobagem, fosse inútil. Ouviram outro disco comendo biscoitos e bebendo, a noite estava fechada e ele teria de ir embora. Levantamo-nos ao mesmo tempo, Mireille deixou-se abraçar como se houvesse perdido as forças, não disse nada quando ele voltou a murmurar o seu desejo; subiram a estreita escada e no patamar se separaram, houve essa pausa em que se abrem portas e se acendem luzes, um pedido de espera e um desaparecimento que se prolongou enquanto no quarto Javier se sentia fora de si, incapaz de pensar que não deveria ter permitido isso, que isso não podia ser assim, a espera intermediária, as prováveis preocupações, a rotina quase aviltante. Viu-a voltar envolta em um roupão de toalha branca, aproximar-se da cama e estender a mão até o abajur. "Não apague a luz", disse-lhe, mas Mireille não concordou com a cabeça e apagou, deixou que se despisse na escuridão total, buscar tateando a beira da cama, tropeçar na sombra contra seu corpo imóvel.

Não fizemos amor. Estivemos a um passo depois que Javier conheceu com as mãos e os lábios o corpo silencioso que o esperava no escuro. Seu desejo era outro, vê-la a luz da lâmpada, seus seios e seu ventre, acariciar umas costas definidas, olhar as mãos de Mireille em seu próprio corpo, detalhar em mil fragmentos esse gozo que precede o gozo. No silêncio e na escuridão totais, na distância e na timidez que de Mireille invisível e muda caíam sobre ele, tudo cedia a uma irrealdade de entressonho e ao mesmo tempo ele era incapaz de desafiá-la, de pular da cama e acender a luz e voltar a impor uma vontade necessária e bela. Pensou confusamente que depois, quando ela já o houvesse conhecido, quando a verdadeira intimidade começasse, mas o silêncio e a sombra e o tique-taque desse relógio na cômoda podiam mais. Balbuciou uma desculpa que ela silenciou com um beijo de amiga, apertou-se contra seu corpo, sentiu-se insuportavelmente cansado, dormiu um momento talvez.

Talvez dormimos, sim, talvez nessa hora ficamos abandonados a nós mesmos e nos perdemos. Mireille se levantou primeiro e acendeu a luz, enrolada no roupão voltou ao banheiro enquanto Javier se vestia mecanicamente, incapaz de pensar, a boca parecendo suja e a ressaca do conhaque mordendo-lhe o estômago. Mal se falaram, mal se olharam, Mireille disse que não era nada, que na esquina sempre havia

táxis, acompanhou-o até a porta. Ele não foi capaz de romper a rígida cadeia de causas e consequências, a rotina forçada que desde muito antes deles mesmos exigia-lhe baixar a cabeça e deixar a cabana em plena noite; pensou apenas que no dia seguinte falariam mais tranquilos, que tentaria fazê-la compreender, mas compreender o que? E é verdade que falaram no café de sempre e que Mireille voltou a dizer que não era nada, não tinha importância, na próxima vez seria melhor, não devia pensar mais nisso. Ele voltaria a Londres três dias mais tarde, quando lhe pediu que o deixasse acompanhá-la a cabana ela lhe disse que não, melhor não. Não soubemos fazer nem dizer outra coisa, nem sequer soubemos calar-nos, abraçar-nos em qualquer canto, encontrar-nos em qualquer olhar. Era como se Mireille esperasse de Javier algo que ele esperava de Mireille, uma questão de iniciativas ou de pre-relações, de gestos de homem e acatamentos de mulher, a imutabilidade das sequências decididas por outros, recebidas de fora; tínhamos avançado por um caminho no qual nenhum de nós quisera forçar o passo, quebrar a harmoniosa paridade; sequer agora, depois de saber que havíamos errado esse caminho, éramos capazes de um grito, de um tapa em direção a luz, do esforço para eliminar as cerimônias inúteis, dos roupões de banho e do não é nada, não se preocupe por isso, na próxima vez será melhor. Teria sido preferível aceitá-lo então, em seguida. Teria sido preferível repetir juntos: por delicadeza perdemos nossa vida; o poeta nos teria perdoado se falássemos também por nós.

Deixamos de nos ver durante meses. Javier escreveu, naturalmente, e pontualmente recebeu umas poucas frases de Mireille, cordiais e distantes. Então ele começou a telefonar-lhe de noite, quase sempre aos sábados quando a imaginava sozinha na cabana, desculpando-se se interrompia um quarteto ou uma sonata, mas Mireille respondia sempre que estivera lendo ou cuidando do jardim, que não tinha importância que telefonasse aquela hora. Quando viajou a Londres seis meses mais tarde para visitar uma tia doente, Javier reservou-lhe um hotel, encontraram-se na estação e foram visitar museus, King's Road, divertiram-se com o filme de Milos Forman. Houve essa hora parecendo o passado, em um pequeno restaurante de Whitechapel as mãos se encontraram com uma confiança que abolia a lembrança, e Javier se sentiu melhor e o disse a ela, disse-lhe que a desejava mais do que nunca mas que não voltaria a lhe falar disso, que tudo dependia dela, do dia em que decidisse voltar ao primeiro degrau da primeira noite e simplesmente lhe estendesse os braços. Ela concordou sem olhá-lo, sem aquiescência nem negativa, apenas achou absurdo que ele continuasse recusando os contratos que lhe propunham em Genebra. Javier acompanhou-a até o hotel e Mireille despediu-se no *lobby*, não lhe pediu que subisse mas sorriu ao beijá-lo ligeiramente na face, murmurando um até logo.

Sabemos tantas coisas, que a aritmética é falsa, que um mais um nem sempre são um mas dois ou nenhum, sobra-nos tempo para folhear o álbum de buracos, de janelas fechadas, de cartas sem voz e sem perfume. O escritório cotidiano, Eileen convencida de esbanjar felicidade, as semanas e os meses. Outra vez Genebra no verão, o primeiro passeio à beira do lago, um concerto de Isaac Stern. Em Londres ficava agora a sombra miúda de María Elena que Javier encontrara em um coquetel e que lhe dera três semanas de jogos amenos, o prazer pelo prazer ali onde o resto era um amável vazio diurno com María Elena tornando-se infatigável no tênis e nos Rolling Stones, um adeus sem melancolia depois de um último *week-end* gozado como esse, como um adeus sem melancolia. Disse-o a Mireille, e sem necessidade de lhe perguntar soube que ela não, que ela o escritório e as amigas, que ela sempre a cabana e os discos. Agradeceu sem palavras que Mireille o ouvisse com seu grave, atento silêncio compreensivo, deixando-lhe a mão na mão enquanto olhavam anoitecer sobre o lago e decidiam o lugar de jantar.

Depois foi o trabalho, uma semana de encontros isolados, a noite no restaurante romeno, a ternura. Nunca haviam falado disso que novamente estava ali no gesto de verter o vinho ou de se olhar lentamente, ao termino de um diálogo. Fiel a sua palavra, Javier esperava uma hora que não se acreditava com direito a esperar. Mas a ternura, então, algo ali presente entre tantas outras coisas, um gesto de

Mireille ao abaixar a cabeça e passar a mão pelos olhos, sua frase simples para lhe dizer que o acompanharia a seu hotel. No carro voltaram a beijar-se como na noite da cabana, ele apertou seu corpo e sentiu abrirem-se suas coxas para a mão que subia e acariciava. Quando entraram no quarto Javier não pode esperar e a abraçou de pé, perdendo-se em sua boca e seu cabelo, levando-a passo a passo para a cama. Ouviu-a murmurar um não afogado, pedir-lhe que esperasse um momento, sentiu-a separar-se dele e buscar a porta do banheiro, fechá-la, e tempo, silêncio e água e tempo enquanto ele arrancava o cobertor e deixava só uma luz a um canto, tirava os sapatos e a camisa, indeciso entre despir-se inteiro ou esperar porque seu roupão estava no banheiro e se a luz acesa, se Mireille ao voltar o encontrava nu e de pé, grotescamente ereto ou lhe dando as costas mais grotescamente ainda para que ela não o visse assim como realmente deveria tê-lo visto agora que entrava com uma toalha de banho envolvendo-a, aproximava-se da cama com o olhar baixo e ele ainda estava de calças, precisava tirá-las e tirar as cuecas e então sim abraçá-la, arrancar-lhe a toalha e estendê-la na cama e vê-la dourada e morena e outra vez beijá-la até o mais fundo e acariciá-la com dedos que talvez a machucassem porque ela gemeu, atirou-se para trás estendendo-se na parte mais afastada da cama e piscando contra a luz, uma vez mais pedindo-lhe uma escuridão que ele não lhe daria porque nada lhe daria, seu sexo repentinamente inútil buscando uma passagem que ela lhe oferecia e que não seria franqueada, as mãos exasperadas buscando excitá-la e excitar-se, a mecânica de gestos e palavras que Mireille repeliaria pouco a pouco, rígida e distante, compreendendo que agora também não, que para ela nunca, que a ternura e isso tinham se tornado inconciliáveis, que sua concordância e seu desejo não tinham servido senão para deixá-la de novo junto a um corpo que parava de lutar, que se grudava ao dela sem se mover, que sequer tentava recomeçar.

Pode ser que tenhamos dormido, estávamos distantes e sós e sujos, a repetição havia se cumprido como em um espelho, só que agora era Mireille que se vestia para sair e ele a acompanhava até o carro, sentia-a despedir-se sem olhá-lo e o leve beijo na face, o carro que arrancava no silêncio da alta noite, o regresso ao hotel e sequer saber chorar, sequer saber matar-se, apenas o sofá e o álcool e o tiquetaque da noite e da alvorada, o escritório as nove, o cartão de Eileen e o telefone esperando, esse número interno que em algum momento deveria discar porque em algum momento precisaria dizer alguma coisa. Mas claro, não se preocupe, tudo bem, no café as sete. Mas dizer-lhe isso, dizer-lhe não se preocupe, no café as sete, vinha depois dessa interminável viagem até a cabana, deitar-se em uma cama gelada e tomar um sonífero inútil, voltar a ver cada cena dessa progressão para o nada, repetir entre náuseas o instante em que se haviam levantado no restaurante e ela lhe dissera que o acompanharia ao hotel, as rápidas operações no banheiro, a toalha para cingir a cintura, a força quente dos braços que a levavam e a deitavam, a sombra murmurante estendendo-se sobre ela, as carícias e essa sensação fulgurante de uma dureza contra seu ventre, entre as coxas, o inútil protesto pela luz acesa e de súbito a ausência, as mãos escorregando perdidas, a voz murmurando desculpas, a espera inútil, o torpor, tudo de novo, tudo por que, a ternura por que, a concordância por que, o hotel por que, e o sonífero inócuo, o escritório às nove, sessão extraordinária do conselho, impossível falar, impossível tudo menos o impossível.

Nunca teremos falado disso, a imaginação nos reúne hoje tão vagamente como então a realidade. Nunca buscaremos juntos a culpa ou a responsabilidade ou o talvez não inimaginável recomeço. Em Javier há somente um sentimento de castigo, mas o que quer dizer castigo quando se ama e se deseja, que grotesco atavismo aí se desencadeia onde a felicidade estava esperando, por que antes e depois este presente Eileen ou María Elena ou Doris no qual um passado Mireille cravara até o cabo o seu punhal de silêncio e desprezo? De silêncio apenas, ainda que ele pense em desprezo a cada náusea de recordação, pois não há desprezo em Mireille, silêncio sim e tristeza, dizer-se que ela ou ele mas também ela e ele, dizer-se que nem todo homem se realiza na hora do amor e nem toda mulher sabe encontrar nele um homem. Restam as mediações, os últimos recursos, o convite de Javier para uma viagem juntos, passar duas

semanas em qualquer canto distante para romper o malefício, variar a formula, encontrar-se por fim de outra maneira sem toalhas nem esperas nem compromissos. Mireille disse que sim, que mais adiante, que lhe telefonasse de Londres, talvez pudesse pedir duas semanas de licença. Despediam-se na estação ferroviária, ela voltava de trem a cabana porque o carro tinha um problema. Javier não podia beijá-la na boca mas apertou-a contra seu corpo, pediu-lhe outra vez que aceitasse a viagem, olhou-a até lhe fazer mal, até que ela baixou os olhos e repetiu que sim, que tudo sairia bem, que fosse tranquilo a Londres, que tudo acabaria por sair bem. Também as crianças falamos assim antes de levá-las ao médico ou lhes fazer coisas que doem. Mireille do seu lado da medalha não esperaria mais nada, não voltaria a crer em nada, simplesmente retornaria a cabana e aos discos, sem sequer imaginar outra maneira de correr em direção ao que não haviam alcançado. Quando ele lhe telefonou de Londres propondo a costa dálmata, fornecendo datas e indicações com uma minúcia que mal escondia o temor de uma negativa, Mireille respondeu que lhe escreveria. Do seu lado da medalha Javier só pôde dizer que sim, que ficaria esperando, como se de alguma maneira soubesse então que a carta seria breve e gentil e não, inútil recomeçar algo perdido, melhor serem apenas amigos; em apenas oito linhas um abraço de Mireille. Cada qual em seu lado, incapazes de derrubar a medalha com um empurrão, Javier escreveu uma carta que pretendia mostrar o único caminho que lhes restava por inventar juntos, o único que não estivesse já traçado pelos outros, pelo uso e o respeito, que não passasse forçosamente por uma escada ou um elevador para chegar a um quarto ou a um hotel, que não lhe exigisse trocar a roupa no mesmo momento em que ela trocava a roupa; sua carta, porém, não era mais que um lenço molhado, sequer pôde terminá-la e assinou-a na metade de uma frase, enfiou-a no envelope sem relê-la. De Mireille não houve resposta, os oferecimentos de trabalho de Genebra foram cortesmente recusados, a medalha está aí entre nós, vivemos distantes e nunca mais nos escreveremos, Mireille em sua casinha nas cercanias de Genebra, Javier viajando pelo mundo e voltando a seu apartamento com a obstinação da mosca que pousa cem vezes em um braço. Em algum entardecer Mireille chorou enquanto ouvia um determinado quinteto de Brahms, mas Javier não sabe chorar, tem apenas pesadelos dos quais se despoja escrevendo textos que tratam de ser como os pesadelos, ali onde ninguém tem seu verdadeiro nome mas talvez sua verdade, ali onde não há medalhas com verso e reverso nem degraus consagrados que se deve subir; mas, claro, são somente textos.

# Alguém que anda por aí

*A Esperanza Machado, pianista cubana.*

Desembarcaram Jiménez mal caída a noite e aceitando todos os riscos de que a angra estivesse tão perto do porto. Valeram-se da lancha elétrica, claro, capaz de deslizar silenciosa como uma raia e perder-se de novo na distância enquanto Jiménez ficava um momento nos matagais esperando que seus olhos se acostumassem, que cada sentido voltasse a ajustar-se ao ar quente e aos rumores de terra adentro. Dois dias atrás tinha sido a peste do asfalto quente e as frituras urbanas, o desinfetante mal dissimulado do *lobby* do Atlantic, os remendos quase patéticos do *bourbon*, com que todos eles procuravam tapear a lembrança do rum; agora, embora crispado e em guarda e mal se permitindo pensar, invadia-o o cheiro de Oriente, o solitário e inconfundível pio da ave noturna que talvez lhe desse as boas-vindas, talvez pensar que fosse um conjuro.

No começo York tinha achado insensato que Jiménez desembarcasse tão perto de Santiago, era contra todos os princípios; por isso mesmo, e porque Jiménez conhecia o terreno como ninguém, York aceitou o risco e resolveu o assunto da lancha elétrica. O problema estava em não sujar os sapatos, chegar ao motel com a aparência de turista provinciano que percorre seu país; uma vez aí Alfonso se encarregaria de instalá-lo, o resto era coisa de poucas horas, a carga de plástico no lugar combinado e o regresso a costa onde a lancha e Alfonso esperariam; o telecomando estava a bordo e uma vez mar afora o reverberar da explosão e as primeiras labaredas na fábrica os despediria com todas as honras. Neste momento devia subir até o motel valendo-se do velho atalho abandonado desde que construíram, a nova estrada mais ao norte, descansando um instante antes do último trecho para ninguém notar o peso da mala quando Jiménez se encontrasse com Alfonso e este a pegasse com o gesto do amigo, evitando o carregador solícito e levando Jiménez a um dos quartos bem situados do motel. Era a parte mais perigosa da empresa, mas o único acesso possível começava nos jardins do motel; com sorte, com Alfonso, tudo podia sair bem.

Naturalmente não havia ninguém no atalho invadido pelo mato e o desuso, apenas o cheiro de Oriente e a queixa do pássaro que, por um momento, irritou Jiménez como se seus nervos necessitassem de um pretexto para soltar-se um pouco, para que ele aceitasse contra a vontade que aí estava indefeso, sem um revólver no bolso porque nisso York tinha sido terminante, a missão se cumpria ou fracassava, mas um revólver era inútil nos dois casos e, em troca, podia estragar tudo. York tinha uma opinião sobre o caráter dos cubanos e Jiménez a conhecia e o xingava por dentro enquanto subia pelo atalho e as luzes das poucas casas e do motel acendiam-se como olhos amarelos entre as ultimas matas. Mas não valia a pena xingar, tudo saía *according to schedule* como teria dito o veado do York, e Alfonso no jardim do motel dando um grito e porra, onde você deixou o carro, cara, os dois empregados olhando e ouvindo, há quinze minutos que o espero, sim, mas chegamos atrasados e o carro continuou com uma companheira que vai visitar sua família, me deixou ali na curva, você sempre tão cavalheiro, não me sacaneie Alfonso, puxa, é tão gostoso caminhar por aqui, a mala trocando de mão com uma leveza perfeita, os músculos tensos mas o gesto como uma pluma, nada, vamos pegar sua chave e depois tomamos alguma coisa, e Choli como está e as crianças, um pouco tristes, velho, queriam vir mas você sabe, a escola e o trabalho, desta vez não deu, uma pena.

A ducha rápida, verificar se a porta fechava bem, a mala aberta sobre a outra cama e o envoltório verde na gaveta da cômoda entre camisas e jornais. No balcão Alfonso já tinha pedido extrassecos com muito gelo, fumaram falando de Camagüey e da última luta de Stevenson, o piano chegava como que de longe embora a pianista estivesse bem ali, no fim do balcão, tocando uma *habanera* muito suave e depois algo de Chopin, passando a um *danzón*<sup>[10]</sup> e a uma velha balada de cinema, uma coisa que Irene Dunne tinha cantado nos bons tempos. Tomaram outro rum e Alfonso disse que pela manhã voltaria para levá-lo a um giro e mostrar-lhe os novos bairros, havia tanto que ver em Santiago, trabalhava-se duro para cumprir os planos e superá-los, as microbrigadas eram do caralho, Almeida viria inaugurar duas fábricas, até que numa dessas Fidel aparecia, os companheiros estavam pegando juntos que dava gosto.

— Os santiaguenses não dormem — disse o *barman*, e eles riram aprovando, restava pouca gente no refeitório e já tinham destinado a Jiménez mesa perto de uma janela. Alfonso despediu-se depois de confirmar o encontro pela manhã; esticando bem as pernas, Jiménez começou a estudar o cardápio. Um cansaço que não era só do corpo obrigava-o a se vigiar em cada movimento. Tudo ali era plácido e cordial e calmo e Chopin, que agora voltava nesse prelúdio que a pianista tocava muito lentamente, mas Jiménez sentia a ameaça como algo à espreita, a menor falha e essas caras sorridentes se transformariam em máscaras de ódio. Conhecia essas sensações e sabia como controlá-las; pediu um molhinho para ganhar tempo e se deixou aconselhar na comida, esta noite peixe melhor que carne. O refeitório estava quase vazio, no balcão um jovem casal e adiante um homem que parecia estrangeiro e bebia sem olhar o copo, os olhos perdidos na pianista que repetia o tema de Irene Dunne, agora Jiménez reconhecia *Hay humo en tus ojos*<sup>[11]</sup>, aquela Havana de então, o piano voltava a Chopin, um dos estudos que Jiménez também tocara quando estudava piano ainda jovem, antes do grande pânico, um estudo lento e melancólico que lhe recordou a sala da casa, a avó morta, e quase a contragosto a imagem do irmão que ficara apesar da maldição paterna, Robertinho morto como um imbecil em Girón em vez de ajudar a reconquista da verdadeira liberdade.

Quase surpreendido comeu com vontade, saboreando o que sua memória não tinha esquecido, admitindo ironicamente que era a única coisa boa se comparada com a comida esponjosa que tragavam do outro lado. Não tinha sono e gostava da música, a pianista era uma mulher ainda jovem e bela, tocava como se fosse para si mesma sem olhar jamais para o balcão onde o homem com jeito de estrangeiro acompanhava o seu dedilhar e se agarrava em outro rum e outro charuto. Depois do café Jiménez pensou que seria duro esperar a hora no quarto, então se aproximou do balcão para beber outra dose. O *barman* tinha vontade de falar mas o fazia com respeito a pianista, quase um murmuro como se compreendesse que o estrangeiro e Jiménez gostavam dessa música, agora era uma das valsas, a simples melodia de Chopin tinha posto algo como que uma chuva lenta, como talco ou flores secas em um álbum. O *barman* não fazia caso do estrangeiro, talvez falasse mal espanhol ou era homem de silêncios, enquanto isso o refeitório se apagava, deviam dormir mas a pianista continuava tocando uma melodia cubana que Jiménez foi deixando para trás ao mesmo tempo em que acendia outro charuto e com um boa-noite circular dirigia-se a porta e entrava no que o esperava mais além, as quatro em ponto sincronizadas em seu relógio e no da lancha.

Antes de entrar em seu quarto acostumou os olhos na penumbra do jardim para estar certo do que Alfonso lhe explicara, a picada a uns cem metros, a bifurcação até a estrada nova, atravessá-la com cuidado e seguir em direção ao oeste. Do motel via somente a zona sombria em que começava a picada, mas era inútil detectar as luzes no fundo de dois ou três edifícios a esquerda para ter uma noção das distâncias. A zona da fábrica começava a setecentos metros a oeste, ao lado do terceiro poste de cimento encontraria o buraco por onde franquear o alambrado. Em princípio era estranho que as sentinelas estivessem desse lado, faziam esse trajeto a cada quinze minutos mas depois preferiam bater papo do outro lado onde havia luz e café; de qualquer modo não importava mais sujar a roupa, teria de arrastar-se entre o mato até o lugar que Alfonso descrevera com detalhes. A volta seria fácil sem o envoltório verde,

sem todas essas caras que o haviam rodeado até agora.

Estendeu-se na cama quase em seguida e apagou a luz para fumar tranquilo; dormiria um pouco para relaxar o corpo, tinha o hábito de acordar a tempo. Antes, porém, assegurou-se de que a porta fechava bem por dentro e que suas coisas estavam como as havia deixado. Cantarolou a valsinha que se cravara em sua memória, misturando passado e presente, fez um esforço para deixá-la ir embora, trocá-la por *Hay humo en tus ojos*, mas a valsinha voltava ou o prelúdio, foi então adormecendo sem poder afastá-los, vendo ainda as mãos muito brancas da pianista, sua cabeça inclinada como a atenta ouvinte de si mesma. A ave noturna cantava outra vez em algum mato ou no palmeiral do norte.

Despertou-o algo que era mais escuro que a escuridão do quarto, mais escuro e pesado, vagamente aos pés da cama. Estivera sonhando com Phyllis e o festival de música *pop*, com luzes e sons tão imensos que abrir os olhos foi como cair no puro espaço sem barreiras, um poço cheio de nada, e ao mesmo tempo seu estômago lhe disse que não era assim, que uma parte disso era diferente, tinha outra consistência e outra negrura. Buscou o interruptor com um tapa; o estrangeiro estava sentado ao pé da cama e olhava para ele sem pressa, como se até esse momento estivesse velando seu sono.

Fazer algo, pensar algo era igualmente inconcebível. Vísceras, o puro horror, um silêncio interminável e talvez instantâneo, a dupla ponte dos olhos. O revólver, o primeiro pensamento inútil; se pelo menos o revólver. Um respirar, voltando a fazer passar o tempo, recusa da última possibilidade de que isso tosse ainda o sonho em que Phyllis, em que a música e as luzes e a bebida.

— Sim, é assim — disse o estrangeiro, e Jiménez sentiu na pele o sotaque carregado, a prova de que não era dali, por causa de alguma coisa na cabeça e nos ombros quando o vira pela primeira vez no balcão.

Levantando-se uns centímetros, procurando, pelo menos, uma igualdade de altura, desvantagem total de posição, a única coisa possível era a surpresa mas também aí viu que era agir em pura perda, derrotado por antecipação; seus músculos não responderiam, faltaria a alavanca das pernas para a arremetida desesperada, e o outro sabia, estava quieto e parecia despreocupado ao pé da cama. Quando Jiménez o viu pegar um charuto e inutilizar a outra mão afundando-a no bolsinho da calça para buscar os fósforos, entendeu que perderia tempo se se lançasse contra ele; tinha demasiado desprezo em seu jeito de não lhe fazer caso, não estar na defensiva. E algo ainda pior, suas próprias precauções, a porta fechada com chave, o trinco corrido.

— Quem é você? — ouviu a si mesmo perguntando absurdamente de um ponto que não podia ser o sono nem a vigília.

— Não importa — disse o estrangeiro.

— Mas Alfonso...

Viu-se olhado por uma coisa que tinha um tempo a parte, uma distância oca. A chama do fósforo refletiu-se em umas pupilas dilatadas, da cor da avelã. O estrangeiro apagou o fósforo e olhou por um momento as suas mãos.

— Pobre Alfonso — disse. — Pobre, pobre Alfonso.

Não havia pena em suas palavras, apenas uma comprovação desinteressada.

— Mas quem porra é você? — gritou Jiménez sabendo que isso era a histeria, a perda do último controle.

— Oh, alguém que anda por aí — disse o estrangeiro. — Sempre me aproximo quando tocam minha música, sobretudo aqui, sabe. Gosto de ouvi-la quando a tocam aqui, nesses pianinhos pobres. No meu tempo era diferente, sempre tive de ouvi-la longe da minha terra. Por isso gosto de me aproximar, e como uma reconciliação, uma justiça.

Apertando os dentes para então dominar o tremor que se apossava de todo o seu corpo, Jiménez conseguiu pensar que era bom senso decidir que o homem estava louco. Não importava mais saber como tinha entrado, como sabia, porque era claro que sabia, mas estava louco e essa era a única vantagem

possível. Ganhar tempo, então, dar-lhe corda, perguntar-lhe pelo piano, pela música.

— Toca bem — disse o estrangeiro —, mas é claro, só o que você ouviu, as coisas fáceis. Esta noite gostaria que tivesse tocado aquele estudo que chamam revolucionário, verdade que teria gostado muito. Mas ela não pode, pobrezinha, não tem dedos para isso. Para isso fazem falta dedos assim.

As mãos levantadas na altura dos ombros, mostrou a Jiménez os dedos separados, longos e tensos. Jiménez só conseguiu vê-los um segundo antes de senti-los na garganta.

*Cuba, 1976*

## A noite de Mantequilla

Eram essas ideias que ocorriam a Peralta, ele não dava maiores explicações a ninguém mas dessa vez se abriu um pouco mais e disse que era como a história da carta roubada. Estévez não entendeu no princípio e ficou olhando-o à espera de mais; Peralta encolheu os ombros como quem renuncia a algo e lhe entregou o ingresso para a luta, Estévez viu bem um grande número 3 vermelho sobre fundo amarelo, e abaixo 235; mas já antes como não vê-lo com essas letras que saltavam à vista, MONZÓN v. NÁPOLES<sup>[12]</sup>. Faremos o outro ingresso chegar a Walter, disse Peralta. Você deve estar lá antes de começarem as lutas (nunca repetia instruções, e Estévez ouviu gravando cada frase) e Walter chegaria na metade da primeira preliminar, o lugar dele e a sua direita. Cuidado com os vivos de última hora que buscam um lugar melhor, diga alguma coisa em espanhol para ter certeza. Ele virá com uma bolsa dessas que os *hippies* usam, colocará entre os dois se o assento for uma tábua ou no chão se forem cadeiras. Não fale senão das lutas e olho à sua volta, com certeza haverá mexicanos ou argentinos, marque bem todos eles pro momento de por o pacote na bolsa. Walter sabe que a bolsa tem de estar aberta? perguntou Estévez. Sim, disse Peralta como se espantasse uma mosca da lapela, só espere até o fim quando ninguém mais se distrai. Com Monzón é difícil distrair-se, disse Estévez. Com Mantequilla também, disse Peralta. Nada de conversa, lembre-se. Walter sairá primeiro, você deixa que as pessoas vão saindo e se manda por outra porta.

Voltou a pensar em tudo isso como um repasse final enquanto o metrô o levava a Defense entre passageiros que pela pinta também iam ver a luta, homens em grupos de três ou quatro, franceses marcados pela dupla surra de Monzón em Bouttier, buscando uma revanche vicaria ou talvez já secretamente conquistados. Que ideia genial a de Peralta, lhe dar essa missão que por vir dele tinha de ser crítica, e também deixar que visse de cima uma luta que parecia pra milionários. Já tinha compreendido a alusão à carta roubada, quem pensaria que Walter e ele poderiam se encontrar no boxe, na verdade não era uma questão de encontro porque isso podia ter acontecido em mil lugares de Paris, mas da responsabilidade de Peralta, que media devagar cada coisa. Para os que pudessem seguir Walter ou segui-lo, um cinema ou um café ou uma casa eram possíveis lugares de encontro, mas essa luta valia como uma obrigação para qualquer um que tivesse dinheiro suficiente, e se até lá fossem seguidos entrariam numa fria do caralho diante do toldo de circo montado por Alain Delon; lá não entraria ninguém sem o papelzinho amarelo, e os ingressos estavam esgotados há uma semana, diziam todos os jornais. Mais ainda a favor de Peralta, se até lá o seguiam ou seguiam Walter, era impossível vê-los juntos nem a entrada nem a saída, dois torcedores entre milhares e milhares que apareciam como baforadas de fumaça do metro e dos ônibus, apertando-se a medida que o caminho se fazia um só e a hora se aproximava.

Vivo, Alain Delon: um toldo de circo montado num terreno baldio onde se chegava depois de atravessar uma passarela e continuar por uns caminhos improvisados com tabuões, Chovera na noite anterior e as pessoas não se afastavam dos tabuões, desde a saída do metro se orientando pelas enormes setas que indicavam o caminho certo e MONZÓN-NÁPOLES a cores. Vivo, Alain Delon, capaz de meter suas próprias setas no sagrado território do metro embora lhe custasse dinheiro. Estévez não gostava do cara, essa maneira prepotente de organizar o campeonato mundial por sua conta, armar um toldo e tome de cobrar adiantado sei eu lá quanta grana, mas tinha de reconhecer, dava alguma coisa em troca, não

falemos de Monzón e Mantequilla mas também as setas coloridas no metro, essa maneira de receber como um senhor, indicando o caminho a torcida que teria armado uma confusão nas saídas e nos terrenos baldios cheios de lama.

Estévez chegou como devia, a lotação pela metade, e antes de mostrar a entrada ficou olhando um instante os caminhões da policia e os enormes *trailers* iluminados por fora mas com cortinas escuras nas janelinhas, que se comunicavam com o toldo por galerias cobertas assim como para entrar num jato. Ali estão os boxeadores, pensou Estévez, o *trailer* branco e mais novo na certa que é o do Carlitos, esse eles não misturam com os outros. Nápoles devia ter seu *trailer* do outro lado do toldo, a coisa era científica e ao mesmo tempo pura improvisação, muita lona e *trailers* em cima dum terreno baldio. Assim é que se faz grana, pensou Estévez, só precisa ter ideia e culhão, cara.

Sua fila, a quinta a partir da zona do *ringside*, era um tabuão com os números marcados em tamanho grande, aí parecia ter acabado a cortesia de Alain Delon porque fora das cadeiras do *ringside* o resto era de circo e de circo ruim, tabuões lisos embora é verdade com umas recepcionistas de minissaia que apagavam logo de entrada qualquer protesto da gente. Estévez verificou por sua conta o 235, embora a moça sorrisse para ele mostrando o número como se ele não soubesse ler, e se sentou a folhear o jornal que depois lhe serviria de almofada. Walter ficaria a sua direita, e por isso Estévez tinha o pacote com o dinheiro e os papéis no bolso esquerdo do casaco; quando chegasse o momento poderia tirá-lo com a mão direita, levando-o imediatamente até os joelhos ele o faria deslizar para a bolsa, aberta a seu lado.

A espera fazia-se longa, tinha tempo para pensar em Marisa e no menino que deviam estar acabando de jantar, o menino já meio dormido e Marisa vendo televisão. Talvez passassem a luta e ela veria, mas ele não ia dizer-lhe que viera, pelo menos agora não podia, talvez algum dia quando as coisas estivessem mais tranquilas. Abriu o jornal sem vontade (Marisa olhando a luta, era engraçado pensar que não podia dizer nada com a vontade que teria de lhe contar, sobretudo se ela falava de Monzón e Nápoles), entre as notícias do Vietnã e as notícias policiais o toldo se enchia, atrás dele um grupo de franceses discutia as chances de Nápoles, a sua esquerda acabava de se instalar um bacana que primeiro examinou longamente e com uma espécie de horror o tabuão onde suas perfeitas calças azuis ficariam enxovalhadas. Embaixo havia casais e grupos de amigos, e entre eles três que falavam com um sotaque que podia ser mexicano; embora Estévez não fosse muito bom em sotaques, os torcedores de Mantequilla deviam abundar nessa noite em que o desafiante aspirava nada menos que a coroa de Monzón. Além do assento de Walter havia ainda alguns claros, mas as pessoas se amontoavam nas entradas do toldo e as moças tinham que se aplicar a fundo para instalar todo mundo. Estévez achava que a iluminação do ringue era forte demais e a música muito *pop*, mas agora que começava a primeira preliminar o público não perdia tempo com críticas e acompanhava interessado uma luta ruim de pura porrada e clinches; no momento em que Walter sentou a seu lado Estévez chegava a conclusão de que esse não era um autêntico público de boxe, pelo menos a sua volta; engoliam qualquer coisa por esnobismo, só para ver Monzón ou Nápoles.

— Desculpe — disse Walter acomodando-se entre Estévez e uma gorda que acompanhava a luta semi-abraçada a seu marido também gordo e com ar de entendido.

— Fique à vontade — disse Estévez. — Não é fácil, esses franceses marcam lugares só pra magros.

Walter riu enquanto Estévez empurrava a esquerda suavemente para não ofender o homem das calças azuis; no fim sobrou espaço para que Walter passasse a bolsa de tecido azul dos joelhos ao tabuão já estavam na segunda preliminar que também era ruim, a assistência se divertia sobretudo com o que acontecia fora do ringue, a chegada de um compacto grupo de mexicanos com sombreros de *charro*<sup>[13]</sup> mas vestidos como o que deviam ser, ricaços capazes de fretar avião pra torcer por Mantequilla, baixotes e largos, bundas salientes e caras a Pancho Villa, quase típicos demais enquanto atiravam os sombreros para o alto como se Nápoles já estivesse no ringue, gritando e discutindo antes de se incrustar nos assentos do *ringside*. Alain Delon devia ter tudo previsto porque os alto-falantes cuspiram na hora uma espécie de corrido que os mexicanos impressão de reconhecer. Estévez e Walter olharam-se irônicos, e

nesse mesmo momento, pela entrada mais distante, desembocou um montão de gente encabeçado por cinco ou seis mulheres mais corpulentas que altas, com pulôveres brancos e gritos de "Argentina, Argentina!" enquanto os de trás empinavam uma enorme bandeira nacional e o grupo todo abria passagem contra recepcionistas e poltronas, decidido a progredir até a beira do ringue onde certamente não estavam seus lugares. Entre gritos delirantes acabaram por formar fila que as recepcionistas levaram com a ajuda de alguns gorilas sorridentes e muitas explicações até os tabuões semi vazios, então Estévez viu que as mulheres ostentavam um MONZÓN negro nas costas do pulôver. Tudo isso alegrava consideravelmente um público que pouco se importava com a nacionalidade dos pugilistas desde que não fossem franceses, e já a terceira luta transcorria dura e parelha, embora Alain Delon parecesse não ter gasto muito dinheiro com os bagrinhos, quando os dois tubarões deviam estar prontos em seus *trailers* e eram a única coisa que importava.

Houve como que uma instantânea mudança no ambiente, alguma coisa subiu à garganta de Estévez; dos alto-falantes vinha um tango tocado por uma orquestra que bem podia ser a de Pugliese. Só então Walter o olhou em cheio e com simpatia, e Estévez se perguntou se seria um compatriota. Quase não tinham trocado palavra além de algum comentário relativo a uma ação no ringue, talvez uruguaio ou chileno mas nada de perguntas, Peralta fora bastante claro, gente que se encontra no boxe e da a casualidade que os dois falam espanhol, pare de falar.

— Bem, agora sim — disse Estévez. Todo mundo se levantava apesar dos protestos e dos assovios pela esquerda uma agitação clamorosa e os sombreiros de *charro* voando entre ovações, Mantequilla subia ao ringue que, de repente, parecia iluminar-se ainda mais, as pessoas olhavam agora para a direita onde não acontecia nada, os aplausos cediam a um murmúrio de expectativa e de seus lugares Walter e Estévez não podiam ver o acesso ao outro lado do silêncio e de súbito o clamor como único sinal, bruscamente o roupão branco destacando-se contra as cordas, Monzón de costas falando com os seus, Nápoles caminhando até ele, um ligeiro cumprimento entre flashes e o árbitro esperando que descessem o microfone, as pessoas que voltavam a sentar pouco a pouco, um último sombreiro de *charro* indo parar muito longe, devolvido a outra direção por pura sacanagem, tardio bumerangue na indiferença porque agora eram as apresentações e as saudações, Georges Carpentier, Nino Benvenuti<sup>[14]</sup> um campeão francês Jean-Claude Bouttier, fotos e aplausos e o ringue esvaziando-se aos poucos, o hino mexicano com mais sombreiros e ao final a bandeira argentina esvoaçando para esperar o hino, Estévez e Walter sem se levantar embora Estévez sentisse mas não era coisa pra babaquice a essa altura, em todo caso servia pra saber que não havia compatriotas muito perto, o grupo da bandeira cantava o final do hino e o pano azul e branco era sacudido de uma maneira que obrigou os gorilas a correr para esse lado por via das dúvidas, a voz anunciando os nomes e os pesos, segundos fora.

— Qual é o seu palpite? — perguntou Estévez. Estava nervoso, infantilmente emocionado agora que as luvas se roçavam no cumprimento inicial e Monzón, de frente, preparava essa guarda que não parecia uma defesa, os braços longos e magros a silhueta quase frágil diante de Mantequilla mais baixo e cabeçudo, soltando já dois golpes de advertência.

— Sempre gostei dos desafiantes — disse Walter, e atrás um francês explicando que a diferença de estatura ajudaria Monzón, golpes estudados, avançando e recuando sem esforço, *round* quase obrigatoriamente igual. Então gostava dos desafiantes, claro que não era argentino porque então; mas o sotaque, na cara que era uruguaio, perguntaria a Peralta que na certa não lhe responderia. Em todo caso não devia estar há muito tempo na França porque o gordo abraçado a mulher comentara algo com ele e Walter respondia de forma tão incompreensível que o gordo fazia um gesto desalentado e se punha a falar com alguém mais abaixo. Nápoles pega duro, pensou Estévez inquieto, duas vezes vira Monzón esquivar-se e a réplica chegava um pouco tarde, talvez tivesse sentido os golpes. Era como se Mantequilla compreendesse que sua única chance estava na pegada, boxear Monzón não lhe serviria como sempre lhe servira, sua maravilhosa velocidade encontrava uma espécie de vazio, um torso que girava e fugia

enquanto o campeão chegava uma, duas vezes à cara e o francês de trás repetia ansioso está vendo, está vendo como os braços o ajudam, talvez o segundo *round* fosse de Nápoles, o público estava calado, cada grito nascia isolado e era como que mal recebido, no terceiro *round* Mantequilla saiu com tudo e então o esperado, pensou Estévez, vão ver agora o que lhe toca, Monzón contra as cordas, um tronco vergando, um um-dois de açoite, o *clinch* fulminante para sair das cordas, uma troca de socos igual até o fim do *round*, os mexicanos trepados nos assentos e os de trás vociferando protestos ou também se levantando para ver.

— Bonita luta, cara — disse Estévez —, assim vale a pena.

— É.

Pegaram cigarros ao mesmo tempo, e os trocaram sorrindo, o isqueiro de Walter chegou antes, Estévez olhou seu perfil por um instante, depois o viu de frente, não era coisa de se olhar muito, Walter tinha o cabelo grisalho mas parecia muito jovem, com *blue jeans* e camisa marrom. Estudante, engenheiro? Fugido como tantos, entrando na luta, com amigos mortos em Montevidéu ou Buenos Aires, quem sabe Santiago, teria de perguntar a Peralta mesmo porque depois de tudo na certa que não voltaria a ver Walter, cada um por seu lado lembraria alguma vez que tinham se encontrado na noite de Mantequilla que estava dando tudo no quinto *round*, agora com um público todo de pé e delirante, os argentinos e os mexicanos varridos por uma enorme onda francesa que via a luta mais que os lutadores, que espreitava as reações, o jogo de pernas, no final Estévez percebia que quase todos entendiam a coisa a fundo, apenas um ou outro festejando idiotamente um golpe aparatoso e sem efeitos enquanto perdia o que de verdade estava acontecendo no ringue onde Monzón avançava e recuava aproveitando uma velocidade que a partir desse momento fazia mais e mais distante a de Mantequilla cansado, tonto, jogando-se todo contra o tronco de braços longos que outra vez se agachava nas cordas para voltar a atacar em cima e embaixo, seco e preciso. Quando soou o gongo, Estévez olhou Walter que tirava outra vez os cigarros.

— Está bem, é assim — disse Walter oferecendo-lhe o maço. — Se não se pode, não se pode.

Era difícil falar na gritaria, o público sabia que o *round* seguinte podia ser o decisivo, os torcedores de Nápoles o estimulavam quase como o empurrando, pensou Estévez com uma simpatia que não se chocava contra seu desejo agora que Monzón procurava a luta e a encontrava e ao longo de vinte intermináveis segundos batendo na cara e no corpo enquanto Mantequilla apressava o *clinch* como quem se atira a água, fechando os olhos. Não vai aguentar mais, pensou Estévez, e com esforço tirou o olhar do ringue para colocá-lo na bolsa de fazenda no tabuão, teria de fazer justamente no descanso quando todos se sentassem, exatamente nesse momento porque depois voltariam a se levantar e outra vez a bolsa ficaria sozinha no tabuão, duas esquerdas sucessivas na cara de Nápoles que voltava a procurar o *clinch*, Monzón fora de alcance, esperando apenas para voltar com um gancho extremamente preciso em plena cara, agora as pernas, tinha de olhar sobretudo as pernas, Estévez perito nisso achava Mantequilla pesado, atirando-se para a frente sem essa coordenação tão sua enquanto os pés de Monzón deslizavam de lado ou para trás, a cadência perfeita para que essa última direita pusesse tudo em pleno estômago, muitos não ouviram o gongo na gritaria histérica, mas Walter e Estévez sim, Walter se sentou primeiro ajeitando a bolsa sem olhá-la e Estévez, seguindo-o mais devagar, deixou escorregar o pacote em uma fração de segundo e voltou a levantar a mão vazia para gesticular seu entusiasmo no nariz do sujeito de calças azuis que não parecia muito atento ao que estava acontecendo.

— Isso é que é um campeão — disse-lhe Estévez sem forçar a voz porque de qualquer modo o outro não o escutaria nessa gritaria. — Carlitos, porra.

Olhou Walter que fumava tranquilo, o homem começava a se resignar, que é que se vai fazer, se não se pode não se pode. Todo mundo parado à espera do gongo do sétimo *round*, um brusco silêncio incrédulo e depois o alarido unânime ao ver a toalha na lona, Nápoles sempre em seu canto e Monzón avançando com as luvas no alto, mais campeão do que nunca, saudando antes de se perder no torvelinho dos abraços e dos flashes. Era um final sem beleza mas indiscutível, Mantequilla abandonava para não

ser a *punching-ball*<sup>[15]</sup> de Monzón, toda esperança perdida agora que se levantava para se aproximar do vencedor e alçar as luvas até sua cara, quase uma carícia enquanto Monzón punha as suas nos ombros dele e outra vez se separavam, agora para sempre, pensou Estévez, agora para não se encontrarem nunca mais em um ringue.

— Foi uma luta linda — disse a Walter que pendurava a bolsa no ombro e mexia os pés como se estivesse com câibras.

— Poderia ter durado mais — disse Walter —, mas os segundos de Nápoles não o deixaram voltar.

— Para quê? Você viu como estava acabado, cara, ele é muito bom lutador para não entender.

— Sim, mas quando se é como ele a gente deve jogar tudo, afinal, nunca se sabe.

— Com Monzón sim — disse Estévez e se lembrou das ordens de Peralta, estendeu a mão cordialmente. — Bem, foi um prazer.

— O mesmo digo eu. Até breve.

— Tchau.

Viu-o sair por seu lado, seguindo o gordo que discutia aos berros com a mulher, e ficou atrás do sujeito de calças azuis que não se apressava; pouco a pouco foram derivando a esquerda para sair de entre os tabuões. Os franceses de trás discutiam técnicas, mas Estévez se divertiu vendo que uma das mulheres abraçava o amigo ou marido, gritando-lhe sabe-se lá o que ao ouvido, beijava-o na boca e no pescoço. A menos que esse cara seja um idiota, pensou Estévez, tem de saber que ela está beijando o Monzón. O pacote não pesava mais no bolso do casaco, era como se pudesse respirar melhor, interessar-se pelo que acontecia, a moça agarrada ao sujeito, os mexicanos saindo com os sombreiros que de repente pareciam menores, a bandeira argentina um pouco enrolada mas ainda se agitando, os dois italianos gordos olhando-se com ar de entendidos, e um deles dizendo quase solenemente *gliel'a messo in culo*, e o outro concordando com tão perfeita síntese, as portas abarrotadas, uma lenta saída cansada e os caminhos de tábuas até a passarela na noite fria e chuvizando, afinal a passarela estalando sob uma carga crítica, Peralta e Chaves fumando apoiados na grade, sem um gesto porque sabiam que Estévez os veria e que disfarçaria sua surpresa, ele se aproximaria como se aproximou, tirando um cigarro.

— Não deu a mínima — informou Estévez.

— Já sei — disse Peralta —, eu estava lá.

Estévez olhou-o surpreendido, mas eles se viraram ao mesmo tempo e desceram a passarela entre as pessoas que já começavam a rarear. Soube que teria de segui-los e os viu sair da avenida que levava ao metrô e entrar numa rua mais escura. Chaves se virou uma única vez para assegurar-se de que não os tinha perdido de vista, depois foram diretamente ao carro e entraram sem pressa mas sem perder tempo. Estévez entrou atrás com Peralta, o carro arrancou em direção ao sul.

— Então você foi — disse Estévez. — Não sabia que gostava de boxe.

— Gosto uma porra — disse Peralta —, embora Monzón valha o dinheiro que custa. Fui para ver você de longe por via das dúvidas, não era uma boa que estivesse sozinho, numa dessas.

— Bom, então você viu. Sabe que o coitado do Walter torcia pelo Nápoles.

— Não era Walter — disse Peralta.

O carro seguia para o sul, Estévez sentiu confusamente que por essa rota não chegariam à zona da Bastilha, sentiu-o como coisa passada, porque todo o resto era uma explosão em plena cara, Monzón esmurrando-o e não a Mantequilla. Nem sequer pode abrir a boca, ficou olhando Peralta e esperando.

— Era tarde para prevenir você — disse Peralta. — Pena que saísse tão cedo de casa, quando telefonamos Marisa nos disse que você já tinha saído e que não voltaria.

— Tive vontade de caminhar um pouco antes de pegar o metro — disse Estévez. — Mas, então, me conte.

— Deu tudo errado — disse Peralta. — Walter telefonou ao chegar a Orly esta manhã, dissemos o que tinha de fazer, confirmou ter recebido o ingresso para a luta, tudo certinho. Acertamos que ele me

telefonaria do 'aparelho' de Lucho antes de sair, só por segurança. Às sete e meia não tinha telefonado, telefonamos a Genevieve e ela ligou de volta para avisar que Walter não tinha chegado até Lucho.

— Estava sendo esperado a saída de Orly — disse a voz de Chaves.

— Mas então quem era aquele... — começou Estévez, e deixou a frase interrompida, de repente compreendia e era suor frio brotando de seu pescoço, escorregando debaixo da camisa, um torniquete apertando seu estômago.

— Tiveram sete horas para lhe tirar as informações — disse Peralta. — A prova, o sujeito conhecia cada detalhe do que tinha de fazer com você. Já sabe como trabalham, nem Walter pôde aguentar.

— Amanhã ou depois de amanhã será encontrado em algum terreno baldio — disse quase aborrecidamente a voz de Chaves.

— Que lhe interessa isso agora? — disse Peralta. — Antes de vir a luta arranjei para que se mandassem dos 'aparelhos'. Sabe, ainda tinha alguma esperança quando entrei nesse toldo de merda, mas ele já tinha chegado e não podia fazer nada.

— Mas então — disse Estévez —, quando saiu com o dinheiro...

— Eu o segui, claro.

— Mas antes, se você já sabia...

— Nada a fazer — repetiu Peralta. — Perdido por perdido, o cara nos enfrentava ali mesmo e teriam encanado todos nós, você sabe que eles têm as costas quentes.

— O que aconteceu então?

— Do lado de fora três outros o esperavam, um tinha um passe ou coisa parecida e em menos tempo do que lhe conto estavam em um carro do *parking* para a turma do Delon e o pessoal da grana, com tiras por todos os lados. Então voltei a passarela onde Chaves nos esperava, e aí você tem a história. Anotei o número do carro, claro, mas não vai servir pra porra nenhuma.

— Estamos saindo de Paris — disse Estévez.

— Sim, vamos a um lugar tranquilo. O problema agora é você, já deve ter entendido.

— Por que eu?

— Porque agora o cara conhece você e vão acabar por encontrá-lo. Não havia mais 'aparelhos' depois do que aconteceu com o Walter.

— Tenho de ir embora, então — disse Estévez. Pensou em Marisa e no menino, como levá-los, como deixá-los sozinhos, tudo se misturava com árvores de um começo de bosque, o zumbido nos ouvidos como se ainda a multidão estivesse berrando o nome de Monzón, naquele momento em que tinha havido como que uma pausa de incredulidade e a toalha caindo no meio do ringue, a noite de Mantequilla, pobre velho. E o cara torcera por Mantequilla, agora que pensava nisso era estranho que ficasse do lado do perdedor, deveria estar com Monzón, como alguém que dá as costas e se vai com tudo, ainda mais zombando do vencido, do pobre coitado com a cara quebrada ou com a mão estendida dizendo-lhe bem, foi um prazer. O carro freava entre as árvores e Chaves desligou o motor. Na escuridão ardeu o fósforo de outro cigarro, Peralta.

— Tenho de ir embora, então — repetiu Estévez — Para a Bélgica, se você concorda, lá está aquele que você sabe.

— Estaria seguro se chegasse lá — disse Peralta —, mas já viu o que houve com o Walter, têm gente em todas as partes e muita influência.

— A mim não pegarão.

— Como o Walter, quem ia agarrá-lo e fazê-lo cantar? Você sabe coisas que o Walter não sabia, isso é ruim.

— A mim não pegam — repetiu Estévez. — Olhe, só tenho que pensar em Marisa e no menino, agora que tudo foi à merda, não posso deixá-los aqui, vão se vingar nela. Num dia ajeito tudo e levo os dois pra Bélgica, vejo aquele que vocês sabem e sigo sozinho pra outro lado.

— Um dia é muito tempo — disse Chaves virando-se no banco. Os olhos acostumavam-se a escuridão, Estévez viu sua silhueta e a cara de Peralta quando levava o cigarro à boca e o fumava.

— Está bem, irei o mais depressa que puder — disse Estévez.

— Agora mesmo — disse Peralta sacando o revólver.

© Julio Cortázar, 1977

Título original  
Alguien que anda por ahí

Tradução  
Remy Gorga, filho

Capa  
Marcelo Spotti

Revisão  
Augusto Mesquita

Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.  
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa  
CEP: 22.461 — Tel.: 286-7822  
Endereço Telegráfico: NEOFRONT  
Rio de Janeiro — RJ

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C854a

Cortázar, Julio, 1914-

Alguém que anda por aí/Julio Cortázar; tradução de Remy Gorga, filho. — Rio de Janeiro:  
Nova Fronteira, 1981.

Tradução de: Alguien que anda por ahí

1. Contos argentinos I. Título

81-0387

CDD: 868.99323

CDU: 860(82)-34

---

# Notas

- [1] No original, *clave* e *clavo*, chave e cravo ou espinho.
- [2] Gimnasia y Esgrima, clube esportivo de La Plata.
- [3] Masai: tribo de criadores de gado que habita o Vale do Rift, no Quênia.
- [4] Karen Blixen-Finecke, escritora dinamarquesa. Escreveu em inglês com o pseudônimo de Isak Dinesen. Alguns de seus contos relatam experiências na África.
- [5] San Isidro, hipódromo em Buenos Aires.
- [6] *Panga*, na América Central, lancha, bote.
- [7] Manteve-se em italiano todos os nomes e as passagens que assim estão no original.
- [8] Este relato foi publicado no catálogo de uma exposição do pintor venezuelano Jacobo Borges.
- [9] *Barack palinka*, bebida alcoólica húngara, à base de damasco.
- [10] *Danzón*, dança (ou música) cubana parecida à *habanera*.
- [11] Título da versão, em espanhol, de *Smoke get in your eyes*, de Jerome Kern.
- [12] Monzón, Carlos, boxeador argentino, campeão mundial dos pesos-médios; Nápoles, José, boxeador mexicano, apelidado Mantequilla, ganhou o título mundial dos meios-médios em 1969.
- [13] *Charro*: carregado de enfeites de mau gosto.
- [14] Georges Carpentier, campeão mundial dos meios-pesados de 1920 a 1922; Nino Benvenuti, campeão mundial dos pesos-médios em 1967 e de 1968 a 1970 (ganhou, perdeu e recuperou o título).
- [15] *Punching-ball*, bola de treinamento (na parede, teto ou solo).